

UNIVERSIDADE FEDERAL DA PARAÍBA
CENTRO DE EDUCAÇÃO
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM CIÊNCIAS DAS RELIGIÕES

O NIRVANA DO EU
OS DIÁLOGOS ENTRE A POESIA DE AUGUSTO DOS ANJOS E A
DOCTRINA BUDISTA

LINALDO GUEDES

João Pessoa-PB

2017

**O NIRVANA DO EU:
OS DIÁLOGOS ENTRE A POESIA DE AUGUSTO DOS ANJOS E
A DOUTRINA BUDISTA**

Dissertação de Mestrado apresentada à Comissão de Pós-Graduação do curso de Ciências da Religião, da Universidade Federal da Paraíba, como requisito parcial para obtenção do título de Mestre em Ciências da Religião

Orientadora: Prof^a Dr.^a Maria Lucia Abaurre Gnerre

G924n Guedes, Linaldo.

O nirvana do eu: os diálogos entre a poesia de Augusto dos Anjos e a doutrina budista / Linaldo Guedes. - João Pessoa, 2017.
93 f.

Orientadora: Maria Lucia Abaurre Gnerre.
Dissertação (Mestrado) - UFPB/CE

1. Ciências das Religiões. 2. Budismo. 3. Augusto dos Anjos – Poesia - Análise. 4. Schopenhauer, Arthur 1788 – 1860 - Filosofia. I. Título.

UFPB/BC

CDU: 279.224(043)

UNIVERSIDADE FEDERAL DA PARAÍBA
CENTRO DE EDUCAÇÃO
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM CIÊNCIAS DAS RELIGIÕES

*"O NIRVANA DO EU OS DIÁLOGOS ENTRE A POESIA DE AUGUSTO DOS ANJOS
E A DOCTRINA BUDISTA"*

Linaldo Guedes de Aquino

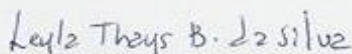
Dissertação apresentada à banca examinadora constituída pelos seguintes professores:



Maria Iáicia Abaurre Gnerre
(orientadora/PPGCR/UFPB)



Milton Marques Junior
(membro-externo/PPGL/UFPB)



Leyla Thays Brito da Silva
(membro-externo/UFPB)

Aprovada em 27 de junho de 2017.

AGRADECIMENTOS

À minha orientadora, Maria Lucia Abaurre Gnerre, pelo norte que me deu para chegar aqui

Aos professores, integrantes da banca: Milton Marques Júnior e Leyla Thays Brito da Silva, pelas sugestões apresentadas para a elaboração final deste trabalho

À minha família, especialmente minha mãe e meu filho, pelo carinho e o apoio de sempre

Aos professores de Ciências de Religião, por tudo que aprendi com eles: Fernanda Lemos, Johni Langer, Carlos André Cavalcanti e Joaquim Monteiro

À filosofia de Schopenhauer

Aos ensinamentos de Buda

À poesia de Augusto dos Anjos

*O poeta é um fingidor
Finge tão completamente
Que chega a fingir que é dor
A dor que deveras sente.*

(Fernando Pessoa, in Autopsicografia)

RESUMO

O Nirvana do Eu

Os diálogos entre a poesia de Augusto dos Anjos e a doutrina budista

Este trabalho busca analisar os possíveis diálogos entre a Doutrina Budista e a poesia de Augusto dos Anjos publicada no livro *EU*. Para isso, o trabalho está dividido em três capítulos. No primeiro, a abordagem é em torno de Augusto dos Anjos, sua vida, sua obra, seu tempo, sua religiosidade. O segundo capítulo aborda aspectos do Budismo, mostrando suas origens, sua chegada ao Brasil e o “Eu” na filosofia budista; fala também sobre a influência do filósofo alemão, Arthur Schopenhauer, na produção poética de Augusto dos Anjos e mostra como esse tema vem sendo alvo de estudos dentro e fora da academia. Já o terceiro capítulo analisa os poemas publicados no livro *EU* à luz do Budismo, mostrando que elementos da filosofia budista influenciaram o poeta paraibano a ponto de ele não só citar termos da religião oriental em seus poemas, como também a adotar em sua poética uma filosofia que, assim como o Budismo, reconhece que tudo é sofrimento.

Palavras-chave: Augusto dos Anjos, Budismo, Schopenhauer, EU, Nirvana

Abstract:

The Nirvana of "Eu": the dialogues between the poetry of Augusto dos Anjos and the Buddhist doctrine

This study seeks to analyze the potential dialogues between the Buddhist doctrine and Augusto dos Anjos' poetry published in the book "EU". For this, the work is divided into three chapters. In the first, the approach is about Augusto dos Anjos, his life, his work, his time, his religion. The second chapter discusses aspects of Buddhism, showing its origins, its arrival in Brazil and "EU" in Buddhist philosophy; also talks about the influence of the German philosopher, Arthur Schopenhauer, in the poetic production of Augusto dos Anjos and shows how this theme has been the focus of studies within and outside the Academy. The third chapter analyzes the poems published in the book "EU" by the light of Buddhism, showing which elements of the Buddhist philosophy influenced the poet for not only to mention some expressions of Eastern religion in his poems, but also to adopt in his poetic a philosophy that, just like Buddhism, recognizes that everything is suffering.

Keywords: Augusto dos Anjos, Buddhism, Schopenhauer, EU, Nirvana

SUMÁRIO

INTRODUÇÃO.....	13
Capítulo 1 – Augusto dos Anjos, sua vida e obra, seu tempo, sua religiosidade.....	16
1.1. Augusto dos Anjos: de filho de Senhor de Engenho a professor.....	17
1.2. Augusto dos Anjos: sua obra, seu tempo, a crítica.....	23
1.2.1. Biografismo e a problemática do autor.....	29
1.3. Augusto dos Anjos: sua religião, seu lado espiritual.....	31
Capítulo 2 – Budismo, Schopenhauer, Augusto como estudo acadêmico.....	37
2.1. Origem do Budismo, sua chegada ao Brasil e o “Eu” na filosofia budista.....	39
2.2. Schopenhauer e a filosofia que influenciou Augusto dos Anjos.....	44
2.3. Augusto dos Anjos e o Budismo: uma relação acadêmica.....	49
Capítulo 3 – O Nirvana do Eu.....	53
3.1. Referências ao Budismo no <i>EU</i>	56
3.2. Monólogo de um Sombra: carta de apresentação budista?.....	68
3.3. Poemas além, mas não tão aquém do Budismo.....	87
CONSIDERAÇÕES FINAIS.....	91
BIBLIOGRAFIA.....	93

INTRODUÇÃO

A obra *EU*, do poeta Augusto dos Anjos, consiste no único livro de poemas do autor em vida e foi publicada em 1912, sendo custeada pelo próprio autor e pelo irmão Odilon dos Anjos. Mais de 100 anos depois de publicado, o livro continua gerando estudos, análises e teses sobre o vocabulário difícil utilizado por Augusto dos Anjos, os versos rigorosamente metrificadas, o cientificismo, o pessimismo e o espiritualismo/materialismo de seus poemas.

Entre esses estudos sobre Augusto dos Anjos estão os que vinculam sua poética ao Budismo. Algumas dissertações recorrem a poemas e excertos da produção poética augustiana para argumentarem que o Budismo estava, sim, presente na obra de Augusto dos Anjos. Pelo menos três poemas são sempre citados: “Budismo moderno”, “O Meu Nirvana” e “Revelação”. São poemas em que, como os próprios títulos sugerem, existem fortes elementos budistas em seus versos. Talvez um Budismo moderno, aliado a influências científicas, como afirmam alguns autores. De qualquer forma, há neles um respeito ao legado da doutrina budista.

Entendemos que não apenas nestes três poemas, ou em trechos de outros, Augusto dos Anjos deixou explícito o seu alinhamento filosófico à doutrina budista. Grande parte da poesia inserida no *EU* parece estar impregnada dessa influência oriental. O Budismo, como se sabe, ensina, entre outras coisas, a superação do sofrimento através de quatro nobres verdades, que de forma resumida referem-se ao sofrimento (*dukkha*): sua natureza, sua origem, sua cessação e o caminho que conduz a essa cessação. O caminho do Sidarta Gautama para a Iluminação passa pela superação do sofrimento, da dor que é comum a todos os mortais. Um caminho que tem quatro sinais, como a velhice, a doença, a morte e a decomposição do corpo.

Há evidências de que esses elementos da filosofia budista estão presentes de forma acentuada na poesia de Augusto dos Anjos, principalmente no livro *EU*. Em sua única obra lançada enquanto estava vivo, Augusto dos Anjos cantou, como poucos, as dores da vida, o sofrimento, a decomposição humana e a morte, que, como afirma em um dos poemas, sai a 1 de janeiro para assassinar o mundo inteiro e o mundo inteiro não lhe mata a fome.

Não é à toa que muitos estudiosos procuraram as mais diversas razões para explicar esse vocabulário e essa filosofia na poética de Augusto dos Anjos. Alguns chegam, inclusive, a trocar a obra pelo autor e sugerir que o pessimismo de Augusto decorria dos problemas financeiros e de saúde que enfrentou ao longo da vida (Augusto morreu de pneumonia). Outros atribuem esse pessimismo à influência do filósofo alemão Arthur Schopenhauer.

O certo é que percebemos, sem prejuízo para as demais influências, que Augusto dos Anjos adotou em sua poética uma visão de mundo e de vida muito semelhante à doutrina pregada por

Buda e seus seguidores. Isso parece ser constatado em praticamente todos os poemas do *EU*. Em alguns de forma mais explícita e em outros de uma maneira sutil. Pretendemos, neste estudo, observar em que medida essa filosofia budista está inserida na poética de Augusto dos Anjos e que o pessimismo presente em seus versos não era apenas influência de Schopenhauer, mas, sim, uma busca de eliminação do sofrimento através de uma espécie de Nirvana poético.

Há autores que explicam esses poemas budistas na obra de Augusto dos Anjos a partir da influência que Arthur Schopenhauer, filósofo que introduziu o Budismo e o pensamento indiano na metafísica alemã, possa ter exercido na poesia pessimista do paraibano. De fato, Augusto era um discípulo de Schopenhauer em sua poética, impregnada justamente da filosofia pessimista do alemão de Danzing.

Para Elvis Brassaroto Aleixo (2008)¹, Augusto dos Anjos “matou” o Budismo primitivo para criar o seu próprio Budismo, numa espécie de recodificação poética dessa filosofia. Como exemplo cita o poema “Budismo Moderno”, que recebera este nome, segundo Brassaroto, por ser um Budismo ocidental, o qual, ao contrário do Budismo oriental, se harmoniza com as últimas descobertas das ciências naturais.

Pensamos que a influência do Budismo em Augusto dos Anjos não ficou restrita a três ou quatro poemas ou excertos de outros espalhados pela produção poética do autor de “Monólogo de uma sombra”. Na leitura do *EU*, de *Outras Poesias* e dos *Poemas Esquecidos*, encontramos dezenas e dezenas de poemas que pagam tributo à doutrina budista. O Budismo, como se sabe, é um sistema religioso e filosófico transmitido por Buda (Sidarta Gautama) por volta do século VI a.C. que mostra o caminho da libertação através dos ensinamentos e das práticas espirituais. De acordo com o Budismo, a disciplina mental pode aliviar o sofrimento do ser humano, levando-o a atingir o estado supremo de plenitude – o Nirvana.

O Budismo é uma religião não-teísta. Nela, não há um Deus que dirige o universo e está configurada numa série de convenções e ensinamentos baseados na mensagem de Sidarta Guatama, o Buda. A pedra fundamental de um Buda é a compaixão. O jovem Sidarta foi criado numa vida luxuosa, dentro de um Palácio. Um dia, ao sair do Palácio, teve visões que o atormentaram, como a velhice, a doença e a morte. A partir de então, renunciou ao mundo material e passou a viver no caminho do ascetismo até o seu encontro com a Iluminação.

Buda orientava que o sofrimento físico traz perturbações à mente e que o conforto físico traz apego às paixões. Segundo ele, é preciso abandonar esses dois extremos e seguir o caminho do meio. Conforme sua doutrina, aquele que praticar isso se livrará dos tormentos do nascimento, da velhice e da morte. Todos os seres vivos estão sujeitos ao sofrimento. É preciso, portanto, conhecer

1 Dissertação de mestrado sobre a expressão do sagrado budista na poesia de Augusto dos Anjos, pela Universidade Estadual de Campinas, São Paulo.

a existência do sofrimento e depois destruir a sua origem, praticando o caminho do meio. Uma das conclusões de Buda é que nada no homem sobrevive à morte.

Nissim Cohen (2008)² lembra que o Buda formulou a sua doutrina de uma maneira que se dirige ao problema crítico que está no coração da existência humana – o problema do sofrimento/insatisfação – e ele promete àqueles que seguirem seu ensinamento até o fim que eles conseguirão aqui e agora a mais alta felicidade e paz (o Nirvana). O estudioso destaca que o Buda diz que o homem é constituído de tal maneira que sua condição gera conflitos, descontentamentos e ansiedades e que as doenças mentais prevalecerão até que as raízes da paixão, animosidade e ignorância sejam eliminadas.

Não pretendemos, neste trabalho, provar que Augusto dos Anjos era budista. Mas queremos descobrir o quanto a poesia do autor do *EU* continha, de forma acentuada, em sua filosofia, o pensamento e a doutrina budista, através da análise de seus poemas. Uma filosofia que exalta o sofrimento para libertar-se dele. Ou, como diz o próprio Augusto dos Anjos no poema “O Meu Nirvana”, uma poesia que goza o prazer que os anos não carcomem “*De haver trocado a minha forma de homem/ Pela imortalidade das Ideias!*”. Para tanto, pretendemos analisar, à luz da doutrina budista, não apenas os poemas já conhecidos que fazem referência ao Budismo. E, sim, todos os poemas incluídos no livro *EU*. A partir dessa leitura e dessa análise pretendemos perceber se os quatro sinais de Buda - velhice, doença, morte e decomposição do corpo - estão presentes na poética augustiana. E que no seu único livro, Augusto dos Anjos, como se seguisse a doutrina budista, buscou revelar seu interior, seu *EU*, na criação de seu Nirvana poético. *Ensinamentos do Buda*, de Nissim Cohen, será o livro que utilizaremos como base quando fizermos referências ao Budismo, assim como a *Obra Completa* de Augusto dos Anjos, organizada por Alexei Bueno, e *O mundo como vontade e representação*, principal obra de Arthur Schopenhauer, quando falarmos do poeta paraibano e do filósofo alemão, respectivamente.

2 COHEN, Nissim (org). *Ensinamentos do Buda: uma antologia do cânone Páli*. São Paulo, SP: Devir Livraria, 2008.

Capítulo 1 – Augusto dos Anjos, sua vida, sua obra, seu tempo, sua religiosidade

Otto Maria Carpeaux chegou a classificá-lo como o mais original, o mais independente dos poetas mortos do Brasil. Hermes de Fontes dizia que era um poeta que não se confundia com os outros e Antônio Torres que era um caso singular na literatura brasileira. O certo é que Augusto dos Anjos ao lançar seu primeiro e único livro em 1912, *EU*, estava entrando definitivamente na história da literatura brasileira e mundial. Na verdade, chocou a todos, com o palavreado difícil de expressões que não eram comumente utilizadas pela literatura da época. Chocou principalmente aos parnasianistas, a ponto de, conforme a lenda, o principal representante daquela escola literária, Olavo Bilac, dizer que o Brasil não tinha perdido muita coisa com a morte de Augusto dos Anjos.³

Augusto de Carvalho Rodrigues dos Anjos nasceu no dia 20 de abril de 1884, no Engenho Pau D'Arco, município de Cruz do Espírito Santo, Paraíba. Em 1912, lançou seu único livro de poemas – *EU*, acrescido de *Outras Poesias* na segunda edição organizada pelo jornalista Órris Soares (1920), amigo do poeta. Em vida, Augusto passou por dificuldades financeiras após a decadência da família e, como professor, teve que sair da Paraíba para tentar uma vida mais digna para sua família no Rio de Janeiro e depois em Leopoldina, Minas Gerais, onde veio a falecer em 1914, vítima de pneumonia.

A sua única obra foi alvo de muitas críticas nos meios literários. A maioria delas renegando a linguagem cientificista e o tom de pessimismo nos poemas de Augusto dos Anjos. Muitos termos foram utilizados para definir sua poesia, como horrendo mau gosto, artificial, poesia cemiterial, nosografia, visão obsessiva da morte, entre outros.

Muitos estudiosos procuraram razões clínicas para o vocabulário cientificista e para a obsessão não só pelo sangue, como diz em um de seus poemas, mas também pela dor, pelos coveiros, pelos cemitérios, enfim, por tudo que a humanidade rejeita. Daí, muitos classificá-lo de pessimista. O sociólogo Gilberto Freyre escreveu que Augusto dos Anjos era extremamente sensível a tudo que lhe parecia sordidez. “O mundo do sexo era para ele um mundo sórdido, em que o homem só fazia degradar-se numa espécie de lama: lama de carne” (FREYRE, 1924). Não parece coincidência que, naquele que é considerado o seu primeiro sermão, Buda ensina que há dois extremos aos quais aquele que abandonou a vida em família e seguiu a vida santa não deve se entregar: a busca da felicidade nos prazeres sensuais, que seriam baixos, vulgares, grosseiros,

3 O episódio lendário é narrado pela escritora Ana Miranda em seu romance “A Última Quimera”. Ao saber da morte de Augusto dos Anjos, Olavo Bilac lamenta não tê-lo conhecido. Seu interlocutor fala que Augusto era poeta e recita o poema “Versos Íntimos”. Bilac teria reagido assim, após ouvir a leitura do poema: “Pois se quem morreu é o poeta que escreveu esses versos, então não se perdeu grande coisa”.

ignóbeis e que não trazem benefício; e a busca da mortificação, que seria dolorosa, ignóbil e que não traz benefício.

Já Álvaro Lins (1947) afirma encontrar em Augusto dos Anjos o mais puro valor literário e o mais horrendo mau gosto. Medeiros e Albuquerque (1928) via no livro de Augusto dos Anjos uma monstruosidade. A maioria dos críticos que foram contemporâneos de Augusto via nele apenas um poeta materialista, que sofria influências de Haeckel, Darwin e Spencer.

Outros, no entanto, viam além disso. Para o crítico José Oiticica (1941), por exemplo, as tendências de Augusto dos Anjos eram todas antimaterialistas e acentuadamente espiritualistas. Em seus versos, principalmente nos póstumos, argumenta Oiticica, as intenções teosóficas são frequentes.

Augusto dos Anjos era de família católica e cumpriu todos os rituais católicos, inclusive solicitou a extrema-unção na hora da morte. Em alguns de seus versos expõe essa tradição e em um deles chega a dizer que Jesus Cristo não morreu e que vivia no ar de sua terra, na Serra da Borborema. Sua poesia não se prende, no entanto, à louvação do catolicismo ou de uma outra religião específica. Mas pode ser encontrada forte influência da doutrina budista, na filosofia que reconhece que o ser humano está fadado à dor e ao sofrimento, por exemplo.

Buda ensinou que tudo é dor. “A dor era a síntese e alvo vital do seu doutrinamento”, conforme Elvis Brassaroto Aleixo (2008). Filosofia de que compartilha o poeta paraibano, no entendimento de Elbio Spencer (1967). Para este estudioso, a temática do trabalho de Augusto dos Anjos foi a dor: “Não a dor como uma fraqueza humana, mas a dor como uma constante, como veículo de manifestação da matéria” (1994, p. 180).

Para enfatizar essa influência da filosofia budista na obra de Augusto dos Anjos, recorreremos à Órris Soares, ao observar a predominância do preto e da dor na retina do poeta:

A vida, na afligente esterilidade de suas energias, não merece ser vivida. Tudo é negação. A felicidade reside no Nirvana, na Paz Absoluta, no Não Ser, no Nada, e tal é a convicção aterradora do poeta que chega a suplicar à geleia – forma inacabada, primeira animação da matéria – que não progrida, que não passe do seu silêncio de geleia, que fique na inexistência tranquila para evitar o infortúnio, a desgraça das desgraças, a desgraça de vir a ser alma. (SOARES, 1994, p.67)

1.1. Augusto dos Anjos: de filho de Senhor de Engenho a professor

Augusto dos Anjos era filho de Alexandre Rodrigues dos Anjos e D. Córdula de Carvalho Rodrigues dos Anjos. Recebeu do pai as primeiras letras e instrução colegial e “Saudade” é o título do seu primeiro poema, publicado no Almanaque do Estado da Paraíba em 1900. Por esta época, torna-se colaborador assíduo de jornais da Paraíba e de Recife, com crônicas e poemas.

Em 1905, seu pai, Alexandre Rodrigues dos Anjos, morre e Augusto lhe dedica três sonetos: “A meu pai doente”, “A meu pai morto” e “Ao sétimo dia do seu falecimento”. Em 1908, retorna à capital da Paraíba. Dá aulas particulares e colabora com o jornal da Festa das Neves, “Nonevar”. No mesmo ano, é nomeado professor do Liceu Paraibano. Em 1909 começa a colaborar com o jornal “A União”, onde publica poemas como “Budismo moderno”, “Mistérios de um fósforo” e “Noite de um visionário”.

Em perfil que traça de Augusto dos Anjos no prefácio à segunda edição do *EU*⁴, Órris Soares (1920) define o poeta paraibano como magro, de uma magreza esquelética. Para Órris Soares, Augusto dos Anjos nascera sofrido e sua única força criadora e redentora foi a dor.⁵ Ainda segundo ele, Augusto dos Anjos tinha um tipo excêntrico de pássaro molhado, mas sua fama de bom estudante corria por todos os recantos da então província da Parahyba. O único professor que tivera no curso de Humanidades teria sido seu pai, Alexandre dos Anjos.⁶

José Lins do Rego⁷ reforça essa fala de Órris Soares e lembra que o homem magro foi menino de engenho no Pau D' Arco. Narra, inclusive, que quando o Dr. Alexandre dos Anjos toma conta do engenho, uma crise do açúcar já arrasava a lavoura de cana. Mas o senhor de engenho era um letrado, explica:

Ele não tira a gravata do pescoço, sabe latim, sabe grego, sabe ciências naturais, volta-lhe a tradição paterna da bacharelise. As mãos são finas e manejam muito bem uma caneta. O tamarindo dá uma sombra benfazeja, bem boa para os mormaços. E há Cícero para ler e há um clássico para o gozo de um quinhentismo exótico. O Dr. Alexandre tinha a casa cheia de meninos e todos são vivos e querem estudar. O tamarindo se transforma numa escola socrática. Mas o açúcar não ajuda o humanista Alexandre. (REGO, 1994, p.134)

Por essa época, Augusto dos Anjos era um menino atingido pela decadência de sua família. José Lins do Rego acrescenta que o que Augusto vê dentro de casa é a morte: o pai morto, a família perdida, o morcego nos caibros do quarto, a última aritmética, morte certa de tudo e que o elemento humano que cerca o poeta do *EU* não lhe traz conforto algum.⁸

De fato, a vida não foi generosa com o nosso poeta, mas graças ao seu talento conseguia se

4 Eu (Poesias Completas), Imprensa Oficial da Paraíba, 1920.

5 Órris Soares faz um perfil de Augusto dos Anjos que aproxima muito o poeta paraibano da filosofia budista. Diz ele: “Foi sempre amparado por esta visão sofrida que o poeta viu e sentiu a vida. Teve da dor a compreensão flagrante, sendo o seu coração, por ultrasensível, uma fonte inesgotável de aflições, que ele nunca soube distrair ou enganar”.

6 No “Memorial Augusto dos Anjos – Um roteiro cultural e poético”, organizado por Maria do Socorro Silva de Aragão, Neide Medeiros Santos e Ana Isabel de Souza Leão Andrade, está a informação de que o pai de Augusto serviu de professor aos filhos, num dos salões da Casa Grande. “Além das aulas de conhecimentos gerais, ministrava aos filhos aulas de catecismo”, informa.

7 Em texto publicado por José Lins do Rego em “De Homens, seres e coisas”, Rio de Janeiro, Ministério da Educação e Cultura, Serviço de Documentação, 1952 (Col. Os Cadernos de Cultura).

8 José Lins do Rego, de certa forma, também vincula a literatura de Augusto ao universo da dor, do sofrimento, tão presente no Budismo, quando sentenciava em determinado trecho de seu texto: “E assim foge dos caminhos por onde arrebatava a alma dos vegetais para procurar uma dor”.

destacar na vida acadêmica. Augusto dos Anjos iniciou os estudos no curso de Humanidades do Liceu Paraibano, em João Pessoa, em 1900. Em fevereiro de 1903, matriculou-se na Faculdade de Direito do Recife. Dois anos depois, em 13 de janeiro, seu pai morre, parálítico e afásico, no Engenho Pau D'Arco. Neste mesmo ano, foi aprovado com louvor, com grau 9, em exames escritos de Direito Constitucional, Direito Internacional e Direito Civil. Em 2 de dezembro de 1907 é aprovado com distinção em todas as cadeiras e forma-se pela Faculdade de Direito do Recife. No mesmo ano, torna-se professor particular de Humanidades, em João Pessoa. Em 1908, mesmo ano do seu noivado com Ester Fialho, leciona no Instituto Maciel Pinheiro e coloca anúncio no jornal “A União” se oferecendo para dar aulas particulares.⁹

Augusto dos Anjos já escrevia crônicas em jornais neste tempo. Seu estilo, no entanto, era criticado pelo pedantismo e pelo hermetismo. O estilo que faria sucesso anos depois na sua poesia era alvo de forte rejeição na prosa. No dia 13 de maio de 1909, faz um discurso no Teatro Santa Roza sobre a escravidão humana. A peça seria publicada no jornal “A União”, nos dias 20, 22 e 23 de maio daquele ano. Para Augusto dos Anjos, o escravo era a negação vertebrada do impulso evolutivo que existe ocultamente no fundo de todas as coisas. “A alma de um escravo é como a fotografia de um túmulo”, comparava. Em seguida, condói-se da vida dos escravos, ao descrevê-la. O discurso é encerrado com vivas a José do Patrocínio, à República brasileira e ao presidente do Estado da Parahyba, João Lopes Machado.¹⁰ Ainda em 1909, é nomeado professor interino de Literatura no Liceu Paraibano. No ano seguinte, casa-se com Esther Fialho e passa a morar na casa da mãe da noiva, dona Miquelina Amélia Monteiro Fialho.

Sobre a atuação de Augusto dos Anjos como professor, vale a pena reproduzir aqui o depoimento de J. Veiga Júnior, que teria sido aluno do poeta, a Humberto Nóbrega, publicado na biografia que Fernando Melo fez do autor do “EU”:

Na aula, só ele falava. Os alunos limitavam-se a ouvir-lhe a prolixa preleção, toda ela abusivamente gesticulada. O estudante chamado à lição quase não tugia nem mugia, não porque não a soubesse, mas porque não tinha tempo de falar. Augusto dos Anjos partilhava a preleção com o irritante cacoete: - 'Não é exatamente?' O arguido tinha que responder 'sim' ou 'não'. E, com essa resposta monossilábica, o incomparável poeta colhia elementos para a justa atribuição da nota quase sempre boa. Pelo seu assombroso conhecimento, frequentemente recorria a citações eruditas. Seu estilo será, por isso, em alguns pontos, pouco compreensivo e obscuro, mas suas aulas eram intuitivas. Facilmente compreensível a todos os ouvintes. (MELO, 2001, p.109)

9 O anúncio colocado por Augusto nos jornais foi publicado nos seguintes termos: “O Bacharel Augusto dos Anjos ensina particularmente as matérias constitutivas do Curso de Madureza, podendo ser procurado à Rua Visconde de Pelotas, nº 6. Outrossim, leciona Filosofia, Direito Romano, Direito Civil e Direito Criminal, de acordo com os programas da Faculdade de Direito do Recife”.

10 Um dos trechos do discurso, mostra a preocupação social de Augusto dos Anjos com a questão da escravidão: “A tua mulher é dos brancos, pertence ao patrimônio inteiro de nossa libidinagem, os teus filhos constituem apenas o prolongamento desclassificado de tua subalternidade étnica, o Estado, que é o logos e é a razão suprema, não protege a tua vida, a tua propriedade e a tua liberdade”.

Também em 1910, o Engenho Pau D'Arco é vendido para pagamento de dívidas em 10 de agosto. No dia 17 do mesmo mês, Augusto dos Anjos vai ao Palácio do Governo pedir licença para viajar ao Rio de Janeiro. O governador João Machado se nega a atender ao pedido do poeta e Augusto acaba pedindo demissão do Liceu Paraibano. Esse fato até hoje é motivo de polêmica na Paraíba. Muitos estudiosos da obra de Augusto dizem que ele levou essa mágoa do seu estado natal para o túmulo. Preferimos acreditar, como já falamos em trabalhos anteriores¹¹, que Augusto dos Anjos não tinha essa fobia toda à Paraíba. Talvez houvesse uma mágoa profunda em relação a algumas pessoas de quem o poeta tenha sido vítima de desprezo ou desprestígio na terra natal. Até porque entendemos que, em sua poesia, quando fala do pai, da mãe, da ama de leite, dos filhos e dos irmãos, não deixa de ser uma forma de reverenciar suas raízes. Há sempre aqueles que dirão ser natural que o poeta cante tanto a sua terra e sua gente. Afinal, argumentariam, a maioria dos poemas em que há referência explícita ou implícita à velha Paraíba, foi escrito ainda no Engenho Pau D'Arco. Consideramos, contudo, que se houvesse tanta ojeriza à província, na edição final do *EU*, alguns versos de exaltação poderiam ser excluídos.

Após se demitir do Liceu, Augusto viaja ao Rio de Janeiro com Esther. A viagem é noticiada pela imprensa paraibana, mas a vida no Rio de Janeiro não seria fácil para o autor de “Os Doentes”. Já em 1911, morre seu primeiro filho, prematuro de sete meses, a quem Augusto dedica um dos poemas do *EU*¹². Há quem veja forte influência da doutrina budista na elaboração desse poema, pelo fato de o poeta tratar seu filho natimorto de “*agregado infeliz de sangue e cal*”. Como se sabe, no Budismo os agregados são matéria e forma, sensação e ideias, predisposição e força, consciência, conforme Massimo Raveri¹³. Os agregados, vale salientar, são aspectos que constituem o ser senciente. Na tradição Theravada, por exemplo, a chave para a libertação do sofrimento está no desapego aos agregados. No terceiro capítulo desse trabalho, vamos analisar o poema citado e tentar descobrir se a poesia de Augusto dos Anjos permite uma articulação com a filosofia budista.

Voltando a Augusto dos Anjos e sua estadia no Rio de Janeiro. Não foi fácil, já dissemos, a vida do poeta paraibano na capital do Brasil de então. Morou em várias residências e pensões, para sobreviver de forma digna precisou dar aulas particulares para complementar o orçamento familiar e, como quando estava em sua terra natal, colocou anúncios em jornais oferecendo seu trabalho de professor. Em 1911, uma boa notícia, o nascimento de sua filha Glória Fialho Rodrigues dos Anjos.

11 Confira GUEDES, Linaldo. *Augusto dos Anjos*. João Pessoa, PB: Editora A União, 2000.

12 SONETO: “Agregado infeliz de sangue e cal,/ Fruto rubro de carne agonizante,/ Filho da grande força fecundante/ De minha brônzea trama neuronal,// Que poder embriológico fatal/ Destruíu com a sinergia de um gigante,/ Em tua morfogênese de infante/ A minha morfogênese ancestral?!// Porção de minha plásmica substância,/ Em que lugar irás passar a infância,/ Tragicamente anônimo a feder?!// Ah! Possa tu dormir, feto esquecido,/ Panteisticamente dissolvido/ Na noumenalidade do NÃO SER”.

13 RAVERI, Massimo. *Índia e Extremo Oriente: a via da libertação e da imortalidade*. 1º ed., São Paulo, Hedra, 2005.

Em 1912 entra definitivamente para a história da literatura brasileira ao lançar *EU*, seu único livro de poemas em edição custeada pelo irmão Odilon dos Anjos.¹⁴ A obra mal é lançada e alcança já boa repercussão. Em carta à mãe, Augusto revela a que Academia Nacional de Medicina incluiu o *EU* em sua biblioteca por tratar do haeckelismo e do evolucionismo spenceriano. Fábio Luz, que assinava coluna na Revista Brasil Moderno, diz que a obra representa “a estrondosa estreia de um grande poeta”. Apesar do lançamento do *EU*, a vida de Augusto continua difícil e o poeta não para de mudar de endereço. Em 1913 nasce seu filho Guilherme Augusto Fialho dos Anjos e no ano seguinte é nomeado diretor do Grupo Escolar Ribeiro Junqueira, em Leopoldina, Minas Gerais. Em 24 de junho toma posse como diretor do grupo escolar¹⁵, mas falece em 12 de novembro, vítima de pneumonia, às quatro horas da manhã. Contam alguns historiadores que antes de morrer Augusto teria pedido à esposa que os filhos fossem educados na Paraíba de seus antepassados.¹⁶

Augusto dos Anjos partiu deste mundo como o “Poeta da Morte” para grande parte da crítica literária brasileira. Mas ele também foi “Poeta Humorista”, “Poeta Galanteador”, cronista social, socialista, polemista e apegado à família, conforme relata o historiador Humberto Nóbrega.¹⁷ Para mostrar o Augusto dos Anjos humorista, Humberto Nóbrega recorre a exemplares antigos do “Nonevar”, jornalzinho que circulava na Festa das Neves¹⁸:

Nos quatro primeiros anos do jornalzinho, a crônica rimada, com ares de artigo de fundo, cantando a excelsitude da Filha do Sião e exaltando a graça e o encanto da mulher paraibana, era vazada no estilo tipicamente augustiano. O ajustado emprego dos vocábulos, a expressão simbólica das ideias, o uso dos polissílabos, o conteúdo lógico das várias e oportunas citações, o sistema paralelístico de sua prodigiosa elaboração, tudo, enfim, revela o talento superior e a personalidade invulgar do seu autor. (NÓBREGA, 2012, p.63)

Augusto dos Anjos escrevera até “versos carnavalescos”, conforme informa Humberto Nóbrega, que teria tido acesso a um poema com esse título assinado por um tal de “Chico dos Couves”. O poema foi fornecido ao historiador por Arthur dos Anjos, irmão de Augusto, que garantiu na ocasião ser o texto do autor do *EU*. Para Humberto Nóbrega, tais textos retificam o conceito sobre a personalidade artística e humana de Augusto, já que era desconhecida qualquer manifestação de sua alma que não fosse tristeza, revolta, imprecação, derrotismo e excentricidade.

No “Nonevar” podia se encontrar, também, um Augusto “alegre, galanteador, lírico,

14 O *EU* ficou pronto em 6 de junho de 1912 e custou, na época, 550.000 réis.

15 Como diretor do colégio, Augusto recebia um ordenado de 250 mil réis mensais que, com a gratificação, perfaziam um total de 330 mil réis mensais.

16 Conta Socorro Aragão e outras, em obra já citada: “despediu-se da esposa, abençoou os filhos pequeninos e pediu, num último esforço, que mandasse dizer a Dona Mocinha que seu derradeiro pensamento era em sua homenagem: Mande as minhas lágrimas para minha mãe”.

17 Ver “Augusto dos Anjos e sua época”, de Humberto Nóbrega; Organizadoras da 2ª edição Maria do Socorro Silva de Aragão, Neide Medeiros Santos, Ana Isabel de Souza Leão Andrade. João Pessoa, Editora Universitária, UFPB, 2012.

18 Festa das Neves é a festa da padroeira de João Pessoa. No início do século XX era a principal festa da cidade e resiste até os dias atuais, embora sem a mesma repercussão junto à sociedade.

mavioso a cantar, em eruditos e primorosos versos a formosura da mulher”. Neste sentido, utilizando-se de pseudônimos como Tales de Mileto, Augusto dos Anjos escreveu e publicou no “Nonevar” sonetos dedicados a diversas moças da sociedade paraibana da época. Assim também foi o Augusto cronista social e poeta de anúncios comerciais nas páginas do jornal. Humberto Nóbrega relata, ainda, que na infância Augusto não fora um retraído. “Lia muito. Mas brincava, corria. Gostava igualmente dos folguedos inerentes a essa idade. Na juventude, ainda no Engenho, estudando humanidades, constituía seu passatempo favorito, segundo o testemunho daqueles que foram seus contemporâneos, improvisar sessões de júri, nas quais preferia a posição de advogado”, detalha.

Mas nem só de galanteios e bom humor vivia a verve de Augusto dos Anjos. Na obra completa do autor do *EU*, organizada por Alexei Bueno¹⁹, vemos que Augusto não dispensava uma polêmica, principalmente se fosse para medir conhecimentos gramaticais. Ao responder a uma crítica feita a um poema seu, foi irônico e mordaz: “Concordo que o meu soneto tenha pouca originalidade, mas não concordo que se diga que seios rijos não possam ser palpitantes e mornos. Aí não há contradição nenhuma e o mestre espichou-se mais do que o discípulo. Ora, os seios rijos podem muito bem palpitar e ser mornos. Qual o inconveniente? Já sei. O ilustre crítico queria que os seios não palpitassem e fossem frios e moles. Simples questão de gosto e eu não sei satisfazer todas as vontades”. (O Comércio, 20.8.1901)

Em outras oportunidades, trocava réplicas e tréplicas com desafetos intelectuais. Sobre um deles comentou: “Na Carta Aberta desse professor amarelo, anêmico, impossível, qualquer criança estudiosa depararia logo com empregos errados de colocação de pronomes, cacophatons, ecos, superarbundância abusiva do vocábulo *que* em certos períodos, reticências pornográficas, faltando apenas para o remate da obra os solecismos e perissologias peculiares à dialeção plebeia”. (O Comércio, 14.11.1905)

Certa ocasião, ao se defender de mais um dos ataques dirigidos aos seus conhecimentos técnico-científicos, Augusto dos Anjos recorre ao fato de ter examinado Português no Liceu da Capital, a convite da autoridade do educandário, para impor sua superioridade intelectual.

Augusto dos Anjos tinha esse lado pedante quando queria debater com outros intelectuais da época. Gostava de exaltar seus conhecimentos e sua formação cultural. Mas o que prevalecia mesmo, nessa época em que escrevia no “Nonevar”, era o lado do chiste, do amor a família, da paródia e do galanteio. A propósito, em muitos dos perfis que fazia de pessoas da sociedade paraibana em forma de versos, Augusto citou elementos ou expressões que tinham a ver com o Budismo. Como no soneto dedicado a Manoel Hipólito, figura muito estimada no meio comercial

19 ANJOS, Augusto dos. *Obra completa*. Organização, fixação de texto e notas Alexei Bueno. Rio de Janeiro: Nova Aguilar, 1994.

na época, onde desenvolvia a atividade de guarda-livros. Ao traçar um perfil de Hipólito, Augusto, utilizando-se do pseudônimo de Petronius, diz que no comerciante “Há uma concentração de Buda sério/ Meditando, alta noite, no Nirvana”.

Claro que o trecho citado, assim como os demais publicados no “Nonevar”, fazem parte de poemas em tom de brincadeira, com a leveza necessária que se deve ter num jornal que circulava numa festa de padroeira. Não havia, óbvio, o tom filosófico e existencial dos poemas do *EU* que escandalizou a crítica literária e sobre o qual falaremos no próximo item.

1.2. Augusto dos Anjos: sua obra, seu tempo, a crítica

Dono de uma das maiores fortunas críticas da literatura brasileira, Augusto dos Anjos é tratado por alguns críticos como um caso isolado em nossas letras.²⁰ Lançou, em vida, um único livro – *EU* –, mas esta obra até hoje gera teses, dissertações, artigos, livros e debates entre acadêmicos e admiradores de sua poesia. Há quem vincule sua obra ao Parnasianismo, ao Simbolismo ou ao Pré-modernismo. Há quem veja nela influências de Charles Baudelaire, Cruz e Sousa ou dos poetas da Escola do Recife. Do Cientificismo, de Spencer, Haeckel, do Monismo, de Schopenhauer, da Igreja Católica, do Budismo. Sem medo de incorrer em absurdos, podemos afirmar que tudo isso, e muitas outras referências, podem ser encontradas, sim, na poesia de Augusto dos Anjos e no livro *EU*.

Há, sobretudo, no *EU*, uma poesia independente, única, original. Uma poesia que não teve antecessores e nem deixou seguidores. Os poucos epígonos que surgiram da obra de Augusto dos Anjos caíram no ridículo do pastiche mal feito. E, pelo visto, Augusto sabia bem a estranheza que sua poesia causaria na literatura de então praticada no Brasil. Em “O Poeta do Hediondo” se autodefiniu nos seguintes versos: “*Ah! Certamente, eu sou a mais hedionda/ Generalização do Desconforto...*”.

Sim, sua poesia era desconfortável para a crítica e para o próprio meio literário da época. E de que época estamos falando? Bem, Augusto dos Anjos foi educado no final do século XIX, que, como diz Alexei Bueno²¹, era o “século por excelência do ufanismo científico, da euforia do conhecimento e da ilusão do progresso ilimitado, criador de uma relativa onipotência do homem sobre a matéria, crenças cruelmente frustradas pelo advento bárbaro da Primeira Guerra Mundial, no ano mesmo da morte do nosso poeta”. Augusto estava inserido completamente nesse “mundo”. E graças ao apoio e incentivo do seu pai, leu diversos autores e filósofos, alguns no original, como Dante, Petrarca, Leopardi e Doligueri:

20 A definição é de Afrânio Coutinho e J. Galante de Sousa, na *Enciclopédia de Literatura Brasileira*, Global Editora, Rio de Janeiro, 2001.

21 BUENO, Alexei - ob. cit. p. 21.

Didata admirável, homem de grande erudição o Dr. Alexandre, percebendo o talento promissor do filho, esmerou-se o quanto pode por lhe dar aprimorado cultivo à inteligência. Recebia de Paris, por encomenda, quase todos os *vient de paraitre* sobre literatura e filosofia. E diga-se, assim, que em suas estantes numa casa de engenho, no interior da Paraíba, naquele crepúsculo do século XIX encontravam-se obras que, talvez só figurassem nas bibliotecas públicas, cuidadoras no provimento das atualidades literárias e científicas. (NÓBREGA, 2012, p.234)

Augusto dos Anjos tinha sede de leitura. Gostava dos poetas portugueses Antero de Quental, Antônio Nobre, Eugênio de Castro, Guerra Junqueiro, João de Deus e de brasileiros como Olavo Bilac e Raimundo Correa. Em resposta a enquete feita por Licínio Santos sobre “A Loucura dos Intelectuais”, disse ser William Shakespeare e Edgar Allan Poe os autores que mais o impressionara. Entre os filósofos, gostava de Darwin, Haeckel, Spencer, Goethe, Leibniz, Kant, Schopenhauer e Gustave Le bon. Além disso, informa Humberto Nóbrega, gostava de livros de embriologia e ciências naturais e entre suas leituras estavam nomes da ciência, como Humboldt e Clemence Royer. Lia corretamente aos quatro anos e aos sete começou a compor seus primeiros versos.

Augusto já tinha toda essa formação humanística e de leitura quando foi estudar na Faculdade de Direito do Recife. Lá, a dinâmica era outra. Ao invés da calma do engenho, a agitação de Recife e o convívio com intelectuais. A Faculdade tinha mestres conservadores, sim. Mas havia, naquela instituição acadêmica, um clima “revolucionário” no ar, fruto do espírito inquieto do poeta Tobias Barreto²², líder da chamada “Escola do Recife”, que tinha, entre outros seguidores, nomes como Sílvio Romero, Clóvis Beviláqua, Capistrano de Abreu, Graça Aranha e Martins Júnior. A Escola do Recife era um movimento cultural que tinha pensadores, juristas, sociólogos e poetas. Panteísmo, monismo, evolucionismo e a poesia filosófico-científica foram temas caros aos integrantes da Escola. Augusto dos Anjos ingressou na Faculdade de Direito do Recife em 1903, aos 19 anos, cerca de 15 anos após a morte de Tobias Barreto. Mesmo assim, o clima de ebulição intelectual criado pela Escola do Recife ainda pairava no ar. Para Flávio Sátiro Fernandes²³, o que vai influenciar de maneira marcante o espírito de Augusto, determinando novos rumos para sua poesia, é a estada na Faculdade de Direito do Recife. Depois do ingresso na academia, Augusto, na sua avaliação, vai começar a praticar uma poesia com perquirições de ordem filosófica, indagações a respeito do homem, da natureza, do ser e o cientificismo com a terminologia esdrúxula que seria uma das marcas da poética augustiana.

22 Natural de Campos, Sergipe, Tobias Barreto morreu em Recife, no ano de 1889. Segundo Afrânio Coutinho e J. Galante de Sousa, em obra já citada aqui, “teve extraordinária atuação como professor, exercendo sobre os estudantes verdadeira fascinação, tornando-se chefe da Escola do Recife, renovador intelectual intemoralizado contra a mentalidade reacionária que dominava a vida cultural do país”.

23 FERNANDES, Flávio Sátiro. *Augusto dos Anjos e a Escola do Recife*. Revista Genius, Lan Edição e Comércio de Periódicos Ltda. João Pessoa, 2014.

Alexei Bueno destaca, ainda, o que ele chama de sinceridade da adesão intelectual de Augusto dos Anjos aos postulados daquela visão de mundo impregnada de cientificismo, o que, segundo ele, eliminaria qualquer suspeita de temperamento pedante por parte do poeta paraibano. Bueno acrescenta que não via, nos termos utilizados por Augusto em sua poética, nenhum exibicionismo gratuito, mas apenas um uso radicalíssimo das infindáveis possibilidades do léxico.²⁴ E faz uma análise que vale a pena reproduzir na íntegra:

Tomando nas próprias costas a missão de ser a consciência e a voz da Dor universal, desde as formas inorgânicas até ao homem e mesmo ao cosmos, o poeta se torna o possuidor empático e exasperado do tesouro de misérias sociais fisiológicas e genéticas que a realidade brasileira lhe entrega como espetáculo cotidiano e terrível. Daí tem início o desfile expressionista de bêbados, idiotas, tuberculosos, palermas, leprosos, prostitutas, estropiados, abortos, malucos e muitos outros que invadem com grande frequência partes das mais características de sua poesia (BUENO, 1994, p.26)

De fato, esse “desfile” se apresenta em todas as páginas do *EU*, de uma forma que só Augusto dos Anjos conseguiu fazer. Especialista na obra de Augusto dos Anjos, o professor Chico Viana²⁵ afirma que ao incluir o escatológico, o degenerado e o trivial em seus poemas, Augusto revelava-se um herdeiro de Baudelaire. Para Chico Viana, faltou, a alguns, a compreensão de que em Augusto os termos científicos aparecem como imagens; valem justamente pelo que têm de estranheza, contundência semântica e impacto fônico-expressivo. “Nisso está a revolução que ele trouxe”, exalta.

Também Eudes Barros²⁶ via essas aproximações entre a poesia de Augusto dos Anjos e o poeta francês Charles Baudelaire²⁷. Eudes Barros lembra, inclusive, que num rápido encontro de livraria com Órris Soares, na década de 1920, descobriram um velho exemplar de *Les fleurs du mal*, de Charles Baudelaire, em um Sebo, em cuja capa estava marcado a carimbo o nome de Augusto dos Anjos. Era simplesmente a segunda edição da obra do poeta francês. Mais curioso, ainda, foi descobrir que o poema “Une charogne”²⁸ estava assinalado a lápis vermelho, o que, na sua concepção, só reforça a tese de que Baudelaire era o autor que mais se amoldava ou correspondia às idiossincrasias estéticas de Augusto dos Anjos. A identidade entre os dois poetas estaria, assim, na junção que eles fazem do satânico, do trágico e do repulsivo com os símbolos mais cultuados da

24 BUENO, Alexei – ob. cit. pp. 22,23.

25 VIANA, Chico Viana. *Excesso e falta em Augusto dos Anjos*. Revista Genius, Lan Edição e Comércio de Periódicos Ltda. João Pessoa, 2014.

26 Ver *Aproximações e antinomias entre Baudelaire e Augusto dos Anjos*. BUENO ALEXEI – ob. cit. p. 174.

27 Charles Baudelaire, nascido e morto em Paris no século XIX, considerado um dos maiores poetas de todos os tempos no mundo. É autor de *As flores do mal*.

28 Eis um trecho do poema, na tradução de Guilherme de Almeida: “(...) As pernas para o ar, como uma mulher lasciva,/ Entre letais transpirações,/ Abria de maneira lânguida e ostensiva/ Seu ventre a estuar de exalações.// Reverberava o sol sobre aquela torpeza,/ Para cozê-la a ponto, e para,/ Centuplicado, devolver à Natureza/ Tudo quanto ela ali juntara.// E o céu olhava do alto a soberba carcaça/ Como uma flor se oferecer;/ Tão forte era o fedor que sobre a relva crassa/ Pensaste até desfalecer (...)”.

Moral e da Estética. A partir daí, o crítico mostra algumas semelhanças entre os dois poetas, como a obsessão pelo sangue, por exemplo. Mas é enfático ao negar a influência de Baudelaire na obra de Augusto dos Anjos: “Não se é um poeta como ele, extremamente sofrido, revoltado, angustiado, por influência de outros poetas.”

Hermes Fontes²⁹ diz que o livro de Augusto dos Anjos depende de muitas leituras: “A primeira estonteia, a segunda entusiasma, a terceira sensaciona, a quarta encanta e conduz, não raro, à lágrima e ao êxtase”, exulta. Antônio Torres³⁰ preferia ver em Augusto dos Anjos um “bárbaro nascido à sombra dos buritizais da Paraíba”. Para ele, as ideias de Augusto eram sempre grandes e nem sempre a palavra correspondia à grandeza do seu pensamento. O poeta paraibano era, no seu entender, um monista³¹ convencido e a leitura demasiada de Haeckel³² e Spencer³³ deixara-lhe um sulco profundo na inteligência e nesse materialismo buscava sua arte. O crítico apontou a ausência do erotismo na poética augustiana e observa que isso era compensado com outros motivos que o poeta tinha para cantar, como Deus e o mundo:

Ora, Augusto dos Anjos, que, segundo parece, não cria em Deus, pelo menos como entendem os teólogos, só podia cantar a matéria, idealizando-a, revelando-a sob uma sábia, rutilante e sonora combinação de palavras tão bem ritmadas que adquiriam cor e movimento. (TORRES, 1994, p.54)

Era um monista-evolucionista-transformista, arremata. Ou um idealista, na mais dramática acepção do vocábulo. Mas essa preocupação de vincular a poesia de Augusto ao cientificismo que predominava na época em que o *EU* foi lançado é contestada por muitos estudiosos da obra do paraibano. Órris Soares é irônico e chega a dizer que a admitir-se a existência da escola científica ou didática, então toda poesia seria científica, dado serem sempre os poemas verdadeiras lições de cátedra, explicando, reproduzindo e explorando acontecimentos históricos e tudo o que se observa na terra, no ar e no céu.³⁴ Ele até reconhece que Augusto era devoto dos livros e que Darwin³⁵, Haeckel e Spencer mereceram-lhe a primazia. Mas isso nunca teria lhe impedido a faculdade de pensar por conta própria e manter sua capacidade de meditação e análise daquilo que lia.

Em palestra proferida em 2006 para um evento promovido pela prefeitura de João Pessoa

29 BUENO, Alexei – ob. cit. p. 50.

30 BUENO, Alexei – ob. cit. p. 52.

31 O Monismo defende a unidade da realidade como um todo (em metafísica) ou a identidade entre mente e corpo (em filosofia da mente) por oposição ao dualismo e ao pluralismo.

32 Ernst Haeckel foi biólogo, naturalista, filósofo, médico, professor e artista alemão. Foi um dos grandes expoentes do cientificismo positivista.

33 Herbert Spencer foi um filósofo inglês e um dos representantes do liberalismo clássico. Era um grande admirador da obra de Charles Darwin.

34 BUENO, Alexei – ob. cit. p. 64.

35 Charles Darwin foi naturalista britânico, criador da Teoria da Evolução.

em homenagem ao poeta, palestra esta que depois seria publicada em livro³⁶, afirmamos que Augusto scandalizou o pequeno burguês também, assim como fariam os modernistas anos mais tarde. Os leitores de poesia da época estavam habituados à elegância parnasiana, poemas que se declamavam em salões. Na *belle époque* carioca, a literatura deveria ser "o sorriso da sociedade". Mas o *EU* era um livro malcriado, de "mau gosto", de "poeta de soldado de polícia", como teria dito Manuel Bandeira. A crítica, embora reconhecendo talento no estreante, fazia-lhe sérias restrições.

Augusto dos Anjos foi tão único que até para classificá-lo literariamente a crítica e os estudiosos encontram dificuldades. Arturo Gouveia entende que historicamente Augusto não pertence a nenhuma escola³⁷. Montgomery José de Vasconcelos lembra que o autor do *EU* teria dito, em uma de suas "Crônicas Paudarquenses", ser apenas uma "super-reflexão poética, ou quando muito uma bastardia literária"³⁸. Para alguns, por conta dos sonetos rigorosamente metrificados, era Parnasiano³⁹. Para outros, em função do cientificismo e da linguagem original era Pré-modernista⁴⁰. Hildeberto Barbosa Filho enfatiza, também, vínculos com a literatura de cordel⁴¹, por conta dos sonetos decassílabos no ritmo do martelo - estilo de poema utilizado por cordelistas e cantadores de viola, nos improvisos ou nos textos escritos. Para muitos, no entanto, era Simbolista⁴². Andrade Murici⁴³ destacava que a literatura que Augusto dos Anjos encontrou em sua adolescência era, ainda, a percorrida pelos estremecimentos e pelos ritmos do Simbolismo. Ao chegar o tempo de definição de sua personalidade, no entanto, por volta dos 22 anos, o movimento já estava no fim. Isso fez com que Augusto ficasse mais livre de influências e ao contrário de muitos de sua geração não teria sido neossimbolista, mas herdaria alguns modismos do movimento. Dentro dessa lógica, Andrade Murici utiliza-se de vários poemas de Cruz e Sousa, o principal nome do Simbolismo no Brasil, para mostrar semelhanças entre essa poética e a de Augusto dos Anjos. Entre eles, "No Egito"⁴⁴, de Cruz e Sousa, e "Uma Noite no Cairo"⁴⁵, de Augusto dos Anjos.

36 GUEDES, Linaldo. *Receitas de como se tornar um bom escritor*. Portugal: Chiado Editora, 2015.

37 Entrevista a ARAGÃO, Maria do Socorro Silva de; SANTOS, Neide Medeiros; ANDRADE, Ana Isabel de Souza Leão. Publicada no livro "Conversando sobre Augusto dos Anjos: uma história oral", João Pessoa, Editora Ideia, 2009.

38 Entrevista a ARAGÃO, Maria do Socorro Silva de; SANTOS, Neide Medeiros; ANDRADE, Ana Isabel de Souza Leão - ob. cit. p. 367.

39 Parnasianismo foi escola literária apenas poética, cujo principal objetivo era retomar a cultura clássica.

40 Pré-modernismo: período literário anterior ao Modernismo.

41 Entrevista a ARAGÃO, Maria do Socorro Silva de; SANTOS, Neide Medeiros; ANDRADE, Ana Isabel de Souza Leão - ob. cit. p. 187.

42 Simbolismo: Movimento literário que primava, entre outras coisas, pela subjetividade e pela musicalidade.

43 BUENO, Alexei – ob. cit. p. 129.

44 NO EGITO: "Sob os ardentes sóis do fulvo Egito/ De areia estuosa, de candente argila,/ Dos sonhos da alma o turbilhão desfila,/ Abre as asas no páramo infinito.// O Egito é sempre o amigo, o velho rito/ Onde um mistério singular se asila/ E onde, talvez mais calma, mais tranquila/ A alma descansa do sofrer prescrito.// Sobre as ruínas d'ouro do passado,/ No céu cavo, remoto, ermo e sagrado,/ Torva morte espectral pairou ufana...// E no aspecto de tudo em torno, em tudo,/ Árido, pétreo, silencioso, mudo,/ Parece morta a própria dor humana!"

45 UMA NOITE NO CAIRO: "Noite no Egito. O céu claro e profundo/ Fulgura. A rua é triste. A Lua Cheia/ Está sinistra, e sobre a paz do mundo/ A alma dos Faraós anda e vagueia.// Os mastins negros vão ladrando à lua.../ O Cairo é de uma formosura arcaica./ No ângulo mais recôndito da rua/ Passa cantando uma mulher hebraica./ O

Andrade Murici vê entre esses dois poemas semelhanças profundas, como o movimento interiorizado num e pitoresco noutro de evidente analogia e a atmosfera de um flagrante paralelismo. Vale salientar que quando Cruz e Sousa morreu, Augusto dos Anjos mal estava chegando aos 14 anos. Já Raul Machado⁴⁶ assegurava que Augusto dos Anjos não foi um influenciado direto de individualidades ou escolas. “Sua poesia não visava apenas comunicar emoções, mas extravasar ideias, que lhe nasciam da pertinaz e angustiada reflexão sobre o infortúnio do ser e a noumenalidade do ser”. Medeiros e Albuquerque⁴⁷ não economizava elogios ao poeta paraibano. Dizia, em 1928, que o livro de Augusto dos Anjos era o “mais estupendo” da literatura brasileira. Agripino Grieco⁴⁸ via influências do poeta português Cesário Verde na poesia de Augusto. O sociólogo Gilberto Freyre⁴⁹ encontrava em Augusto alguma coisa de um moderno pintor alemão expressionista, com um gosto mais de decomposição do que de composição. Fausto Cunha⁵⁰ é definitivo ao dizer que Augusto dos Anjos foi salvo pelo povo, e explica o porquê:

Não, Augusto dos Anjos não deve coisa alguma à crítica literária deste País. Os estudos que sempre parasitaram as edições do EU, sobretudo o de Antônio Torres, nada fizeram por sua poesia – salvo propagar uma visão não-crítica e caricaturizada para o trágico. (CUNHA, 1994, p.166)

Dentro dessa visão de Fausto Cunha, preferimos ver Augusto como uma vítima do dualismo, como ele próprio se define em poema que tem justamente esse título – “Vítima do Dualismo”. Dividido entre o materialismo que aprendeu nas letras e o espiritualismo que herdou da tradição familiar. Na dúvida, valorizava, em seus poemas, o materialismo, o “cosmopolitismo das moneras”, o EU. Era um cético que não acreditava na sinceridade dos ideais humanos. Um de seus poemas esquecidos, inclusive, tem o título de “Ceticismo”. Ele era apenas um idealista ao contrário. Ou seja: não acreditava que a humanidade fosse muito longe. Esse ceticismo se confunde com materialismo e muitos acusam Augusto dos Anjos de não ser cristão, de não ter religião, de não valorizar a espiritualidade. O certo é que seus poemas nos revelam outras nuances que não só de ceticismo.

Egito é sempre assim quando anoitece!// Às vezes, das pirâmides o quedo/ E atro perfil, exposto ao luar, parece/
Uma sombria interjeição de medo!// Como um contraste àqueles misereres,/ Num quiosque em festa alegre turba
grita/ E dentro dançam homens e mulheres/Numa aglomeração cosmopolita.// Tonto de vinho, um saltimbanco da
Ásia,/ Convulso e roto, no apogeu da fúria,/ Executando evoluções de razzia/ Solta um brado epilético de
injúria!// Em derredor duma ampla mesa preta/ — Última nota do conúbio infando —/ Vêem-se dez jogadores de
roleta/ Fumando, discutindo, conversando.// Resplandece a celeste superfície./Dorme soturna a natureza
sábia.../Embaixo, na mais próxima planície,/Pasta um cavalo esplêndido da Arábia.// Vaga no espaço um silfo
solitário./ Troam kinnors! Depois tudo é tranqüilo.../ Apenas como um velho estradivário,/ Soluça toda a noite a
água do Nilo!”

46 BUENO, Alexei – ob. cit. p. 99.

47 BUENO, Alexei – ob. cit. p. 89.

48 BUENO, Alexei – ob. cit. p. 81.

49 BUENO, Alexei – ob. cit. p. 78.

50 BUENO, Alexei – ob. cit. p. 166.

1.2.1. Biografismo e a problemática do autor

Gênero pertencente à história, a biografia pode ser útil, conforme Afrânio Coutinho e J. Galante de Sousa⁵¹, ao trabalho de interpretação, não devendo, contudo, ser considerada indispensável. No caso de Augusto dos Anjos, a crítica utilizou-se, e ainda utiliza-se, muito, do biografismo para tentar explicar sua obra. Para se ter uma ideia, por exemplo, o poema “A Árvore da Serra” é constantemente citado por parte da crítica e biógrafos de Augusto dos Anjos como exemplo de que o autor do *EU* teria vivido amores que foram proibidos pela sua mãe. Que a árvore citada pelo eu-lírico no poema seria um amor que o poeta não pode viver em sua plenitude e por isso sua poesia era melancólica e triste. Sua relação com a mãe, aliás, é apontada por outros biógrafos como causa de sua amargura poética. A mãe de Augusto, para alguns, exercia uma tirania materna⁵² sobre o poeta e até um suposto caso de incesto entre o autor do *Eu* e sua irmã é mencionado⁵³, isso sem falar na recorrente analogia entre seus problemas de saúde e a utilização em sua lírica de expressões como “*escarra nesta boca que te beija*”⁵⁴ ou “*A cor do sangue é a cor que me impressiona*”⁵⁵.

Esse biografismo já parece superado pela crítica literária. Afrânio Coutinho e J. Galante de Sousa lembram que a meta da biografia deve ser reproduzir o processo de desenvolvimento natural da vida de uma personalidade, no caso de um homem de letras, um criador de literatura. “Daí o descrédito, nos anos recentes, em que caiu a biografia como instrumento interpretativo da literatura. E mais, a descrença na utilidade do conhecimento da vida para a interpretação da obra”, diz, acrescentando:

Atualmente, a biografia em crítica literária perdeu em importância, graças especialmente às novas orientações da exegese literária, voltada sobretudo para o texto como tal e sua literariedade. (COUTINHO, Afrânio. SOUSA, J. Galante de, 2001, p.356)

Para Antoine Compagnon⁵⁶, o ponto mais controvertido dos estudos literários é o lugar que cabe ao autor. A antiga ideia, entende ele, identificava o sentido da obra à intenção do autor; circulava habitualmente no tempo da filologia, do positivismo, do historicismo. “A ideia corrente

51 COUTINHO, Afrânio. SOUSA, J. Galante de. *Enciclopédia de Literatura Brasileira*. Volumes I e II. São Paulo: Global Editora, 2001.

52 MELO, Fernando – ob. cit. p. 47.

53 MELO, Fernando – ob. cit. p. 457

54 Ver *Versos Íntimos*, em BUENO, Alexei – ob. cit. p. 280

55 Ver *As Cismas do Destino*, em BUENO, Alexei – ob. cit. p. 211

56 COMPAGNON, Antoine. *O demônio da teoria: literatura e senso comum*. Tradução de Cleonice Paes Barreto Mourão, Consuelo Fortes Santiago. 2. ed. - Belo Horizonte: Editora UFMG, 2010.

moderna (e ademais muito nova) denuncia a pertinência da intenção do autor para determinar ou descrever a significação da obra”, completa. Montgomery José de Vasconcelos⁵⁷ diz que Augusto dos Anjos usa sua poética na forma de autor, mas também de personagem. “Todo o conjunto de poética de Augusto dos Anjos está em primeira pessoa”, define.

Compagnon observa que a explicação de uma obra apenas pela intenção do autor, torna a crítica literária inútil. Para ele, a intenção e o próprio autor constituíram o lugar por excelência do conflito entre os antigos. Ao citar Roland Barthes⁵⁸ e seu polêmico artigo “A Morte do Autor”, de 1968, Compagnon lembra que a explicação da obra literária é sempre procurada pelo lado de quem a produziu, como se, de uma maneira ou de outra, a obra fosse uma confissão, não podendo representar outra coisa que não a confidência.

Com a finalidade de, e antes de executar o autor, foi necessário, no entanto, identificá-lo ao indivíduo burguês, à pessoa psicológica, e assim reduzir a questão do autor à da explicação do texto pela vida e pela biografia, restrição que à história literária sugeria, sem dúvida, mas que não recobre certamente todo o problema da intenção e não o resolve em absoluto. (COMPAGNON, 2010, P. 51)

Compagnon enfatiza que a questão da relação entre o texto e seu autor não se reduz em absoluto à biografia, ao seu papel, sem dúvida, excessivo na história literária tradicional (“o homem e a obra”), à sua condenação pela nova crítica (o Texto). Para ele, as obras de arte transcendem a intenção primeira de seus autores e querem dizer algo de novo a cada época. “A significação de uma obra não poderia ser determinada nem controlada pela intenção do autor, ou pelo contexto de origem (histórico, social, cultural) sob o pretexto de que algumas obras do passado continuam a ter, para nós, interesse e valor. Se uma obra pode continuar a ter interesse e valor para as gerações futuras, então seu sentido não pode ser paralisado pela intenção do autor nem pelo contexto de origem”, analisa.

O certo é que não podemos esquecer que Augusto dos Anjos foi antes de tudo um grande poeta. Chico Viana define o autor do *EU* como um sujeito esquisito e diz que se não fosse poeta, manifestaria alguma desordem psíquica⁵⁹. Não há como confirmar essa previsão do professor. Afinal, o poeta morreu jovem, depois de publicar uma poesia que continua sendo alvo de estudos e questionamentos. Assim, vemos como o jornalista e escritor José Nêumanne Pinto, quando este diz

57 Entrevista a ARAGÃO, Maria do Socorro Silva de; SANTOS, Neide Medeiros; ANDRADE, Ana Isabel de Souza Leão - ob. cit. p. 369.

58 Roland Barthes, nascido em 1915 e morto em 1980, foi um escritor, sociólogo, crítico literário, semiólogo e filósofo francês, crítico dos conceitos teóricos complexos que circularam dentro dos centros educativos franceses nos anos 50.

59 Entrevista a ARAGÃO, Maria do Socorro Silva de; SANTOS, Neide Medeiros; ANDRADE, Ana Isabel de Souza Leão - ob. cit. p. 120.

que “talvez a poesia de Augusto fosse a loucura que sustentava a enorme lucidez que ele tinha”⁶⁰.

Jean-Paul Sartre disse que ainda que o propósito do autor seja dar a mais completa representação do seu objeto, ele jamais conta tudo; sempre sabe de coisas que não diz. “É que a linguagem é elíptica”, explica⁶¹. A despeito dos biografismos que vez por outra parecem ressurgir na tentativa de explicar a poesia de Augusto dos Anjos, avaliamos que o poeta paraibano construiu uma espécie de pacto com o leitor, que consegue entendê-lo e aceitar a riqueza vocabular de sua poesia sem maiores questionamentos. Por isso, recorremos novamente a Sartre:

A leitura é um pacto de generosidade entre o autor e o leitor; cada um confia no outro, conta com o outro, exige do outro tanto quanto exige de si mesmo. (SARTRE, 2015, P. 51)

1.3. Augusto dos Anjos: sua religiosidade, seu lado espiritual

Augusto dos Anjos foi menino de engenho e por esta fase da vida absorveu os ensinamentos católicos sobre o sentido das rezas, dos benditos e das ladainhas. De família católica, foi iniciado na doutrina cristã através do catecismo. Humberto Nóbrega informa que sua infância foi toda cheia de vivências religiosas. No ano seguinte ao seu nascimento, foi batizado na Capela do Senhor do Bonfim, no Engenho Pau D'Arco. O batismo foi oficiado pelo Padre Antônio Pereira de Castro. Augusto, aliás, era bem atento às prédicas que o padre, vigário de São Miguel de Taipu, fazia quando oficiava na capela do engenho. Nas visitas que realizava à Igreja do Bonfim, que ficava sob sua jurisdição, o cônego tinha o hábito de presentear o jovem Augusto com efígies de santos em medalhinhas e cartões.

Augusto costumava substituir o padrasto de sua mãe, Dr. Aprígio, no comando das novenas, quando este não podia praticar tal ofício. As conversas no engenho, em muitas oportunidades, aconteciam em torno de temas religiosos e falavam de castigos divinos, vidas de santos, milagres e tentação do demônio, entre outros. Na capela do engenho, eram entoados benditos, ladainhas, hinos sacros e cânticos religiosos. Como se vê, a formação espiritual de Augusto dos Anjos recebeu influências da moral cristã e das tradições católicas. Na juventude costumava se confessar com o Padre Vicente Pimentel, como revelava ao amigo e conterrâneo Juvenal Coelho. Claro que isso não impediu que na poesia Augusto desse vazão às interrogações que as leituras de filósofos, escritores e cientistas geravam em seu ser. Humberto Nóbrega⁶², inclusive, entende que o materialismo

60 Entrevista a ARAGÃO, Maria do Socorro Silva de; SANTOS, Neide Medeiros; ANDRADE, Ana Isabel de Souza Leão - ob. cit. p. 253.

61 SARTRE, Jean-Paul. *Que é Literatura?* Tradução de Carlos Felipe Moisés – Petrópolis, RJ: Vozes, 2015.

62 NÓBREGA, Humberto. *Augusto dos Anjos e sua época*. Organizadoras da 2ª edição Maria do Socorro Silva de Aragão, Neide Medeiros Santos, Ana Isabel de Souza Leão Andrade. João Pessoa, Editora Universitária, UFPB, 2012.

manifestado por Augusto em muitas de suas poesias era uma forma de defesa de sua (do poeta) personalidade, uma maneira de reagir, uma tentativa de libertação. “Seu materialismo, quem sabe, não resultava de uma demorada reflexão íntima. Constituía, antes, uma reação externa – uma demonstração de que se emancipava da pátria-potestas, moral e filosoficamente”, sugeria. O certo é que a primeira fase de sua existência aconteceu em ambiente totalmente religioso. O co-proprietário do engenho, Dr. Aprígio, era um homem temente a Deus, que rezava ele próprio terços e novenas dos santos cultuados nos meios rurais, além de explicar o catecismo às crianças na capela do Senhor do Bonfim. Os pais de Augusto seguiam o mesmo caminho e educaram o filho dentro dessa lógica cristã.

Afinal, Augusto dos Anjos acreditava em Deus? Para Manuel Bandeira⁶³, sim. Acreditava e rezava as preces católicas. Mas na sua poesia a concepção do universo não é ortodoxa e tem algo de maniqueísta, opondo ao mundo do espírito, ao mundo de Deus, o mundo da matéria, evoluindo segundo a teoria darwinista.

A consciência poética desse duelo terrível é que alimentava a angústia metafísica de Augusto dos Anjos e o fazia delirar em “cismas patológicas insanas”. A sua aspiração suprema seria dominar todos os contrastes, resolvê-los na unidade do Grande Todo, que sonhou culminar com a onipotência da divindade. (BANDEIRA, 1994, p.115)

Em sua tese de doutorado, depois transformada em livro, Chico Viana⁶⁴ traz um conceito de melancolia, de Hipócrates a Freud, para analisar a poesia de Augusto dos Anjos, destacando a perda de um objeto de desejo esvaído na origem. Para ele, uma das preocupações subjacentes à poética de Augusto dos Anjos é a de alguma coisa perdida no passado do homem. Tal perda, ou antes, a percepção dela, terá gerado no ser humano – o que é dramaticamente sentido pelo eu-lírico – o sentimento dos contrastes, da diferença; ela seria responsável pela tensão entre os opostos, revelando-se nas contradições que compõem (e sobretudo decompõem) o elemento natural. A consequência maior dessa perda teria sido a ruptura com a harmonia, em algum momento suposta, entre o homem e a natureza. Em sua análise, destaca que na poesia de Augusto dos Anjos perpassa o sentimento de alguma coisa perdida que, por sua ausência, terá projetado o homem num domínio de antíteses inconciliáveis e dilacerantes.

Já Álvaro Lins⁶⁵ exagera e diz que em Augusto dos Anjos o naturalismo é o credo, o materialismo é a doutrina, com um sentimento que não ultrapassa o visível e o sensível senão poeticamente, e o seu olhar não está especialmente voltado para os mistérios metafísicos, mas para o subsolo da existência humana. E acrescenta: “Anticristão por excelência, o círculo em que se

63 BUENO, Alexei – ob. cit. p. 115.

64 VIANA, Chico. *O Evangelho da Podridão: culpa e melancolia em Augusto dos Anjos*. 2 ed. João Pessoa: FCJA, 2012.

65 BUENO, Alexei – ob. cit. p. 118.

movimentava era o nada físico, e daí extraiu, do trágico desse vazio, a substância do seu pensamento e a matéria dos seus versos”. Nem tanto ao mar, nem tanto à terra. Em sua poesia, Augusto não seria jamais anticristão. Bastam dois versos de “Poema Negro” para destruir essa assertiva: “*Não! Jesus não morreu! Vive na serra/ Da Borborema, no ar de minha terra*”, diz o poema. Também não era, em sua poesia, dado à louvaninhas cristãs ou religiosas. Era poeta, isso é tudo. E sua poesia era fruto de suas inquietações, seus delírios, suas crenças, suas descrenças, suas leituras. Alguém que soube utilizar todos os questionamentos que afligem a alma humana a partir da utilização de um léxico inusitado e extremamente original.

Ademais, pensamos como Rudolf Otto⁶⁶ quando este alerta contra um mal entendido que leva a uma interpretação enganosa e unilateral: a opinião de que os atributos racionais esgotaria a essência da divindade. Para ele, trata-se de um mal entendido. O aspecto racional ocupa o primeiro plano muitas vezes parecendo ser tudo, diz. Porém, mesmo que os atributos racionais geralmente ocupem o primeiro plano, eles de forma alguma esgotam a ideia da divindade, uma vez que se referem e têm validade apenas para algo irracional. E explica: “A distinção que muitas vezes se faz entre racionalismo e religião, de que o primeiro seria a negação do 'milagre', e que seu oposto seria a afirmação do 'milagre', é evidentemente errônea, ou, pelo menos, muito superficial”. Acrescenta, então:

Na verdade, a questão do racionalismo e do seu oposto tem a ver mais com uma peculiar diferença *qualitativa* em termos de estado de espírito e dos sentimentos na própria devoção religiosa. Esta é fundamentalmente condicionada pelo seguinte: na ideia de Deus o aspecto racional pode preponderar sobre o irracional, talvez excluindo-o totalmente; ou o inverso. (OTTO, 2007, p.35)

Possivelmente, sua estadia em Recife, quando fazia o curso de Direito, tenha alterado em muita coisa a formação religiosa de Augusto. A Faculdade de Direito do Recife era um foco de rebeldia, de descrença e combate ao catolicismo, como reconhecem alguns historiadores. Augusto era discípulo de Haeckel e de outros filósofos materialistas, mas, de certa forma, sua poesia tem muito de questionamentos espirituais. Como disse Humberto Nóbrega, o poeta divagava pelo monismo, pelo evolucionismo, pelo transformismo, pelo politeísmo, mas também, acrescentamos, pelo Budismo, Hinduísmo e pelo Catolicismo. Não era agnóstico, porque até o fim da vida se manteve fiel à tradição católica, chegando, mesmo, a solicitar a extrema-unção, na hora da morte, repetimos. Gilberto Freyre⁶⁷ dizia que havia em Augusto uma fome mal reprimida de valores espirituais. “Uma corrente de misticismo lutava dentro dele contra a fortaleza haeckleana em que se refugiava com sua doença e com suas atitudes de sadista que fosse também um masoquista,

66 OTTO, Rudolf. *O Sagrado: Os aspectos irracionais na noção do divino e sua relação com o racional*. Tradução: Walter O. Schlupp. Petrópolis, Vozes, 2007.

67 BUENO, Alexei – ob. cit. p. 77.

desejoso, talvez, de ser esmagado por uma filosofia contrária à sua. Em que direção o levaria aquela corrente, uma vez destruída a fortaleza? Provavelmente à Igreja Romana”, provocava. Será? Talvez não necessariamente para a Igreja Romana.

Para Alexei Bueno⁶⁸, parte da incompreensão criada em tono do uso do vocabulário científico por Augusto dos Anjos nasce de uma preguiça mental do leitor em relação a vocábulos que lhe causam estranheza e cuja utilização lhe parece despropositada e inútil. “A incorporação, no entanto, desses seres ínfimos, desses microorganismos que nos são tão estranhos quanto os próprios nomes, está perfeitamente no plano do poeta, porta-voz da essência de todos os seres, e não apenas dos homens”, completa. Alexei Bueno destaca a forma como o monismo evolucionista se transformou, nas mãos de Augusto, em uma espécie de sistema místico totalizador, que lhe serviu de base tão legítima para o exercício estético quanto diversos sistemas religiosos serviram para poetas místicos de todos os tempos. E aqui chegamos na razão maior desse trabalho acadêmico: a vinculação de boa parte da essência poética de Augusto dos Anjos à filosofia budista, que define que tudo é sofrimento.

Alexei Bueno explica que em contrapartida a esse mecanicismo quase otimista do caráter evolutivo do universo, sobrevive no espírito de Augusto dos Anjos um forte elemento de negação da vida enquanto criadora do sofrimento, um Budismo, no seu entendimento, de origem claramente schopenhaueriana que se inclui igualmente entre as influências gerais do pensamento do final do século XIX. Neste sentido, há ao mesmo tempo uma adesão ao postulado filosófico e a descrença parcial ou total na sua eficácia, bem como na de todos os outros sistemas, quando confrontados com a simples presença da maior das evidências da vida e do universo: a morte, destruidora paciente e impiedosa de todos os esforços e devaneios humanos, nas palavras bem-postas de Alexei Bueno.

O escritor Luiz Augusto Crispim avalia que para tentar vincular Augusto dos Anjos ao ponto de vista budista encontram-se algumas explicações, porque o poeta paraibano faz referências muito frequentes a uma religiosidade oriental. E continua Crispim, em depoimento que consideramos interessante e de acordo com a proposta deste trabalho: “Ele se remete para isso, mas não se explica, não está elucidado se essa prospecção, se esse mergulho de Augusto é meramente ornamental, ou se repousa em alguma convicção, se ele manteve, em algum nível de profundidade, o interesse em descobrir a religião dos vedas, do Budismo ou dos antigos cultos dionisíacos. Enfim, não há um perfil definido de Augusto dos Anjos do ponto de vista místico, não se pode enquadrar, tanto quanto é impossível enquadrar o estilo de Augusto do ponto de vista literário, também o homem nas suas crenças não pode ser encarcerado, não pode ser explicado, sob nenhuma visão filosófica religiosa”⁶⁹.

68 BUENO, Alexei – ob. cit. p. 24.

69 Entrevista a ARAGÃO, Maria do Socorro Silva de; SANTOS, Neide Medeiros; ANDRADE, Ana Isabel de Souza

Estamos querendo afirmar, com isso, que Augusto dos Anjos era budista? Não, de forma alguma. Mas, sim, que ele teve conhecimento da filosofia budista, principalmente em relação a inevitabilidade do sofrimento, e utilizou essa filosofia na sua poesia. Não temos a preocupação, nesse trabalho, de mostrar como o Budismo chegou a Augusto dos Anjos. Para isso precisaríamos de documentos históricos que atestassem suas leituras na época. O que temos são pistas e informações de historiadores e pesquisadores sobre a história do Budismo no Brasil e em algumas delas se insere Augusto dos Anjos no contexto.

Uma dessas pistas é perceber que o Budismo começou a ser divulgado no Brasil também através da Literatura. Escritores como Machado de Assis, Fagundes Varela, Aluísio de Azevedo, Cruz e Sousa, Raimundo Correa, Olavo Bilac, Farias Brito e Augusto dos Anjos estariam entre os autores que introduziram termos, expressões e filosofias budistas em nossa literatura. Vale ressaltar, no entanto, que tais escritores não eram budistas, não tinham buscado refúgio no Dharma e também não tiveram contato com praticantes budistas de outros países.

Além disso, diversos filósofos leram e escreveram sobre o Budismo no Ocidente, como Schopenhauer, Nietzsche, Heidegger, Jung, entre outros. O filósofo brasileiro Farias Brito foi um dos primeiros a trazer para o Brasil o pensamento de Schopenhauer, que tem muitas semelhanças com a filosofia budista, como veremos no próximo capítulo deste trabalho. Desta forma, a morte, sempre presente nas discussões do pessimismo de Schopenhauer, será o tema central no debate da religião em Farias Brito. O filósofo entenderá que tanto as realidades do Ocidente, portanto, Cristo, quanto as realidades do Oriente, no caso Buda, seriam religiões para a humanidade que nos fazem pensar. Vejam o que diz Farias Brito no livro *O Mundo Interior*⁷⁰: “O Budismo não é uma religião materialista, nem o Nirvana é o nada. Esta é a ideia que se faz, em geral, do Budismo no Ocidente, mas isso explica-se pelo preconceito de alguns pensadores cristãos, muito fanáticos, que pintam assim a religião oriental, no intuito de salientar a excelência do Cristianismo”.

Augusto dos Anjos possivelmente tomou conhecimento da filosofia budista através de Schopenhauer ou de Farias Brito. Ou de ambos. Por isso, não deve ser à toa que tenha dedicado um poema⁷¹ a Farias Brito, poema este que acabou não entrando na edição final do *EU*. Ainda sobre a relação de Augusto dos Anjos com o Budismo, convém refletir sobre esta definição que Órris Soares faz do poeta paraibano, publicada no prefácio da segunda edição do *EU*: “Só um espírito criado no leito do budismo e alimentado pelo schopenhauerismo, seria capaz de soltar um grito tão

Leão - ob. cit. pp. 310-311.

70 FARIAS BRITO, Raimundo. *O Mundo Interior*. Brasília, Senado Federal, 2006.

71 Eis o poema: NATUREZA ÍNTIMA: “Cansada de observar-se na corrente/ Que os acontecimentos refletia,/ Reconcentrando-se em si mesma, um dia,/ A Natureza olhou-se interiormente!// Baldada introspecção! Noumenalmente/ O que Ela, em realidade, ainda sentia/ Era a mesma imortal monotonia/ De sua face externa indiferente!// E a Natureza disse com desgosto:/ "Terei somente, porventura, rosto?!/ "Serei apenas mera crusta espessa?!// "Pois é possível que Eu, causa do Mundo,/ "Quanto mais em mim mesma me aprofundo,/ "Menos interiormente me conheça?!”

desesperativo”. É sobre esse grito em Augusto dos Anjos, que saiu do Budismo, de Schopenhauer e que já foi tema de pesquisas acadêmicas de que falaremos nos próximos capítulos.

Capítulo 2 – Budismo, Schopenhauer, Augusto como estudo acadêmico

As últimas palavras de Sidarta Gautama, o Buda, antes do parinirvana⁷², teriam sido: “Todas as coisas condicionadas estão sujeitas à decadência; empenhem-se diligentemente”⁷³. Augusto dos Anjos, em suas últimas palavras antes da morte, teria dito: “Esta centelha não se apagará jamais”⁷⁴. Se o Buda estava certo, Augusto dos Anjos também não deixou de ter razão em sua profecia. De fato, a luz poética do paraibano continua iluminando a literatura e a leitura de admiradores de sua obra no mundo inteiro. Uma poesia que seguiu, acima de tudo, a definição budista de que tudo está sujeito à decadência, à dor, ao sofrimento.

Mircea Eliade lembra que o Budismo é a única religião cujo fundador não se declara nem profeta de um Deus, nem seu enviado, e que, além disso, rejeita a ideia de um deus-ser supremo. “Mas ele se proclama 'desperto' (Buda) e, por conseguinte, guia e mestre espiritual”, ressalta. Sua pregação objetiva a libertação do homem e isso, no entender de Mircea Eliade, faz da mensagem soteriológica do Buda uma religião, a partir do prestígio de “salvador” atribuído ao mestre, com muitos lhe definindo como um ser divino.

Existem muitos mitos em torno da história de Buda. Conforme alguns pesquisadores, nasceu entre abril e maio de 558 a.C. Casou-se aos 16 anos, deixou o Palácio do seu pai, o Rei Shuddhodana Guatama, ao 29 anos, e teve o completo despertar por volta de 523. Teria falecido aos 80 anos, em novembro de 478 (ou 487). Entre os mitos, conta-se que o futuro Buda, o Bodisatva (o “ser com despertar”) escolheu seus próprios pais quando era um Deus no Céu dos Tusita. A concepção teria sido imaculada, com o Bodisatva penetrando no flanco direito de sua mãe sob a forma de um elefante branco. Sete dias após seu nascimento, a mãe morre e o jovem Siddharta é criado pela tia. Meditando sobre a velhice, a doença e a morte, perde a alegria de viver e decide salvar a humanidade desses três males, cumprindo profecia de adivinhos ao nascer de que Siddharta seria um Buda, um Iluminado. Mircea Eliade conta assim o episódio:

Os deuses, no entanto, frustram o plano do pai, e durante quatro incursões consecutivas nos jardins de prazer, no primeiro dia Siddharta encontra um velho decrépito apoiado a um cajado, no dia seguinte, um “doente macilento, lívido, ardendo em febre”, e finalmente um morto conduzido ao cemitério. O cocheiro revela-lhe que ninguém pode escapar à doença, à velhice e à morte. Por fim, numa última incursão, o príncipe vê um monge mendicante calmo e sereno, e essa visão o consola, mostrando-lhe que a religião é suscetível de sanar as misérias da condição humana. (ELIADE, 2011, p.75)

72 Estado de Nirvana profundo alcançado após a morte do corpo físico, caso a pessoa tenha alcançado a Iluminação em vida.

73 COHEN, Nissin - ob. cit. p. 161.

74 MELO, Fernando – ob. cit. p.17.

Buda vira um asceta itinerante e após fortes penitências compreende a inutilidade da ascese como meio de libertação e decide quebrar o jejum. “Nada do que constituísse a infinita variedade das experiências humanas lhe era a partir de então desconhecido - desde as beatitudes e as decepções da cultura, do amor e do poder até a pobreza de um religioso itinerante, as contemplações e os transe do iogue, passando pela solidão e pelas mortificações do asceta”⁷⁵, narra Mircea Eliade. Estava pronto, então, para alcançar a Iluminação, para tornar-se um Buda e pregar suas quatro nobres verdades e o caminho do meio.

Após seu parinirvana (ou seja, o nirvana final), a doutrina religiosa e a filosofia de Buda começam a se disseminar pelo mundo oriental, sendo, inclusive, adotada como religião oficial em alguns países daquela região. Na filosofia, um dos autores que mais disseminou o pensamento das religiões orientais, o Budismo incluso, foi Arthur Schopenhauer. Natural de Danzig, na Alemanha, Schopenhauer é considerado um dos maiores filósofos da história da humanidade, com uma reflexão acima de tudo pessimista sobre a vida. O pensamento filosófico de Schopenhauer está ligado à cultura védica a partir de conceitos como “*véu de Māya*” (ilusão, fantasia), “*Atman*” (alma, essência), “*Karma*” (causalidade, causa e efeito), “*Dharma*” (dever, lei), “*Brahman*” (essência universal), entre outros. Além disso, também utiliza-se do pensamento budista a partir de conceitos como “*Dukkha*” (sofrimento), “*Karuna*” (compaixão) e “*Nirvana*” (iluminação).

Na literatura oriental, publicada em português, já se consegue ver o reconhecimento que os orientais dão à influência de diversos textos budistas na obra do filósofo alemão. Em consonância com Buda, Schopenhauer defendia que viver é sofrer. Em sua obra mais emblemática, *O mundo como vontade e representação*⁷⁶, a cultura indiana é fortemente citada. Termos como *Os sábios da Índia*, *Trimurti*, *Upanishads*, *sânscrito*, *I-Ching*, entre outros, são recorrentes em várias páginas da obra schopenhaueriana. Para Schopenhauer, abolida a vontade, não resta mais nada para quem ainda é vontade. Ele explica o sentido de sua teoria da vontade de vida com o pensamento indiano. O filósofo entendia que as duas religiões que mais podem realizar a verdade e efetivar o conhecimento dos fenômenos seriam o Budismo e o Brahmanismo, por remeterem ao infinito a série de fenômenos mutuamente condicionados.

Se é incontestável que Schopenhauer recebeu influência do pensamento budista, também é fora de dúvida que sua filosofia influenciou fortemente a poesia do paraibano Augusto dos Anjos. O próprio Augusto citara, em entrevista já mencionada neste trabalho, que o alemão de Danzig estava entre os filósofos que mais admirava. A crítica, inclusive, procurou em vários trabalhos fazer uma ligação entre a poética cheia de dor de Augusto e a filosofia pessimista de Schopenhauer. Essas

75 ELIADE, Mircea - ob. cit. p.76

76 SCHOPENHAUER, Arthur. *O mundo como vontade e representação*. Tradução M. F. Sá Correa. Rio de Janeiro: Contraponto, 2001.

influências toda, do Budismo e de Schopenhauer, na obra de Augusto dos Anjos, já foram analisadas, inclusive, em obras acadêmicas.

2.1. Origem do Budismo, sua chegada ao Brasil e o “Eu” na filosofia budista

Como já dissemos, as primeiras referências ao Budismo no Brasil apareceram na literatura, através de autores como Machado de Assis, Aluísio de Azevedo, Cruz e Sousa, Raimundo Correa, Olavo Bilac, Farias Brito e Augusto dos Anjos, entre outros, autores estes situados historicamente entre final do século XIX e início do século XX. No entanto, as referências ao Budismo nas obras de tais autores, à exceção de Farias Brito, são mais literárias mesmo, não significando, portanto, que eles tenham sido budistas ou praticado o Dharma. Na verdade, muitos dos autores mencionados acima utilizaram-se de termos budistas para enfatizar alguma expressão de sua poética e de seus personagens em romances ou contos, como uma espécie de figura de linguagem, recurso geralmente utilizado pelos escritores para dar expressividade a um texto literário. Mas claro que alguns foram além disso, como será fácil de constatar na poética augustiana, quase toda ela impregnada da filosofia budista, como veremos com mais profundidade ainda neste trabalho.

Frank Usarki⁷⁷ desenvolveu a tese de que existe no Brasil uma tripla tipologia de Budismo: um Budismo de imigração, um Budismo de conversão de primeira geração e um Budismo de conversão de segunda geração. Foi através da imigração japonesa que elementos da cultura e das tradições do Japão penetraram no Brasil, mas não há informações oficiais que comprovam que havia um projeto ou plano para que junto com esses elementos culturais japoneses viesse também o Budismo. Entre os primeiros intelectuais brasileiros que trataram do Budismo em suas obras, está Cícero Flores de Azevedo (Ciflovedo), autor de *Ilusão, Desejo e Nirvana*, publicado em 1952. Já o *Dhammapada* do professor Mário Lobo Leal, de 1955, é a primeira tradução integral de um texto budista no Brasil. No âmbito acadêmico, foram os alunos do professor Eurípedes Simões de Paula que iniciaram as pesquisas sobre o Budismo no Brasil, a exemplo do professor Ricardo Mário Gonçalves. Já na década de 1960, acontece a grande onda do zen-budismo, a partir da chegada da obra do escritor Allan W. Watts⁷⁸ e nas décadas seguintes vários autores estudam o Budismo no Brasil.

Todos estes autores (e outros não citados aqui) procuraram, de certa maneira, trazer para o Brasil o legado budista. “Não somente o Buda faz do sofrimento e da libertação do sofrimento o foco de seu ensinamento, mas ele lida com o prolema do sofrimento de uma maneira que revela um

⁷⁷ USARKI, Frank. *O Budismo no Brasil – um resumo sistemático*. São Paulo, Lorosae, 2002.

⁷⁸ Allan Wilson Watts nasceu em Chislehurst, na Inglaterra, em 1915, tendo sido teólogo e filósofo. Grande parte de sua vida foi para difundir filosofias do mundo oriental para o Ocidente. Morreu em 1973, na Baía de São Francisco, na Califórnia, Estados Unidos.

grau extraordinário de insight psicológico. À maneira de um psicanalista, o Buda rastreia o sofrimento até suas raízes dentro da nossa mente, à nossa sede/anelo e ao nosso apego; e ele sustenta que a cura, a solução ao problema do sofrimento, deverá também ser alcançada dentro da nossa mente”, alerta Nissim Cohen⁷⁹.

A base do ensinamento de Buda está nas chamadas quatro “nobres verdades” e no “caminho do meio”. Isso foi pregado por ele em seu primeiro sermão⁸⁰ após o despertar, em Benares, localizada às margens do Rio Ganges, na Índia. Buda entendia que tudo é sofrimento. Assim, “o nascimento é dor, o declínio é sofrimento, a doença é sofrimento, a morte é sofrimento. Estar junto do que não se ama significa sofrer. Estar separado do que se ama... não ter o que se deseja, significa sofrer⁸¹”. Sofrimento aqui entendido como *Dukkha*, em Páli, que definiria a primeira nobre verdade. A segunda nobre verdade busca localizar a origem do sofrimento no desejo, apetite ou a sede (*tanha*), que determina o ciclo dos renascimentos, o *samsara*. A terceira nobre verdade afirma que a libertação da dor acontece com a eliminação da sede/anelo. E a quarta e última verdade mostra as vias que conduzem à cessação do sofrimento. Em seus ensinamentos, Buda evita os dois extremos: a busca da felicidade pelos prazeres do sentido e a procura da beatitude espiritual por um ascetismo excessivo. Desta forma surge o Caminho do Meio, também chamado de Nobre Caminho Óctuplo, assim definido: 1) concepção ou opinião correta; 2) pensamento correto; 3) palavra correta; 4) atividade correta; 5) meios de existência corretos; 6) esforço correto; 7) atenção correta; 8) concentração correta.

Foi meditando sobre as duas primeiras nobres verdades – a dor e a origem da dor, que Buda descobriu a impermanência, a não substancialidade (*anatta*, em páli) das coisas e a não substancialidade do seu próprio ser. Para Buda, tudo que existe no mundo pode ser classificado em cinco agregados: conjunto das aparências ou do sensível (incluindo aqui a totalidade das coisas materiais, os órgãos dos sentidos e seus objetos), as sensações, as percepções e noções surgidas delas, as construções psíquicas e os pensamentos. Apenas o Nirvana não é condicionado e não estaria incluído entre os “agregados”⁸².

Ao contrário de outras religiões orientais, o Budismo nega ou silencia em relação à existência de um princípio espiritual autônomo, o *atman* ou o *purusa*. Seria, assim, no entender de Mircea Eliade, uma doutrina que exalta a importância do ato e de seu “fruto”, a retribuição do ato, ao mesmo tempo que nega o agente, o “comedor do fruto”. Vale tentar entender essa aparente

79 “Ensinamentos do Buda: Uma antologia do Cânone Páli” - ob. cit. p. 20.

80 Segundo Nissim Cohen, em seu primeiro discurso dado aos cinco bikshus no Parque dos Veados, em Isipatana (Sâmâth), Buda explica o que entende por sofrimento: “O Nascimento é doloroso; a velhice é dolorosa; a tristeza, a lamentação, a dor, o desgosto e o desespero são dolorosos também; a associação com o desagradável é dolorosa, a separação do que é caro é dolorosa; desejar algo e não obtê-lo, isto também é doloroso; sucintamente, os cinco agregados de personalidade (objetos) do apego; são (insatisfatórios e) dolorosos”

81 Apud Mircea Eliade, ob. cit. p. 91.

82 ELIADE, Mircea - ob. cit. p. 93.

contradição:

Tais hesitações e ambiguidades refletem o embaraço provocado pela recusa de Buda em resolver certas questões controvertidas. Se o mestre negava a existência de um eu irreduzível e indestrutível, era porque sabia que a crença no *atman* acarreta intermináveis disputas metafísicas e estimula o orgulho intelectual; em última análise, impede a obtenção do despertar. Como ele não se cansava de lembrar, pregava a eliminação do sofrimento e os meios de realizá-la. As inúmeras controvérsias em torno do “eu” e da “natureza do nirvana” encontravam solução na *experiência do despertar: eram insolúveis pelo pensamento e no nível da verbalização*. (ELIADE, 2011, p.95)

Por esta análise, poderíamos dizer que Augusto dos Anjos não seria devoto da filosofia budista? Afinal, seu único livro tem como título justamente *EU*, título que na avaliação de Órris Soares vale como uma autopsicologia, um monossílabo que fala. “O *EU* é Augusto, sua carne, seu sangue, seu sopro de vida. É ele integralmente, no desnudo gritante de sua sinceridade, no clamor de suas vibrações nervosas, na apoteose de seu sentir, nos alentos e desalentos de seu espírito⁸³”, define. Antes de utilizarmos o testemunho de Órris Soares para afirmar que Augusto dos Anjos “não acatava” os princípios budistas, torna-se necessário entender melhor como o “Eu” era abordado nos ensinamentos de Buda.

Nissim Cohen⁸⁴ conta que antes do Budismo, a tradição bramânica produzira composições conhecidas como Upanixadas, onde a busca espiritual era vista como a procura do conhecimento do Eu (*atman*). Não seria um Eu pessoal, mas resistia além do corpo e da mente, como um Eu universal, comum a todos os seres. Essas ideias eram debatidas pelos ascetas-andarilhos, Buda entre eles. Buda buscou agrupar tais doutrinas sob três aspectos: os “Eternalistas”, que acreditavam em alguma forma de Eu ou princípio-vital eterno; os “Aniquilacionistas”, materialistas que diziam que a pessoa é completamente destruída na morte; e os “Coleadores qual Enguias”, grupo de cétricos e evasivos que pensavam que os seres humanos eram incapazes de dominar temas como Eu e renascimento.

Alguns Upanixades concluíram que o “Eu individual” (*atman*) e o “Eu universal” (*Brahman*) são um e o mesmo. Diferentemente dos Upanixades que atribuem à intervenção do *Atman* o conhecimento e a visão que alguém adquire e não ao seu próprio esforço, Buda vê isso como uma ocorrência natural, portanto, sem nada de sobrenatural. Vários conceitos foram utilizados por Buda para rejeitar o conceito de *Atman*. O principal deles, no entendimento de Nissim Cohen, é a descrição do ser humano como uma personalidade psicofísica. Neste sentido, o primeiro passo para rejeição do eu metafísico é o reconhecimento de uma personalidade psicofísica conhecida como *nāma rūpa*, nome-forma, mentalidade-materialidade. Essa tese era usada pelos Upanixades,

83 No prefácio à segunda edição do *EU*, publicado na antologia organizada por Alexei Bueno já citada aqui.

84 COHEN, Nissim. *Ensinamentos do Buda: uma antologia do Cânone Páli* São Paulo: Devir Livraria, 2008.

mas Buda adaptou o termo ao seu sistema, onde *rūpa* é definido como os quatro grandes elementos e a forma deles derivada. *Nāma* seria a junção de fatores mentais envolvidos em cognição. Buda evitou classificar essas duas entidades como distintas. Para ele, a matéria é “contato com a resistência” e a mente é “contato com conceitos”. Dessa maneira, Buda renuncia a qualquer busca por algo misterioso que determinaria as leis físicas e as leis do pensamento. O ser humano seria capaz de exercer uma força irresistível sobre este mundo externo e nele inserir mudanças. Buda fala, ainda, dos dois níveis de verdade, uma relativa e uma verdade última:

Quando fala em “eu”, “seu”, “indivíduo”, “agregados da personalidade”, etc., está falando em termos de verdade convencional, não querendo dizer com isto, que existe um “eu” substancial ou permanente, por exemplo. Quando menciona “Nirvana”, “originação dependente”, “não-eu”, “carma”, etc., está se referindo à verdade última. (COHEN, 2008, p.47)

Para Nissim Cohen, a chave do ensinamento do Buda é a doutrina da insubstancialidade, do “não-eu” (*anattā*). Do ponto de vista prático, *anattā* significa que todas as coisas físicas e mentais são sem uma essência permanente, contínua de “eu”, e que a ideia que nós temos do “eu” é errônea. Assim, cada momento de cada dia é vivido como tivéssemos um “eu”, no entanto isto não é o que aparenta ser. “O que é então este 'eu' que parece ser real mas não é? O Buda menciona, num dos discursos, um 'eu' adquirido”, afirma Nissim Cohen, explicando que o conceito de um eu duradouro e permanente surge provavelmente como resultado da faculdade da memória: “A consciência é um fenômeno momentâneo. A lembrança do passado e especulação acerca do futuro não tem realidade exceto no momento imediato da consciência, que nós chamamos de presente. Ao tentar compreender *anattā* será útil considerarmos o que ocorre quando os liames da memória são quebrados”, acrescenta. Para o Budismo, quando todos os cinco agregados estão sujeitos à dissolução, nenhum deles pode ser um Eu, Ego ou Alma, porque, conforme tradições hindus, uma alma seria imperecível, imutável e livre de sofrimento. Por conta disso, a pessoa seria um não-eu (*anattā*), apenas uma pessoa empírica. E explica:

Para ganhar uma compreensão da impermanência, sofrimento e não-eu da personalidade constituída dos cinco agregados, seria mais fácil se alguém pudesse assumir uma atitude imparcial em relação a si próprio. Isto, no entanto, é difícil porque muita alegria efêmera está ligada aos agregados, o que camufla o desagrado fundamental de toda experiência samsárica. (...) Somente coisas com as quais uma pessoa se identifica pode perturbar sua mente – somente aquilo que “me” diz respeito pode dar a “mim” tristeza. Se os cinco agregados, que alguém chama de “minha” personalidade, não forem na realidade um eu, então nenhuma miséria que os acomete “me” diz respeito. Esta atitude, naturalmente, não alivia a dor mas ajuda alguém a suportá-la e a superá-la mentalmente. O Budismo está convencido de que não são as circunstâncias nas quais uma pessoa se encontra que determinam seu bem-estar, mas o domínio sobre elas. (COHEN, 2008, p.77)

Além da insubstancialidade, existem mais duas características da existência dentro do

Budismo: impermanência (*anicca*) e sofrimento (*dukkha*). Impermanência significa que tudo o que sabemos, tanto no mundo interno quanto no externo, encontra-se em constante estado de mudança. Nissim Cohen observa que muito antes de a Química e a Física haverem descoberto a transitoriedade e a instabilidade da matéria/energia, o Buda já se dera conta da impermanência fundamental de todos os fenômenos - inclusive de tudo aquilo que um homem poderia chamar de seu “eu”: o corpo e a mente, as sensações, percepções e sentimentos são instáveis e sujeitos a mudanças. Sobre o sofrimento, o fato fundamental do Budismo é que toda a vida é insatisfatória. Essa insatisfação vem sobretudo do desejo. A causa do desejo seria o estado de não-saber, da “ignorância”. O Buda, ressaltava Cohen, diferencia os prazeres grosseiros derivados dos órgãos sensoriais e a experiência de regozijo derivada dos exercícios de meditação, sendo os prazeres mais grosseiros originados dos apego e da ignorância.

O professor e escritor Joaquim Monteiro entende que na história do pensamento budista existem várias formas de compreensão do conceito de ignorância⁸⁵. Segundo analisa, ela é geralmente associada à discriminação, mas existem duas formas de compreender a relação entre a ignorância e a discriminação. A primeira delas restringe a ignorância apenas à falsa discriminação. Neste caso, a discriminação correta não é considerada uma forma de ignorância. No segundo caso, considera toda e qualquer discriminação como sendo uma modalidade de ignorância. Para o Budismo, explica Joaquim Monteiro, a origem do mal está associada a uma mente dominada pela ignorância, assim explicada:

A ignorância é por um lado o primeiro dos doze elos da “originação dependente” e a causa central do sofrimento se constituindo assim em um dos temas centrais do pensamento budista. (MONTEIRO, 2015, p.94)

O Budismo tradicional alerta que a ignorância origina-se do nascimento, em decorrência de uma vida prévia. “Como vivíamos num estado de ignorância naquela vida, nossa mente e consciência nesta presente vida são coloridas e condicionadas por aquela ignorância, e isto continuará na vida vindoura e na seguinte, e assim interminavelmente, a não ser que a erradiquemos agora” (COHEN, 2008, p. 73). O Budismo entende que a ignorância é um estado natural do ser humano não-iluminado e que está associada às três raízes insalutares e a originação dependente.

Contam os estudiosos que após descobrir o Caminho do Meio, Buda abandonou os excessos cometidos contra o próprio corpo. Quando o corpo debilitado já estava fortalecido, sentou-se ao pé de uma árvore e à noite entrou em estágios meditativos profundos, até sua mente se acalmar. Segundo narram os textos, na primeira vigília da noite direcionou sua mente à rememoração de suas vidas anteriores. Nesta vigília, desenvolveu o “olho divino”, que lhe permitia ver as mortes e

85 MONTEIRO, Joaquim. *O budismo Yogacara: uma introdução*. João Pessoa: Editora UFPB, 2015.

renascimento de seres, de acordo com seus carmas. Na última vigília da noite, conseguiu penetrar nas mais profundas verdades da existência, extinguindo todos os cancros morais e alcançando a Iluminação, o Nirvana, tornando-se um Buda. Mircea Eliade ressalta que Buda não apresenta uma “definição” do Nirvana, mas referia-se a alguns de seus atributos, como a beatitude, e comparava a obtenção da Iluminação à extinção de uma chama: “Houve quem observasse, porém, que para o pensamento indiano, a extinção do fogo não significa seu aniquilamento, mas a volta a um estado virtual” (ELIADE, 2011, p. 100). A via que conduz ao Nirvana passa, obrigatoriamente, pela suspensão da dor obtida através da cessação total da sede (*tanha*), renunciando e não se prendendo a ela. Mircea Eliade esclarece que essa via para o Nirvana vem através das duas últimas verdades, com a terceira falando da libertação da dor através da eliminação dos “apetites” e a quarta dos caminhos que conduzem a cessação desse sofrimento.

Em sua poética, Augusto dos Anjos não apenas reproduziu seu mundo, sua vida particular. No entender de Órris Soares, “aquela amargura dos primeiros versos é a sua própria e singular amargura”⁸⁶. Não vemos dessa forma. Augusto dos Anjos antes de ser um homem amargurado, como quer crer o seu prefaciador, era um poeta, um intelectual, uma pessoa que lia muito e por isso questionava as coisas que via através de sua poesia. O *EU* que dá título ao seu livro seria dentro da própria lógica budista, de que não há nada misterioso ou sobrenatural a determinar nossas reações físicas e mentais, mas apenas o “Eu” de um ser humano capaz de intervir no mundo externo. No caso de Augusto dos Anjos, através da poesia. Desta forma, Augusto poderia, sim, ter sido “criado no leito do budismo e alimentado pelo schopenhauerismo”, como afirmara Órris Soares em trecho já transcrito aqui do seu prefácio à segunda edição do *EU*. Afinal, como diz Wilson Castelo Branco, “é, pois, através do Eu, que Augusto dos Anjos destila os corrosivos em que se dissolvem, mercê das realidades humanas, os sentimentos rotineiros, as virtudes medianas, as qualidades morais estereotipadas – tudo aquilo, enfim, que nossas mãos contaminam e transformam em contrafações”. Assim, na avaliação do crítico, não seria o egocentrismo a característica principal da poesia de Augusto dos Anjos, mas antes mostrar o quanto são pequenino o homem e a humanidade⁸⁷.

2.2. Schopenhauer e a filosofia que influenciou Augusto dos Anjos

Schopenhauer dizia ser o mundo a sua representação e que tudo que existe, existe para o pensamento, que o universo inteiro é apenas objeto em relação a um sujeito, apenas percepção em relação a um espírito que percebe. Ou seja: pura representação. Ao mesmo tempo, o indivíduo é o sujeito do conhecimento e estaria nesse ponto a chave do enigma, através da palavra Vontade. “Isso,

86 SOARES, Órris. - ob. cit. p. 65.

87 BRANCO, Wilson Castelo. - ob. cit. p. 160.

apenas isso, lhe dá a chave da sua própria existência fenomenal, lhe descobre a dignificação desta, lhe mostra a força interior que produz o seu ser, as suas ações, o seu movimento. O sujeito do conhecimento, pela sua identidade com o corpo, torna-se um indivíduo; desde aí, esse corpo é-lhe dado de duas maneiras completamente diferentes: por um lado, como representação no conhecimento fenomenal, como objeto entre outros objetos e submetido às suas leis; e por outro lado, ao mesmo tempo, como esse princípio imediatamente conhecido por cada um, que a palavra Vontade designa”, explica o filósofo.⁸⁸

Para Schopenhauer, uma vida feliz não é possível. Segundo ele, aquilo que o homem pode realizar de mais belo é uma vida heroica, que consiste em lutar sem descanso, em uma esfera de atividade qualquer, pelo bem comum, e em triunfar no final, sob a condição de ser mal recompensado pelos seus esforços. O pessimismo filosófico é um dos principais legados da obra de Schopenhauer, embora Adolphe Bossert prefira ver em Schopenhauer um “otimismo filosófico”⁸⁹:

Qual é, para ele, a verdadeira forma de vida moral? É a renúncia ao querer viver individual, a abdicação do egoísmo, a imolação do eu, a morte voluntária no sentido espiritual da palavra. Se essa regra de conduta se tornar lei universal, segundo a expressão de Kant, o que resultará disso? Uma sociedade na qual não haverá mais eu e não eu, em que cada um irá considerar sua sorte como intimamente ligada à de seus semelhantes; uma sociedade onde todos os membros viverão, por assim dizer, apenas uma vida coletiva. Quem poderia desejar um mundo melhor? (BOSSERT, 2011, p.358)

Na prática, o que Schopenhauer pregava é que a vida era uma negação da existência e ao mesmo tempo uma vontade de querer viver, porque a afirmação da vida seria necessária para nos tornarmos humanos e integrados à realidade deste mundo. Para alguns estudiosos, a alternativa para Schopenhauer talvez fosse o Budismo, já que o filósofo foi um dos poucos que conseguiu ver, em seu tempo, na doutrina ensinada por Buda, a resposta para toda a idealidade do sofrimento. E aqui voltamos a Augusto dos Anjos. Até que ponto a filosofia pessimista de Schopenhauer influenciou a poesia do poeta paraibano?

A concepção de um mundo como o pior dos possíveis, idealizado por Schopenhauer, e a constatação de que não há nada que possa ser compreendido como durável nesta existência, também são encontrados no universo de Augusto dos Anjos. O livro *O mundo como vontade e representação*, principal obra do filósofo, foi traduzido para o Brasil por partes e por isso o público que o leu acabou por interpretá-lo equivocadamente. Mas assim como outros escritores da época, a exemplo de Machado de Assis, Augusto dos Anjos teria feito uma correta leitura da obra de Schopenhauer, apesar das traduções sofríveis de então. Schopenhauer combateu com intensidade o idealismo alemão, encampado por nomes como Hegel, Fichte e Schelling. Fez fortes críticas à

88 SCHOPENHAUER, Arthur – *O mundo como vontade e representação* - ob, cit., pp. 109-110.

89 BOSSERT, Adolphe – *Introdução a Schopenhauer*. Tradução: Regina Schöpke, Mauro Baladi – Rio de Janeiro: Contraponto, 2011.

filosofia de Hegel, que era o mais renomado professor e filósofo de Alemanha na época. Isso, aliás, levou-o a fracassar na tentativa de assumir cátedra de professor.

Heinrich Floris, o pai de Arthur Schopenhauer, tinha espírito empreendedor. Conseguiu enriquecer com o comércio e casou-se aos 38 anos com Johana Trosiener, vinte anos mais jovem e filha de um rico comerciante. Arthur Schopenhauer, nosso filósofo, nasceu em Danzig em 22 de fevereiro de 1788. Ainda pequeno, viajou por vários países da Europa, até a morte do pai, em 1806, quando, a partir de então, Schopenhauer passa a ter sérios conflitos com a mãe. Estudou Latim, Filosofia, Grego, Matemática, História, Fisiologia, Anatomia, Zoologia, Botânica, Mineralogia, aprendeu italiano e espanhol, fez amizade com Johann Wolfgang von Goethe, autor de *Fausto*, e teve várias paixões. Faleceu aos 21 de setembro de 1860, vítima de pneumonia, aos 72 anos de idade. Foi bastante criticado pelos seus contemporâneos, mas a importância de suas ideias seria reconhecida postumamente. Lançou *A quádrupla raiz do princípio da razão suficiente, Sobre a visão e as cores* e, entre 1818-1819, surge sua grande obra, *O mundo como vontade e como representação*.

Dividido em quatro partes, *O mundo como vontade e representação* foi desafiador em sua época. Era um tempo em que o espírito hegeliano pairava sobre a filosofia mundial. Ademais, o pensamento pessimista de Schopenhauer desanimava muitos leitores. Lançou outras obras, mas quase fica no anonimato até lançar em 1851 o livro *Parerga e Paralipomena*, que lhe trouxe o reconhecimento já perto do final da vida. Segundo o próprio Schopenhauer, essa obra representaria o acabamento de seu edifício filosófico.

No livro terceiro de *O mundo como vontade e representação* Schopenhauer dedica um terço de um capítulo para falar das particularidades da poesia e do poeta. Como estamos também analisando a influência de Schopenhauer na obra de Augusto dos Anjos, pensamos ser necessário refletir um pouco sobre as ponderações do filósofo a respeito do tema. Schopenhauer compara o poeta a um químico. Para ele, da mesma forma que o químico, ao combinar líquidos inteiramente claros e transparentes, obtém um precipitado sólido, também o poeta tira da universalidade abstrata e transparente dos conceitos, pela maneira como os une, o concreto e o individual, a representação intuitiva, já que a ideia só pode ser conhecida por intuição e o conhecimento da ideia é a finalidade de toda forma de arte. Schopenhauer destaca que os auxiliares importantes da poesia são o ritmo e a rima, elementos encontrados com intensidade na poética augustiana. A poesia, no seu entender, abarcaria um domínio imenso, pois toda a natureza e as ideias poderiam ser expressas por ela. Ademais, o homem seria o objeto principal da poesia, ao contrário da história, que mostra mais os homens do que o homem. Para os que criticam Augusto dos Anjos, alegando que a poesia do *EU* era um retrato de sua vida pessoal (como abordamos no item 1.2.1 deste trabalho) e como tal não deveria ser valorizada, vale ler esse trecho:

A experiência pessoal é uma condição necessária para compreender a poesia, tanto como a história, visto que ela é como que o dicionário da língua que ambas falam. Mas a história está para a poesia assim como o retrato está para o quadro histórico: a primeira dá-nos a verdade particular, a segunda a verdade universal; a primeira tem a verdade do fenômeno, e o fenômeno é uma prova em apoio desta verdade; a segunda tem a verdade da ideia, que não resulta de nenhum fenômeno particular, mas de todos em geral. (SCHOPENHAUER, 2011, p.257)

O poeta, no entender do filósofo, abarca a essência da humanidade, fora de toda relação, fora do tempo; ele apreende a objetividade da coisa em si, no seu grau mais alto. Assim, tudo aquilo que tem uma importância absoluta e não relativa, encontra-se mais exata e claramente na poesia do que na história. Não custa lembrar que Aristóteles⁹⁰ já dizia que não é ofício do poeta narrar o que aconteceu, mas sim o de representar o que poderia acontecer. Quer dizer: o que é possível segundo a verossimilhança e a necessidade. “Com efeito, não diferem o historiador e o poeta por escreverem verso ou prosa, diferem, sim, em que diz um as coisas que sucederam, e outro as que poderiam suceder. Por isso, a poesia é algo de mais filosófico e mais sério do que a história, pois refere aquela principalmente o universal, e esta o particular”, dizia Aristóteles (*Poética*, IX, 50).

Poderíamos dizer que o texto poético de Augusto dos Anjos sinaliza, de forma consciente ou não, para algumas dessas teorias. Antes de tudo, o nosso poeta construiu seu mundo, seu Nirvana particular, a partir de uma poesia que buscou na filosofia a explicação para os conflitos entre o cientificismo do início do século XX e o espiritualismo da sua formação cristã. Com isso, construiu verdades “absolutas” no campo da poesia que até hoje vêm intrigando a crítica literária e os estudiosos da sua obra. Como afirma José Oiticica⁹¹, a ciência não lhe explicava os problemas cósmicos, embora revelasse mundos sobre mundos. A espiritualidade cristã, as filosofias não matavam na consciência augustiana a interrogação fatal. Não podemos esquecer que grande parte da filosofia de Schopenhauer que porventura tenha influenciado a poética de Augusto veio, em certo sentido, da doutrina budista. Schopenhauer fora um grande admirador do Budismo e a experiência que teria tido com os ensinamentos de Buda deixaram fortes marcas em seu pensamento. Neste sentido, em *O mundo como vontade e representação* Schopenhauer também busca descrever as quatro nobres verdades, ao falar de sofrimento e dor para justificar sua doutrina. Assim, se a primeira nobre verdade é o reconhecimento e a compreensão do sofrimento, Schopenhauer afirma com ênfase que “toda vida é sofrimento”. A segunda nobre verdade fala acerca da origem do sofrimento, que estaria no desejo. Não por coincidência, o pessimismo de Schopenhauer é fundamentado na vontade e no querer. A terceira nobre verdade é a cessação do sofrimento, impedindo sua causa, no caso o desejo. Schopenhauer entende que o prazer é um momento fugaz de

90 ARISTÓTELES. *Poética*: tradução Eudoro Souza. São Paulo: Ars Poética, 1992, 2ª Edição.

91 BUENO, Alexei – ob. cit. p.. 113.

ausência de dor e não existe satisfação durável. Por fim, a quarta nobre verdade sobre a via que leva à cessação do sofrimento, o caminho que leva à Iluminação, ao Nirvana. Em Schopenhauer, o ato de negação da vontade é chamado de Nirvana. Ele identifica a Vontade como a “coisa em si” kantiana, enquanto essência de tudo que nos cerca, até mesmo como nossa essência, em tudo está presente. Segundo ele, nos animais irracionais a objetivação da Vontade revela-se ao nível do instinto. Os animais nascem, crescem, caçam, procuram e morrem; vivem o momento presente, e a morte lhes chega de modo natural. Nos momentos de perigo, a ideia da morte lhes chega intuitivamente. Em relação aos homens, Fernando J. S. Monteiro⁹² assim explica o pensamento schopenhaueriano:

No homem, com a capacidade de abstração e da memória, há uma assimilação de conhecimentos passados, uma expectativa de futuro, ele tem consciência da morte que lhe há de chegar implacável. A Vontade, que não se pauta em arrazoados, desperta no homem o querer, o sentimento de posse, o dominar, o afirmar-se. Fundado no egoísmo, com a inteligência à mercê da Vontade, o homem pratica toda sorte de ações que chamamos condenáveis: são os crimes, o barbarismo, a crueldade, o flagelo da guerra. (MONTEIRO, 2011, p.29)

Essa Vontade pode se revelar, também, como objeto sexual. Na filosofia de Schopenhauer, a Vontade representada pelo sexo opõe-se diretamente ao intelecto, porque a sexualidade, assim como a Vontade, jamais estará subjugada à razão. Assim, cada corpo é invadido pela mesma Vontade, mas cada um a revela de modo particular, visto que a própria conformação corpórea, o caráter e o modo como cada qual assimila essa investidura da Vontade, são fatos de individuação, conforme Fernando J. S. Monteiro. Para Schopenhauer, todo sofrimento resulta de uma desproporção entre aquilo que desejamos ou esperamos e o que podemos obter, desproporção esta que só existe por causa do conhecimento. Raul Machado dizia que a “faculdade visualística” de Augusto dos Anjos revelou-lhe, como a Schopenhauer, que só a dor é positiva no mundo e que o mais longo momento de felicidade não compensa a duração de um gemido.⁹³ Esse pessimismo de Augusto dos Anjos, influenciado por Schopenhauer, fascinava alguns estudiosos como Agripino Grieco⁹⁴. Medeiros e Albuquerque considerava tal pessimismo augustiano superior ao de todos os poetas de todos os tempos. “O que ele teve foi vergonha de cantar certos sentimentos íntimos. Talvez o horror de saber que era um semeador da morte, o impedisse de ter efusões, que em outras condições manifestaria” (ALBUQUERQUE, 1994, p. 97).

92 MONTEIRO, Fernando J. S. *10 lições sobre Schopenhauer*. Petrópolis, RJ: Vozes, 2011 (Coleção 10 lições)

93 BUENO, Alexei – ob. cit. p. 107.

94 BUENO, Alexei – ob. cit. pp. 82-83.

2.3. Augusto dos Anjos e o Budismo: uma relação acadêmica

Como já falamos, as relações entre o Budismo e a poesia de Augusto dos Anjos já foram temas de dissertações e artigos acadêmicos. Falaremos aqui de trabalhos de dois pesquisadores que levantaram as possibilidades da influência budista na poesia augustiana: Elvis Brassaroto Aleixo e Sandra S.F. Erickson. O primeiro é autor da dissertação de mestrado *A Expressão do Sagrado Budista na poesia de Augusto dos Anjos*⁹⁵ e a professora Sandra S. F. Erickson⁹⁶ escreveu artigo acadêmico sobre o Budismo moderno na poesia do paraibano, além de em outro artigo fazer analogias entre o soneto “Mater originalis” e o Sutra Prajñāpāramitā⁹⁷.

Na sua dissertação, Elvis Brassaroto Aleixo busca analisar a espiritualidade na poesia de Augusto dos Anjos sob a perspectiva do sagrado budista absorvido pelo poeta principalmente por intermédio do pensamento de Arthur Schopenhauer. O trabalho é dividido em três partes: a primeira sobre a classificação literária da obra de Augusto dos Anjos, também aborda a relação entre literatura e religião; a segunda apresenta uma refutação ao suposto ateísmo presente em seus poemas e afirma sua espiritualidade eclética; a terceira identifica e faz uma leitura crítica das peças poéticas em que o Budismo está presente, privilegiando o conceito religioso do Nirvana. Em sua dissertação, Elvis Brassaroto Aleixo analisa poemas publicados no *EU*, único livro lançado em vida por Augusto dos Anjos, mas estuda também as antologias *Outras Poesias* e *Poemas Esquecidos*. A seleção de poemas e excertos utilizadas no trabalho não foi regida pelo critério estético, mas procurando mostrar textos onde a espiritualidade de Augusto dos Anjos se apresenta mais forte. O *corpus literário* explorado no trabalho privilegia três sonetos: “Budismo Moderno”, “Revelação” e “Meu Nirvana”, o primeiro publicado no *EU* e os demais em *Outras Poesias*. Foi através desses três poemas que Elvis Brassaroto Aleixo buscou mostrar a existência de elementos budistas na poesia de Augusto dos Anjos.

Neste sentido, o pesquisador destaca que a espiritualidade presente na obra de Augusto dos Anjos é multifacetada e pode acontecer em diferentes dicções, como o grau de sincretismo que envolve as mitologias egípcia, babilônica, persa, grega, hindu e sagrado judaico-cristão. Interessante que a ideia inicial de Elvis Brassaroto Aleixo era trabalhar o sagrado cristão na obra de Augusto dos Anjos. O avanço das pesquisas o levou a concluir que esse tema demandaria um trabalho de maior vulto e por isso acabou se restringindo às influências do Budismo na obra augustiana. Na primeira parte da pesquisa o autor investe no que ele chama de “ambientação” do leitor, considerada

95 ALEIXO, Elvis Brassaroto. - A expressão do sagrado budista na poesia de Augusto dos Anjos. Dissertação de Mestrado em Teoria Literária, Unicamp, 2008.

96 ERICKSON, Sandra S. F. - Augusto dos Anjos: Budismo moderno. In <http://www.cchla.ufrn.br/shXVIII/artigos/GT05/Sandra%20S.F.%20Erickson.pdf>

97 ERICKSON, Sandra S. F. - *Mater Originalis: Buda Matri – Augusto dos Anjos e o Sūtra Prajñāpāramitā*. In *Revista Cultura Oriental*: <http://periodicos.ufpb.br/ojs/index.php/co/article/view/20194>

necessária para amenizar os argumentos de parte da crítica que não admitia recorrer à espiritualidade como chave interpretativa da obra de Augusto. Como ação, são analisadas metáforas budistas utilizadas na obra do poeta e a configuração do triângulo entre Buda, Augusto dos Anjos e Schopenhauer. Em seguida é feita a “aproximação” e “identificação”, através do estudo dos poemas citados anteriormente.

Antes de se deter na influência do Budismo, Elvis Brassaroto Aleixo fala da recepção da crítica à obra de Augusto dos Anjos, enfatizando o biografismo e as escolas literárias da época em que o livro foi lançado, destacando o Decadentismo, que teria levado ao transcendentalismo, além das inevitáveis comparações com a poesia de Cruz e Souza. Para ele, no *EU* o homem manifesta suas entranhas, suas exceções, seu desespero em face da finitude da vida material em meio à realidade da morte. “No *EU*, a consternação e o desvendamento do mundo real viabilizam o complexo amálgama formado pela literatura, pela filosofia e pela religião”, observa.

Elvis Brassaroto Aleixo afirma, ainda, que o eu-lírico augustiano tem o seu próprio Nirvana; alcança sua própria salvação, mas não almeja guardá-la apenas para si; quer compartilhá-la com toda a humanidade. “No entanto, isso não é pensado por meio do arquétipo de Buda, nem poderia ser, pois no Budismo não existe um redentor muito menos redenção coletiva, pois cada qual deve buscar a solução em si próprio. Ao contrário, na poesia augustiana, a figura de Cristo atua como arquétipo do redentor, visto que a este último o princípio da salvação e reparação da culpa coletiva por meio do holocausto é perfeitamente adequado”, conclui. Para ele, ao contrário da definição de Antônio Torres de que Augusto dos Anjos seria o Poeta da Morte, há muita Vida na poesia do paraibano. Desta forma, a ideia fixa da morte apresentada nos versos augustianos seria fruto de quem sentiu a vida e desejou “viver também a morte”:

Como no Budismo, a poesia augustiana afirma a existência material como desgraça porque a vida física contém o sofrimento e a morte. No *EU*, enquanto o nascimento é algo negativo por causa dos infortúnios da vida, a morte em si, entendida como “vazio”, é positiva. Isso afirmamos não somente porque a morte necessita da vida como seu a priori no âmbito material, mas também porque resulta da experiência da morte o rasgar do véu espesso que proporciona a esperança de uma existência espiritual e transcendente. (ALEIXO, 2008, p.187)

Elvis Brassaroto Aleixo entende que quando a poética de Augusto afirma a morte desta vida, na verdade está fazendo isso em nome do seu Nirvana, do seu nada, em nome do vazio, conceitos que podem ser interpretados como uma abertura para um recomeço, uma nova vida. Seria essa a grande ambição presente na poesia augustiana: o resgate da humanidade e a restituição do paraíso perdido, na análise de Elvis Brassaroto Aleixo.

Já no seu trabalho intitulado *Augusto dos Anjos: Budismo Moderno*, Sandra Erickson explora as possibilidades estéticas dos recursos da voz lírica de alguns poemas do *EU* desenvolvido

a partir de temas, vocabulário e imaginário budistas. A professora afirma com todas as letras que a poesia de Augusto não promove o ateísmo-científico-filosófico, comumente citado na fortuna crítica do poeta. A pesquisa reconhece que não há na poesia augustiana resposta para os questionamentos da natureza da existência humana e sua relação com a morte, mas em diferentes poemas há grandes meditações sobre o tema.

Segundo Sandra Erickson, a perspectiva budista da poética de Augusto dos Anjos não deve surpreender aos leitores, principalmente pelo fato de o poeta paraibano ter sido leitor de Schopenhauer e Nietzsche, autores que beberam muito na fonte da filosofia oriental. Para ela, a familiaridade de Augusto dos Anjos com o Budismo é clara, a ponto de nosso poeta ter nos ensinado a encarar Siva, a Mãe Morte, como apenas um dos muitos processos naturais onde o verme é somente um operário da ruína.

Além de “Budismo Moderno” e “O Meu Nirvana”, Sandra Erickson cita trechos de outros poemas onde há a presença de elementos forte do Budismo, como “Monólogo de uma Sombra”, “As Cismas do Destino”, “Os Doentes”, “Gemidos de Arte” e “Agonia de um Filósofo”, todos eles com referências diretas ou indiretas ao Budismo. A professora lembra que o Budismo prega a renúncia aos três venenos (ódio, apego e ignorância) através do refúgio nas Três Joias (Buda, Dharma e Sangha) e que Augusto dos Anjos estaria afinado com essa “teologia” budista. Para confirmar sua afirmação, analisa o poema “Budismo Moderno”. Destaca, também, citando vários poemas, dois *leitmotives* recorrentes em Augusto dos Anjos: amor e compaixão, temas que ocupariam grande espaço na obra do poeta e que também ganham destaque no dharma budista. Vai além e chega a dizer que a poesia de Augusto dos Anjos nos prepara para a vinda de Maytrea, o próximo Buda, assim como nos prepara para a morte.

Em outro trabalho, Sandra Erickson explora algumas das várias relações textuais, intertextuais e intratextuais entre o soneto “Mater Originalis” de Augusto dos Anjos e um dos textos mais canônicos do Budismo, o mantra do Sūtra Hṛdaya, considerado “Mãe dos Budas”. A partir de uma pequena anatomia semântica, o artigo aponta o modo como o imaginário do poema costura os temas do Sūtra budista, principalmente o conceito de forma, vazio (ou vacuidade), os quais tanto no soneto quanto no Sūtra são metaforicamente tratados como mãe. “Ambos os textos podem ser inseridos na tradição literária de meditação analítica (discussão condensada) sobre a natureza de forma e sua relação com vacuidade. Compreender essa relação explica o tratamento de maternidade mística e transcendental da sabedoria como Mãe Sem Forma, nos dois textos”, explica. Sandra Erickson avalia que tanto o soneto quanto o Sūtra são meditações sobre o conceito de “forma” e que os textos transitam entre o sentido material e não-material e as implicações físicas e metafísicas do vocábulo, em ambos encontramos “forma” tanto como substância imaterial e origem de todas as outras formas, como forma no sentido de coleção de agregados que é o ser (do homem e da mulher).

Tanto os trabalhos de Sandra Erickson, quanto a dissertação de Elvis Brassaroto Aleixo, são bem fundamentados na busca de provar a influência de elementos do Budismo na obra poética de Augusto dos Anjos. Eles, no entanto, analisam com profundidade poemas como “Budismo Moderno”, “Revelação” e “O Meu Nirvana” e mencionam de forma superficial termos ou expressões budistas presentes em outros poemas do autor do *EU*. Queremos ir além neste trabalho. Queremos constatar que não foi apenas nos três poemas citados acima e que nem apenas termos budistas foram utilizados pelo poeta em seus versos. Queremos mostrar que a maior parte da poesia de Augusto dos Anjos está impregnada da filosofia budista, de sofrimento, de dor, de compaixão, de busca do Nirvana espiritual através da eliminação desse sofrimento. No caso de Augusto dos Anjos, esse Nirvana veio atrás de sua poesia, como veremos no próximo capítulo, analisando os poemas publicados no *EU*.

Capítulo 3 – O Nirvana do EU

Neste último capítulo da dissertação vamos abordar até que ponto existem afinidades, aproximações e semelhanças entre a poesia de Augusto dos Anjos e a filosofia do Budismo - de dor, de sofrimento, da impermanência, da insubstancialidade, do “não-eu” (*anattā*). Faremos isso através da análise dos poemas do *EU*, análise esta que não pretende ser literária, mas comparando a poesia de Augusto dos Anjos com os termos, temas e ensinamentos do Budismo. Veremos em quais deles a poética augustiana se utiliza do ideário e da filosofia budista.

Adone Agnolin⁹⁸ destaca que uma peculiaridade do mundo oriental é constituída pelo fato de que, na especulação ocidental que constituiu suas categorias interpretativas, suas “religiões” puderam se configurar, também, enquanto “filosofias”. Segundo ele, deve se permitir uma abordagem mais adequada em relação às características perspectivas das culturas orientais, que desenvolvem suas peculiares vias de libertação e imortalidade, “nunca se voltando de forma exclusiva para uma perfeição mítica fundada *in illo tempore*, mas enraizando-se sempre e profundamente num percurso, ao mesmo tempo, histórico, político, mítico e ritual que unicamente permite entender sua dimensão específica”. Para alguns estudiosos do Ocidente, o Budismo, mais do que uma religião, é também uma filosofia de vida. O Buda era considerado um filósofo andarilho, um *samana*. De fato, os ensinamentos da doutrina budista são complexos e dão margens a estudos nas mais diversas áreas. No Budismo, a análise das emoções e da motivação está relacionada ao estudo da personalidade da pessoa. Com isso, entre as muitas áreas de estudo na psicologia contemporânea, a tríade motivação, emoção e personalidade ocupa lugar central na psicologia budista, conforme Nissim Cohen, que acrescenta:

Devido a forte qualidade ética da psicologia da personalidade no Budismo, a 'psicologia do conflito' ocupa um lugar significativo. Conflitos entre desejos específicos, como também o conflito mais geral entre 'a carne e o espírito', requerem discussão. Assim, o mundo das paixões turbulentas, de um lado, e seu controle, contenção, redirecionamento, etc, de outro, são de importância central na dinâmica do estudo de personalidade dentro da doutrina. (COHEN, 2008, p.53)

Veremos mais adiante, quando da análise do *EU*, como esses conflitos entre a carne e o espírito são comuns em alguns poemas de Augusto dos Anjos. Nissim Cohen afirma que enquanto outras religiões nos conduzem ao externo, o Buda nos conduz de volta a nós próprios, sempre mantendo seu ensinamento afinado com os fatos da experiência, afirmando que a mente é que amolda nossas ações, define nosso destino e nos conduz à miséria ou à felicidade. Buda também

98 AGNOLIN, Adone. *História das religiões: perspectiva histórico-comparativa*. São Paulo: Paulinas, 2013.

teria sido, continua Cohen, um dos primeiros preceptores a separar os verdadeiros princípios morais da complexa estrutura de normas sociais e costumes comuns com os quais eles eram entrelaçados. Também argumenta que seria inadequado definir Budismo apenas como filosofia, um caminho de vida, ou um código de ética. “Ele inclui todas essas coisas e às vezes parece apresentar-se num desses modos”, acrescenta⁹⁹.

Como já mencionamos neste trabalho, Augusto dos Anjos teve sua poética vinculada, por alguns estudiosos, à psicologia, à psicanálise, associando seus versos a termos como “sentimento de culpa” e “pulsão da morte”, tão presentes nos estudos de Freud¹⁰⁰. Para Chico Viana¹⁰¹, vale ressaltar, a poesia de Augusto nos fornece a evidência de um ego cercado e tolhido pela culpa, pelo temor do julgamento e pelo medo da consciência e da morte. Já o crítico Hildeberto Barbosa Filho, em obra já citada¹⁰², reforça que a poesia de Augusto é uma grande narrativa sobre a insuficiência, sobre o naufrágio, sobre a inapetência da ciência, da filosofia positivista.

Álvaro Lins¹⁰³ avalia que em Augusto dos Anjos a morte é uma obsessão, mas sem qualquer preocupação do sobrenatural. “A morte é um episódio, um não-ser possivelmente mais feliz do que o ser, um pulo para o Nirvana”, compara. Esse “pulo” para o Nirvana é o que buscaremos descobrir, neste capítulo, ao analisar a poesia contida no *EU*.

Nissim Cohen define o Nirvana como a mais elevada e última meta de todas as aspirações budistas, a extinção do “fogo” de, ou o resfriamento da “febre” da avidez, ódio e delusão, considerados os três principais males do ser humano no pensamento budista. Através do Nirvana, se alcança a libertação última e absoluta de todo renascimento futuro, velhice e morte, de todo sofrimento e miséria¹⁰⁴.

O Nirvana é tema explícito de um poema de Augusto dos Anjos, já mencionado neste trabalho - “O meu nirvana”, que terminou não sendo incluído na edição final do *EU*. Mas o termo também é citado em vários outros poemas de Augusto, assim como outros termos considerados budistas, como *samsara*, *abidarma*, entre outros. Elvis Brassaroto Aleixo¹⁰⁵ cita que o crítico literário Zenir Campos Reis levantou os nomes dos escritores que escreveram no jornal “O Commercio”, onde Augusto também publicou artigos e crônicas. “A seção literária do periódico expunha poemas de Cruz e Souza, Alphonsus de Guimaraens, Olavo Bilac, Raimundo Correia, Alberto de Oliveira, Wenceslau de Queirós, Teófilo Dias, Martins Júnior, Guerra Junqueiro,

99 COHEN, Nissim – ob. cit.p. 23.

100 Sigmund Freud, considerado Pai da Psicanálise, nasceu na Áustria, em 1856 e morreu em Londres, em 1939.

101 VIANA, Chico – ob. cit. p.98.

102 Entrevista a ARAGÃO, Maria do Socorro Silva de; SANTOS, Neide Medeiros; ANDRADE, Ana Isabel de Souza Leão - ob. cit. p. 203.

103 BUENO, Alexei – ob. cit. p. 125.

104 COHEN, Nissim (trad.). *Dhammapada: a senda da virtude*. Tradução do Páli. 3ª ed. rev. e atual. - São Paulo: Palas Athena, 2004.

105 ALEIXO, Elvis Brassaroto. - ob. cit. p.137.

Antonio Nobre e Antero de Quental. É notável como encontramos o 'Nirvana' empregado em poemas de alguns desses autores”, revela. Alguns desses poetas, a exemplo de Cruz e Sousa, como já abordamos aqui, influenciaram fortemente a poesia de Augusto dos Anjos. Elvis Brassaroto Aleixo, inclusive, entende que diante de exemplos da poética cruzeirosouzeana voltada ao verso personalizado do Nirvana budista, seria válido considerar a hipótese de que Augusto dos Anjos tenha absorvido uma parcela de seu orientalismo do poeta simbolista. “O argumento que mais autentica essa afirmação é a atração que o poeta do *EU* demonstrou para com a 'dor' que perpassa os sonetos de Cruz e Souza”, enfatiza¹⁰⁶.

Diz, ainda, Elvis Brassaroto Aleixo, que tanto para Arthur Schopenhauer como para Augusto dos Anjos, a suprema felicidade somente pode ser conseguida pela anulação da vontade, e a experiência do Nirvana constitui a extinção da vontade última, o desejo de viver num mundo de dores: “Somente nesse estado, uma espécie de panaceia, o homem alcança a única felicidade real e estável. Enquanto isso não se dá, o homem vive frustrado e em sofrimento já que suas vontades, quase sempre, não são satisfeitas. Quando a satisfação ocorre, esta imediatamente cede lugar a uma nova vontade, instaurando um ciclo que só termina com a morte. Disso temos, em *O mundo como vontade e representação*, que o homem é escravo de seu querer e, por não ser livre, seria melhor que não tivesse nascido”¹⁰⁷.

Com isso, estamos querendo argumentar que no livro *EU*, Augusto dos Anjos construiu seu Nirvana particular. Em seus poemas, utilizou-se muito do ideário budista da inevitabilidade da dor, sofrimento e isso não apenas usando termos dessa filosofia (ou religião) como forma de reforçar a expressividade literária de seus versos. Augusto foi mais além. Mais até do que os poetas contemporâneos ou anteriores que utilizaram-se de termos budistas em suas obras. Augusto incorporou, de certa forma, o ideário budista à filosofia de sua poética. Nisso ele difere dos demais poetas e escritores que falaram sobre o Budismo na sua época. Augusto não se limitou a utilizar os termos budistas como recursos literários, mas incorporou na mensagem de sua poética algumas características do Budismo.

É isso que veremos neste capítulo, dividido em três partes. No primeiro, falaremos, de forma mais resumida, de todos os poemas onde encontramos termos, expressões ou a filosofia budista presentes no *EU*. Na segunda parte deste capítulo, falaremos apenas sobre o poema “Monólogo de uma sombra”. Por que um item todo dedicado a apenas um poema? “Monólogo de uma sombra” é o poema que abre o livro *EU* e um dos mais estudados de Augusto dos Anjos. Consideramos este poema sua carta de apresentação, com reflexões filosóficas sobre a vida, a morte, a dor, o sofrimento e a salvação através da arte, afora a utilização de diversos termos budistas em seus

106 ALEIXO, Elvis Brassaroto - ob. cit. p.151.

107 ALEIXO, Elvis Brassaroto - ob. cit. p.180.

versos. Por conta disso, da complexidade e importância do poema para entender o universo literário de Augusto dos Anjos, dedicamos uma parte exclusiva para analisá-lo à luz do Budismo. Na terceira parte, será a vez de citarmos os poemas do *EU* que, na nossa avaliação, não contêm qualquer vinculação ao Budismo. Pretendemos, ao fim deste capítulo, ter conseguido “mapear” o que existe de Budismo ou não no livro *EU*, seja na utilização de termos e expressões, seja na filosofia, no ideário e nas aproximações e semelhanças entre a poética de Augusto dos Anjos e nos ensinamentos, sermões e doutrinações do mestre Buda.

3.1. Referências ao Budismo no *EU*

Nest/e item, vamos falar sobre alguns poemas do *EU* que na nossa ótica, ou de outros estudiosos e pesquisadores da obra de Augusto dos Anjos, têm afinidades com a doutrina budista. Alguns dos 14 poemas que citaremos aqui são bem explícitos nessas afinidades. É o caso de “Budismo Moderno”, que, como o próprio título sugere, fala de um tipo de Budismo com influências também do cientificismo que predominava no início do século passado. Há outros poemas onde há referências diretas a termos, expressões e símbolos do Budismo, como vemos em “Soneto”, “As Cismas do Destino” e “Os Doentes”, entre outros. Há, ainda, por fim, aqueles poemas que acreditamos importante colocarmos nesse item por conta de suas vinculações com alguns conceitos budistas sobre renascimento, amor, sofrimento, morte, prazeres sensuais e agregados.

Começaremos citando “Agonia de um Filósofo”¹⁰⁸, soneto clássico, com quatro estrofes e 14 versos, o segundo poema do livro. Não vemos neste poema referências explícitas ou implícitas ao Budismo. Mas entendemos, como Sandra Erickson¹⁰⁹, que vale associar este poema ao interesse do poeta em fazer dialogar a tradição ocidental mítica e científica com a oriental. Segundo ela, esse interesse é responsável por referências ao bramanismo, hinduísmo e religiões védicas da Índia que aparecem no poema, onde a voz lírica fala: “(...) *leio o obsoleto/ Rig-Veda*” (versos 1 e 2 da primeira estrofe) e “*Rasgo dos mundos o velário espesso*” (verso 12, quarta estrofe). No poema, Augusto dos Anjos define o Rig-Veda como obsoleto, ultrapassado, mas, mesmo assim, o lê, junto com o Phtah-Hotep¹¹⁰, para tentar entender alguns fenômenos. Já “Velário” é uma espécie de toldo ou lona com que na antiguidade se cobriam os circos e teatros por causa de chuvas. No poema, no entendimento de Sandra Erickson, refere-se ao conceito de realidade como ilusão, cortina (*maya*) que cobre a natureza real do mundo e impede a iluminação, mostrando a familiaridade de Augusto

108 Ver *Agonia de um Filósofo*, em BUENO, Alexei – ob. cit. p. 201.

109 ERICKSON, Sandra S. F. - *Augusto dos Anjos: Budismo moderno*, ob. cit. p. 3.

110 Phtah-Hotep: Primeiro monumento literário egípcio do gênero “sabedoria”. Ver “Vocabulário Poético do Eu: Glossário”, ob. cit. p. 39.

dos Anjos com a tradição religiosa, filosófica e poética oriental.

Terceiro poema do livro, “O Morcego”¹¹¹ é um soneto de 14 versos e quatro estrofes. Incluímos ele entre os poemas alinhados com alguns ensinamentos budistas por conta da força que o “olho” ganha em seus versos. Chico Viana¹¹² avalia que o temor ao “olho” é uma metáfora do medo da consciência, que a psicanálise liga ao receio da morte e da castração. E seria como metáfora da consciência que o “olho” tem vigorosa representação no soneto “O Morcego”, no entendimento de Chico Viana. Etimologicamente, lembra o professor, o morcego é um rato cego e a cegueira desse morcego não decorre senão do seu afã de tudo ver, com a conclusão de que “*A Consciência Humana é este morcego!*” (verso 12, quarta estrofe), num combate que, para Chico Viana, seria contra as forças inesgotáveis dos instintos, combate que se trava num ambiente noturno, propício ao desejo e ao remorso. O Buda diz que nós não deveríamos ser excitados por estímulos sensoriais e que deveríamos conter nossas paixões e apegos. Com isso está dizendo que até a nossa percepção dos objetos e a nossa reação aos estímulos sensoriais são emitidos junto com a maquiagem psicológica que lhes aplicamos. Dessa forma, conforme o Budismo, “se não existisse esta satisfação que vem do olho, os seres não cobiçariam pelo olho, mas na medida em que há satisfação no olho, os seres cobiçam, portanto, por meio dele”¹¹³. Buda defende que existem três olhos: o olho carnal (fisiológico), o olho divino e o olho da sabedoria¹¹⁴. O olho carnal, considerado o olho com visão limitada em comparação com os outros dois, é o que é utilizado pelo eu-lírico no poema “O Morcego”.

“Psicologia de um vencido”¹¹⁵ é o quarto poema do livro, sendo mais um soneto clássico. Inserimos ele aqui, entre os poemas alinhados com o pensamento budista, porque o vemos como se fora uma espécie de continuação da profissão de fé de “Monólogo de uma sombra”. Se neste o eu-lírico era uma sombra que veio de outras eras, o que remete ao renascimento no Budismo, em “Psicologia de um vencido” o eu-lírico sofre “*desde a epigênese da infância, / A influência má dos signos do zodíaco*” (versos 3 e 4, primeira estrofe), fazendo com que, no entendimento de Chico Viana¹¹⁶, o eu poético seja vítima de uma trama maligna, incompreensível, que o teria envolvido desde o começo. Epigênese aqui pode se referir à teoria da geração dos seres orgânicos por criações sucessivas, opondo-se a teoria da evolução¹¹⁷. O professor e escritor Milton Marques Júnior prefere,

111 Ver *O Morcego*, em BUENO, Alexei – ob. cit. p. 202.

112 VIANA, Chico – ob. cit. pp.116-120..

113 COHEN, Nissim. - ob. cit. p.69.

114 O olho divino ou celestial é um dos conhecimentos superiores pelo qual alguém vê o surgimento e desaparecimento dos seres humanos de acordo com seus feitos (carma). O olho da sabedoria é aquele que penetra nas quatro nobres verdades. Ver COHEN, Nissim. - ob. cit. p.225.

115 Ver *Psicologia de um Vencido*, em BUENO, Alexei – ob. cit. p. 203.

116 VIANA, Chico – ob. cit. p.115.

117 Ver “*Vocabulário Poético do Eu: Glossário*”, ob. cit. p. 43.

no entanto, em ensaio pertinente¹¹⁸, se ater à embriologia¹¹⁹ na explicação do termo, recorrendo a Richard Darwkins¹²⁰, biólogo darwinista e estudioso do assunto. Mas para ele, uma pergunta se impõe na utilização do termo no poema: se a epigênese é o processo inicial da transformação unicelular em um complexo ser vivo, por que o poeta se refere à “epigênese da infância”? Ele mesmo responde:

A nosso ver, mais do que uma tautologia, a infância referida diz respeito aos tempos primevos, revelando a consciência do eu com relação ao ser humano preso a um ambiente repugnante, desde tempos imemoriais, destinado mais uma vez a reviver a materialidade, enquanto não avança em direção à libertação. Como o aprendizado espiritual é um processo lento, assim como a evolução darwiniana, não é de estranhar que o ser humano se entregue a uma relação doentia, de profunda hipocondria com a existência, em que a matéria corpórea vive um ciclo de prisão angustiante como o estreitamento das artérias causam ânsia a um cardíaco. Eis uma explicação possível para “as influências más dos signos do Zodíaco”: nascemos para aprender, o aprendizado se dá pelo sofrimento; para que possa haver uma transcendência do sofrimento é preciso legar à terra o que é da terra, à matéria o que é da matéria, e buscar subir ainda mais, como o eu diz em “Solilóquio de um Visionário”. (JUNIOR, 2017, p.19)

O poema volta, também, a falar do verme, classificando-o como operário das ruínas, quando em “Monólogo de uma sombra” tratava-o como assassino. E torna a falar da decomposição do corpo, quando diz, no terceto final que o verme “*Anda a espreitar meus olhos para roê-los,/ E há de deixar-me apenas os cabelos,/ Na frialdade inorgânica da terra!*” (versos 12, 13, 14, quarta estrofe).

“Idealização da Humanidade Futura”¹²¹ é um soneto clássico. Nele, o poeta tenta idealizar, visualizar, a humanidade no futuro, como afirma no título. Arthur Schopenhauer¹²² entende que a vida e os sonhos são folhas de um livro único e que a leitura seguida dessas páginas é aquilo que se chama vida real: “é sempre no mesmo livro que lemos”. Não parece a lógica do poema em questão, quando ele diz: “*Rugia nos meus centros cerebrais/ A multidão dos séculos futuros*” (versos 1 e 2, primeira estrofe)? Até porque ele explica, no poema, que foi a herança de ímpetos impuros que tornara os homens etnicamente irracionais. “*Não sei que livro, em letras garrafais,/ Meus olhos liam! (...)*” (versos 5, 6, segunda estrofe), continua o poema, num espécie de diálogo com a lógica de Schopenhauer. Afinal, conforme o filósofo alemão, só o homem tem, sob a forma abstrata, a

118 JUNIOR, Milton Marques. *Desde a Epigênese da Infância....* Revista Correio das Artes. João Pessoa: junho de 2017.

119 Embriologia é a ciência que estuda a formação dos órgãos e sistemas de um animal, a partir de uma célula. Faz parte da biologia do desenvolvimento. O desenvolvimento embrionário dos animais inicia-se pela relação sexual, gerando o zigoto ou ovo, que passará por três fases sucessivamente: mórula, blástula e gástrula.

120 Richard Darwkins é um etólogo, biólogo evolutivo e escritor britânico. Ganhou destaque com o seu livro “O Gene Egoísta”, de 1976, que popularizou a visão da evolução centrada nos genes e introduziu o termo meme. Em 1982, ele introduziu à biologia evolutiva o conceito de que os efeitos fenotípicos de um gene não são necessariamente limitados ao corpo de um organismo, mas podem ampliar-se também ao meio ambiente, incluindo os corpos de outros organismos

121 Ver *Idealização da Humanidade Futura*, em BUENO, Alexei – ob. cit. p. 206.

122 SCHOPENHAUER, Arthur. *O mundo como vontade e representação*. ob. cit. p. 25.

certeza de que morre e desaparecerá e caminha levando-a com ele¹²³. Sim, talvez isso justifique o final do poema, com versos bem de acordo com a filosofia budista da decomposição do corpo aliada a inevitabilidade da dor e do sofrimento, quando o eu-lírico diz que ao invés de encontrar a luz que os Céus inflama, “*Somente achei moléculas de lama/ E a mosca alegre da putrefação*” (versos 13, 14, quarta estrofe).

Dedicado ao seu primeiro filho, nascido morto com sete meses incompletos, “Soneto”¹²⁴ é mais um poema de Augusto dos Anjos, incluído entre os estudiosos de sua obra, com fortes referências à filosofia budista. A referência principal, claro, vem do termo “agregado”, que já explicamos aqui como ele é empregado no Budismo. No entender de Sandra Erickson, Augusto, ao chamar o filho natimorto de “*Agregado infeliz de sangue e cal*” (primeiro verso do poema), estaria se apropriando da definição Budista para o termo, de um ser senciente que é resultado de um ajuntamento complexo de elementos físicos e psíquicos, como forma (corpo), sensações, consciência¹²⁵. Já Elvis Brassaroto Aleixo prefere pautar sua análise do poema pelo panteísmo¹²⁶. Segundo ele, o panteísmo difere do teísmo cristão na medida em que concebe Deus como sendo “um”, “infinito” e “pessoal”, com o primeiro interpretando o mundo como sendo imaterial e criado e o segundo, como sendo finito e criado. Na sua análise, os conceitos panteístas em oposição ao teísmo cristão têm grande aceitação entre os budistas¹²⁷. Para ele, esse mesmo efeito espiritualista causado pelo panteísmo no *EU* se intensifica por ocasião da morte. Entre os vários exemplos, cita o poema que ora comentamos. Elvis Brassaroto destaca que o poeta é capaz de cantar o putredinoso estado de seu filho “nascido morto com sete meses incompletos”, a quem consagra sua criação poética. Outra definição interessante, pertinente e entusiasmada do poema é feita por Alexei Bueno:

O soneto se inicia cruamente, por duas definições em sequência, cada uma um verso, onde cada palavra, diríamos mesmo cada sílaba, cumpre uma insubstituível função conceitual e emocional. Depois de um perfeito desenvolvimento, chegamos então aos tercetos, onde a pungência trágica e a eficácia vocabular atingem os ápices da grande poesia, desde a definição exata e quase tátil do 9º verso até a pergunta terrível dos dois seguintes: “*Em que lugar irás passar a infância, / Tragicamente anônimo, a feder?!*” Que ironia maior que essa palavra “infância”, usada num sentido puramente cronológico para quem nunca a terá? E que coisa mais dolorida que esse anonimato sem retorno, de quem nunca recebeu um nome? E então, para horrorizar os defensores desse conceito esteticamente indefinível chamado “bom gosto”, o verbo “feder”. Mas que fará esse “*agregado infeliz de sangue e cal*” se não isso? Se há aí algo de mau gosto, é a própria vida, e extrair disso a grande obra de arte é a única superação que ela nos permite. (BUENO, 1994, p.29)

123 SCHOPENHAUER, Arthur. *O mundo como vontade e representação*. ob. cit. 296.

124 Ver *Soneto*, em BUENO, Alexei – ob. cit. p. 207.

125 ERICKSON, Sandra S. F. - *Augusto dos Anjos: Budismo moderno*, ob. cit. p. 3.

126 O Panteísmo é definido como a crença de que absolutamente tudo e todos compõem um Deus abrangente e imanente ou que o Universo ou Natureza e Deus são idênticos. Seus adeptos não acreditam num Deus pessoal, antropomórfico ou criador.

127 ALEIXO, E. B. - ob. cit. p.84.

“Versos a um cão”¹²⁸, o nono poema do livro (também um soneto), pode, sim, também ser incluído entre aqueles que guarda afinidades com o Budismo. No Budismo o renascimento pode advir também no mundo animal, até como punição pelo apego aos agregados na vida atual. Não parece mera coincidência, portanto, o poeta se utilizar no poema de termos como “adstrita” (dependente), “avoenga” (que procede ou é herdado dos avós), “angústia hereditária” e definir o cão como “*Alma de inferior rapsodo errante!*” (verso 9, terceira estrofe)¹²⁹. Ao comparar o cão com um rapsodo, está comparando com um vate, com um poeta, como era conhecido rapsodo na Grécia antiga. Comparando com ele mesmo, pensamos. Fica claro isso nos dois últimos versos do poema: “*Latindo a esquisitíssima prosódia/ Da angústia hereditária dos seus pais!*”. No caso, entendemos, fala de seu eu-lírico, com a consciência da esquisitice de sua poética cheia da angústia que herdou dos seus antepassados. Ademais, concordamos com Hermes Fontes¹³⁰, quando ele define este poema como um trabalho de dolorosa metempsicose, onde o poeta humaniza o fiel companheiro do homem e faz com que ele (o cão) se arraste entre outros seres como a lamentação desgarrada de uma tragédia que se frustrou.

São 105 estrofes, com 420 versos no total e quatro cantos. “As Cismas do Destino”¹³¹ é outro poema longo do *EU*, longo e reflexivo, cristão e budista em várias passagens de seus versos. Chico Viana vê no poema que o eu-lírico arquiteta como cenário o “*horror dessa noite tão funérea*” (verso 113, canto II) para uma descoberta que se lhe afigura terrível: falta de unidade na matéria¹³². Vê, ainda, uma autocensura e autocomiseração vigorosas com que o “Destino” se dirige ao “poeta” em alguns momentos do poema. Isso seriam efeitos do carma, a lei universal de ação e consequência, tão comum ao universo budista e das tradições orientais? Independente da resposta, não tem como negar várias referências ao Budismo e seu universo no poema, embora o eu-lírico afirmasse que era castigado por Deus como um réu confesso (versos 53, 54 do canto I) num tom acentuadamente cristão. Vejamos alguns exemplos: no verso 122 do canto II fala de Siva, duendes, In. Sobre “duendes” já falamos aqui; “Siva” é a terceira divindade da trindade hindu, sendo Deus da destruição, da reprodução e da fecundidade¹³³; e “In” vem da filosofia chinesa Yin Yang, que considera todas as coisas como resultado da interação da força cósmica negativa Yin e da força positiva Yang. No verso 143 do mesmo canto, cita a “*paciência budista do cachorro*”. Mais adiante, nos versos 177, 178, fala de “*Todos os personagens da tragédia,/ Cansados de viver na paz de Buda*”. Vejam que ele define o Buda como paciente e como um ser que transmite paz. Além

128 Ver *Versos a um Cão*, em BUENO, Alexei – ob. cit. p. 208.

129 Definições de adstrita, avoenga, hereditária e rapsodo extraídas de *Vocabulário Poético do Eu: Glossário*, ob. cit. pp. 50-60.

130 BUENO, Alexei – ob. cit. p. 51.

131 Ver *As Cismas do Destino*, em BUENO, Alexei – ob. cit. p. 211.

132 VIANA, Chico – ob. cit. p.51.

133 Muitos shivaístas faziam seus cultos também em cemitérios e portavam crânios consigo.

disso, por todo o poema paira, como uma sombra¹³⁴, filosofias budistas, a exemplo da força do olho (verso 135, canto II), do renascimento, da inevitabilidade da morte (“*Morte, ponto final da última cena*” - verso 229) e do sofrimento: “*Jamais, magro homem, saberás a causa/ De todos os fenômenos alegres!*”, sentencia nos versos 249, 250 do Canto III.

Soneto clássico, “Budismo Moderno”¹³⁵ é o mais explícito poema de Augusto dos Anjos alinhado com o pensamento budista e alvo de vários artigos e trabalhos acadêmicos. Ferreira Gular¹³⁶ destaca o lado teatral do poema, enfatizado no seu primeiro verso: “*Tome, Dr., esta tesoura e... corte*”. Sobre o mesmo verso, a professora Lúcia Helena¹³⁷ vê elementos de um prosaísmo e de um falar cotidiano burguês, que se mistura ao mistério simbolista de uma linguagem rarefeita. O “Budismo Moderno” do título pode ser definido como um Budismo alinhado com as descobertas científicas da época em que o poema foi escrito¹³⁸, um Budismo sobretudo ocidental. Neste sentido, Sandra Erickson¹³⁹ diz que no poema Augusto dos Anjos propõe seu singularíssimo Budismo. “*Ah! Um urubu pousou na minha sorte!*”, lamenta o eu-lírico no verso 5 do poema. Para Sandra Erickson, essa referência ao urubu é irônica e hermética:

É preciso um conhecimento mais apurado de Budismo para se sacar a referência ao Monte dos Urubus (Vulture Peak, Nalanda, Nepal), que é o segundo lugar de peregrinação (o primeiro é a Árvore Bodhi, em seu derredor) dos budistas. Lá o Buda meditou inúmeras vezes e lá aconteceu o primeiro concílio budista (c. de 483 antes da Era Comum); ou seja, o Buda lá constituiu a Terceira Joia, a sanga. No ocidente, o urubu é uma ave funesta e de maus presságios, mas no Oriente budista, ao contrário, é uma ave de bom auspício porque ela não mata e se alimenta apenas do que não tem vida, por isso ela é considerada The Golden Purifier, o purificador dourado. (ERICKSON, p.5)

Sandra Erickson destaca, ainda, a expressão “diatomácea da lagoa” (verso 5). Ela explica que através de uma linhagem botânica, essa planta angiosperma, pertencente à classe Magnoliopsida, é a flor de lótus, que por ter suas raízes no fundo do lodo (lama) aquático e erguer-se na água é o emblema do Budismo. Já nós, destacamos outros trechos do poema com referências ao Budismo. “*Que importa a mim que a bicharia roa/ Todo o meu coração, depois da morte?!*”, questiona nos versos 3 e 4 do poema, remetendo novamente à decomposição do corpo após a morte. O termo “agregado” também é referenciado neste poema. Aliás, o termo surge no último terceto, quando o eu-lírico mostra querer que seu Nirvana, sua Iluminação, aconteça após a morte através da

134 Interessante que assim como em “Monólogo de uma sombra”, Augusto dos Anjos utiliza-se da sombra para expor suas reflexões em “As Cismas do Destino”.

135 Ver *Budismo Moderno*, em BUENO, Alexei – ob. cit. p. 224.

136 Entrevista a ARAGÃO, Maria do Socorro Silva de; SANTOS, Neide Medeiros; ANDRADE, Ana Isabel de Souza Leão - ob. cit. p. 167.

137 Entrevista a ARAGÃO, Maria do Socorro Silva de; SANTOS, Neide Medeiros; ANDRADE, Ana Isabel de Souza Leão - ob. cit. p. 283

138 “Budismo Moderno” foi publicado pela primeira vez no jornal A União, em 1909, segundo Elvis Brassaroto em obra mencionada aqui, na página 104.

139 ERICKSON, Sandra S. F. - *Augusto dos Anjos: Budismo moderno*.

poesia: “Mas o agregado abstrato das saudades/ Fique batendo nas perpétuas grades/ Do último verso que eu fizer no mundo!”

Passemos agora ao soneto “Mater Originalis”¹⁴⁰, poema onde Sandra Erickson¹⁴¹ aponta relações com o mantra do *Sūtra Hrdaya* (o Sutra Coração)¹⁴², considerado “Mãe dos Budas”. O Sutra é composto de 35 linhas, incluindo o discurso e o mantra. Ei-lo, na tradução exposta por Sandra Erickson: om gate gate pāragate pārasaṃgate bodhi svāhā! “Ir além, Ir além/ Ir muito além/ Ir ainda muito mais além: Assim seja!” (mantra) “A forma é o vazio, o vazio é a forma. O vazio nada é senão a forma, a forma nada é senão o vazio. Do mesmo modo, as sensações, as percepções, as formas mentais e a consciência são vazias. Assim Sāriputra, todos os fenômenos são vacuidade. Não têm características, não têm origem, nem fim; não são puros, nem impuros. Não são perfeitos, nem imperfeitos” (discurso). Para melhor compreendermos a análise de Sandra Erickson, vamos transcrever, também, o poema na íntegra:

MATER ORIGINALIS

“Forma vermicular desconhecida
Que estacionaste, mísera e mofina,
Como quase impalpável gelatina,
Nos estados prodrômicos da vida;

O hierofante que leu a minha sina
Ignorante é de que és, talvez, nascida
Dessa homogeneidade indefinida
Que o insigne Herbert Spencer nos ensina.

Nenhuma ignota união ou nenhum nexo
À contingência orgânica do sexo
A tua estacionária alma prendeu...

Ah! de ti foi que, autônoma e sem normas,

140 Ver *Mater Originalis*, em BUENO, Alexei – ob. cit. p. 227.

141 ERICKSON, Sandra S. F. - *Mater Originalis: Buda Matri – Augusto dos Anjos e o Sūtra Prajñāpāramitā*. In Revista Cultura Oriental: <http://periodicos.ufpb.br/ojs/index.php/co/article/view/20194>

142 Conforme Sandra Erickson, a origem do Sūtra ainda é misteriosa. “Coração” vem do título sânscrito, Hrdaya (coração, essência), como o Sūtra era inicialmente chamado. Dentro do Sūtra, é que encontramos o mantra da Sabedoria Perfeita. Prajñāpāramitā é considerada a Mãe dos Budas, porque Budas são seres autogerados, nascidos da sabedoria, se tornaram Budas por terem entendido o “coração” da sabedoria, a natureza vazia da existência condicionada ou vacuidade.

Oh! Mãe original das outras formas,
A minha forma lúgubre nasceu!”

Para Sandra Erickson, a mãe em “*Mater Originalis*”, “autônoma e sem forma”, da qual o eu lírico nasceu, pode muito bem ser Prajñāpāramitā, Sabedoria Transcendente e Perfeita, cultuada pelos budistas como Mãe dos Budas. Na sua análise, afirma que o título do poema indica a procedência imaterial da forma da qual o eu-lírico nasceu, ou seja, a forma que deu forma à forma não foi o resultado de necessidades orgânicas ou biológicas da matéria humana. A palavra “forma” aparece três vezes no soneto (versos 1, 13 e 14). Convém frisar que “forma” é um dos temas mais debatidos na literatura budista, inclusive no *Abidarma*. “Mas forma, nestas mesmas acepções tomadas por *Mater Originalis* é, sobretudo, o tema do *Sūtra Coração* – forma é, podemos dizer, o “coração” (parte essencial, DNA) e a ‘cara’ (aspecto que dá mais identidade externa) desse *Sūtra*” (ERICKSON, 2014). O poema cita, em sua segunda estrofe, Herbert Spencer, pensador inglês, e a analogia entre as várias posições e concepções suas sobre a matéria e o Budismo. Para Sandra Erickson, estaria aqui o ponto crucial do soneto de Augusto dos Anjos: mostrar a semelhança entre o pensamento de Spencer e sua matriz oriental. A análise de Sandra Erickson, que vê no poema uma homenagem ao feminino evocando-o - como matéria orgânica primeva -, é complexa e merece uma leitura mais atenta, conforme indicamos na Bibliografia ao final deste trabalho. O *Sūtra* é também citado por Arthur Schopenhauer¹⁴³ em sua clássica obra, que o define como o ponto onde sujeito e objeto já não existem.

O poema seguinte, “O Lupanar”¹⁴⁴ pode ser alinhado com o pensamento budista na condenação aos prazeres sensuais, observado em outros poemas. Para o Budismo, a pulsão para perseguições sensuais, com a procura de novidade, de excitação, de possessão, é um gerador de conflitos¹⁴⁵. Em um de seus Sutas, Buda diz que se o prazer sensual desejado por alguém prospera, seguramente ele se torna arrebatado mentalmente e se minguar ele é ferido, como que trespassado por um dardo.¹⁴⁶ Para Schopenhauer¹⁴⁷, o fenômeno que acentua a diferença entre o homem e os animais é o instinto sexual, que no homem é levado tão longe que degenera numa paixão violenta. É basicamente disso que trata o poema “O Lupanar”, dos prazeres sensuais e suas consequências, da “*alma do homem polígamo e lascivo*” (verso 4, primeira estrofe). O lupanar (casa de prostituição), no entender do poeta, “*É o grande bebedouro coletivo*” (verso 6, segunda estrofe), “*A antecâmara lúbrica do abismo*” (verso 10, terceira estrofe). Para Chico Viana¹⁴⁸, o poeta condena a prostituição

143 SCHOPENHAUER, Arthur – *O mundo como vontade e representação* - ob. cit., p. 431.

144 Ver *O Lupanar*, em BUENO, Alexei – ob. cit. p. 228.

145 COHEN, Nissim - ob. cit. p.56.

146 COHEN, Nissim - ob. cit. p.402.

147 SCHOPENHAUER, Arthur – *O mundo como vontade e representação*. - ob. cit., p. 140.

148 VIANA, Chico – ob. cit. pp. 88, 92.

por ela não conduzir a coisa alguma, além de um prazer estéril, e por uma vertigem ascendente orientada para um ideal de pureza e desprezo à carne que toca as raias do sagrado. Essa forma de ver os chamados prazeres sensuais, de negação do erotismo, é observada em vários poemas de Augusto dos Anjos, o que gerou, também, algumas abordagens críticas. Em “As Cismas do Destino”, por exemplo, ele diz: “*Prostituição ou outro qualquer nome,/ Por tua causa, embora o homem te aceite,/ É que as mulheres ruins ficam sem leite/ E os meninos sem pai morrem de fome*” (versos 227-230).

Outro poema longo publicado no *EU*, “Os Doentes”¹⁴⁹ tem 438 versos e nove cantos. É um poema que impressiona aos estudiosos e leitores da obra de Augusto dos Anjos, não só pelo tamanho, mas também pela força narrativa de seus versos. Chico Viana destaca a nostalgia, vício, doenças como lepra e aspiração nirvânica como pontos fortes do poema¹⁵⁰; Arturo Gouveia enfatiza a mescla de gêneros literários, do lírico ao dramático¹⁵¹; Zenir Campos Reis considera “Os Doentes” um símbolo da formação social brasileira como um todo – com ênfase para os índios, mendigos e as prostitutas¹⁵²; já Lúcia Helena¹⁵³ classifica como o poema mais importante e a síntese do próprio livro. A busca do Nirvana, do recomeço, do reinício, do renascimento em um mundo diferente é uma constante no poema, assim como são constantes a utilização de termos referentes tanto ao Buda quanto ao Budismo. No verso 281, canto VI, menciona as “*quietudes nirvânicas mais doces*” e no verso 339 do canto VIII, fala do “*caos budista*”. No último canto do poema, as referências ao Budismo são mais explícitas ainda. Em um dos versos (o 401), o eu-lírico atribui para si “*Uma sobrevivência de Sidarta*¹⁵⁴”, em outro fala do adesionismo biôntico¹⁵⁵ das formas “*Multiplicadas pela lei da herança!*” -, lei da herança, entendemos como o ciclo de renascimentos comum ao Budismo. Por fim, a última estrofe do poema funciona como a redenção do eu-lírico diante daquele mundo de doentes e da presença da morte, redenção esta que parece vir através do Budismo:

[...]

“E eu, com os pés atolados no Nirvana,

Acompanhava, com um prazer secreto,

A gestação daquele grande feto,

149 Ver *Os Doentes*, em BUENO, Alexei – ob. cit. p. 236.

150 VIANA, Chico – ob. cit. p.126.

151 Entrevista a ARAGÃO, Maria do Socorro Silva de; SANTOS, Neide Medeiros; ANDRADE, Ana Isabel de Souza Leão - ob. cit. p. 88.

152 Entrevista a ARAGÃO, Maria do Socorro Silva de; SANTOS, Neide Medeiros; ANDRADE, Ana Isabel de Souza Leão - ob. cit. p. 441

153 Entrevista a ARAGÃO, Maria do Socorro Silva de; SANTOS, Neide Medeiros; ANDRADE, Ana Isabel de Souza Leão - ob. cit. p. 279.

154 Sidarta Guatama é o nome em vida de Buda.

155 Biôntico é relativo a bionte: ser vivo, uno e independente. Ver *Vocabulário Poético do Eu: Glossário*, ob. cit. p. 69.

Que vinha substituir a Espécie Humana!”

Sandra Erickson¹⁵⁶ lembra que a ocorrência dos dois registros - Sidarta e Nirvana - é significativa, porque o segundo termo se refere ao estado de libertação dos ciclos de sofrimento (*samsara*) alcançados pelo Buda. E explica: “Para destacar seu interesse em ressignificação, a voz lírica realiza desvios interessantes: Buda obteve a Iluminação ao derrotar Mara (sânscrito: demônio [dos desejos]), tocando a terra com o polegar invocando-a como testemunha de sua vitória sobre os estados delusórios (abandono do apego e desejo ante a visão da natureza vazia de todas as formas). No poema, a voz lírica tem os pés atolados (imersos em lama) no Nirvana (libertação, superação dos três venenos: apego, desejo e ignorância), enquanto vislumbra a libertação de todos os seres humanos. Há uma ‘inundação’ da referência à cena de iluminação do Buda. A voz lírica é como o lótus, pairando acima do mundo, mas sua visão sublime se desenvolve a partir de um atolamento que lembra a natureza de um processo cuja gestação é na escuridão e no silêncio até o desabrochar”. (ERICKSON, p. 4)

Escolhemos o poema “Versos de Amor”¹⁵⁷ para falar sobre um assunto que segundo os críticos é pouco explorado na obra de Augusto dos Anjos: o tema do Amor. Ne verdade, entendemos que Augusto dos Anjos explora esse tema, sim, mas de forma idealizada, longe do amor carnal que comumente se utiliza em poesia para falar do assunto. Em “Versos de Amor”, poema de 9 estrofes e 36 versos, o poeta define sua posição sobre o tema. Não é à toa que o poema é dedicado “a um poeta erótico”, já que o amor que Augusto prega se contrapõe ao erotismo puro e simples. Para Chico Viana¹⁵⁸, neste poema, Augusto fala de amor de uma forma cerebral e que entre a “experiência do amor” e a “idolatria do estudo” o eu-lírico priorizou a última. Como exemplo, cita os versos da segunda estrofe: “*Quis saber o que era o amor, por experiência,/ E hoje que, enfim, conheço o seu conteúdo,/ Pudera eu ter, eu que idolatro o estudo,/ Todas as ciências menos esta ciência!*” Sandra Erickson afirma que, assim como no Budismo, o amor que o poeta canta não é o erótico, nem o mundano, mas o “amor sagrado”. O verso 215 do *Dhammapada: a senda da virtude* canta: “*Do amor nasce a tristeza, do amor nasce o temor;/ Para aquele do amor liberto tristeza não há/ muito menos o temor*”¹⁵⁹. Comparemos esses versos do *Dhammapada* budista com a primeira estrofe do poema de Augusto dos Anjos, que diz: “*Parece muito doce aquela cana./ Descasco-a, provo-a, chupo-a... Ilusão treda!/ O amor, poeta, é como a cana azeda,/ A toda a boca que o não prova engana*”. Vejam que no *Dhammapada*, o amor é definido como triste e algo que se deve temer; em Augusto, o amor engana a quem não o prova, quem o idealiza como algo “doce”. No

156 ERICKSON, Sandra S. F. - *Augusto dos Anjos: Budismo moderno*.

157 Ver *Versos de Amor*, em BUENO, Alexei – ob. cit. p. 267.

158 VIANA, Chico – ob. cit. p.172.

159 CONHEN, Nissim. *Dhammapada: a senda da virtude*. Tradução do Páli. 3ª ed. rev. e atual. - São Paulo: Palas Athena, 2004

Budismo, não há censura ao casamento socialmente aceito. Mas, segundo estudiosos da filosofia budista, embora os casamentos estejam enraizados no desejo sexual, caso a paixão permaneça dentro dos limites da básica lei moral, tal paixão não conduzirá a um renascimento em estados inferiores, sendo menos repreendida em relação às suas consequências cármicas¹⁶⁰. O medo, na doutrina budista, é causado basicamente por fortes desejos e apegos a pessoas ou coisas. No poema, Augusto diz que o amor “*É a transubstanciação de instintos rudes,/ Imponderabilíssima e impalpável,/ Que anda acima da carne miserável/ Como anda a garça acima dos açudes!*” (versos 17-20, sexta estrofe). Sua ambição, diz mais na frente, na penúltima estrofe, é que possam todos os homens compreender esse tipo de amor que ele idealiza.

“Poema Negro”¹⁶¹ pode ser alinhado ao pensamento cristão, já que em diversos versos Augusto dos Anjos se refere a Jesus Cristo. Num deles, inclusive, se vê em Roma, em plena Sexta-Feira Santa, no momento da crucificação de Cristo (12ª estrofe). De fato. Mas vamos comentar um pouco este poema de 120 versos e 20 estrofes para falar sobre um tema muito caro à poética augustiana e ao Budismo: a morte. Leiam este trecho do poema:

[...]
 “É a Morte – esta carnívora assanhada -
 Serpente má de língua envenenada
 Que tudo que acha no caminho, come...
 - Faminta e atra¹⁶² mulher que, a 1 de janeiro,
 Sai para assassinar o mundo inteiro,
 E o mundo inteiro não lhe mata a fome!”
 [...]

Lendo esses versos não tem como não lembrar da história de Kisã Gotami, pedindo a Buda uma cura para seu filho pequeno que tinha morrido. Como ela nunca havia visto um parente morto, Buda disse que daria a cura para o filho se ela conseguisse, em qualquer casa da aldeia, sementes de mostarda de uma família que não tivesse nenhum parente morto. A procura de Gotami foi em vão, claro, e depois Buda fez o seguinte comentário:

- Debalde imaginaste que somente tu tinhas perdido uma criança. Entretanto, todos os seres vivos estão sujeitos à lei imutável: o Rei da Morte, qual uma corrente enfurecida, varre o mar de ruína adentro todos eles; e ainda seus anseios não estão realizados – e instruindo-a no

160 COHEN, Nissim - ob. cit. p.383.

161 Ver *Poema Negro*, em BUENO, Alexei – ob. cit. p. 286.

162 Atra: Negro, lúgubre, tenebroso, aziago, infausto, funesto, conforme *Vocabulário Poético do Eu: Glossário*, ob. cit. p. 34.

Darma, ele pronunciou a seguinte estrofe:

- (Enquanto) está um homem se comprazendo em filhos e gado, e a isto aferrando-se sua mente,/ A morte (vem) e o arrebatava como uma torrente a um vilarejo dormente”.(COHEN, 2004, p. 284)

Não é apenas em “Poema Negro” que Augusto dos Anjos utiliza imagens fortes para falar da morte. Diversos poemas do livro têm esse tema como mote principal e em outros, onde o tema parece ser diverso, a morte sempre comparece de uma forma ou de outra, em imagens explícitas ou sutis. Alinha-se, assim, com muitos Sûtras do Budismo sobre a morte. Em um deles, Buda diz que “Assim como o vaqueiro com cajado ao pasto conduz o gado/ Assim a velhice e a morte a vida dos seres conduzem”¹⁶³. Para o grande mestre do Budismo, só quem não tem medo da morte é quem está livre da paixão, dos prazeres sensuais.

Com “Queixas Noturnas”¹⁶⁴ encerramos este item comentando sobre poemas de Augusto dos Anjos que, na nossa avaliação e de pesquisadores da obra do poeta, têm afinidades com a doutrina budista. Um dos últimos poemas do livro *EU*, “Queixas Noturnas” tem 76 versos, distribuídos em 19 estrofes de 4 versos cada. É um poema que já começa com um grito de melancolia, lamento e sofrimento: “*Quem viu a minha Dor chorando?!*” A dor, o sofrimento, são temas básicos no Budismo, como já falamos aqui em diversas oportunidades. No livro *EU*, conforme defende Elvis Brassaroto Aleixo¹⁶⁵, a dor é tão impregnada de sentimentos, que ela mesma, personificada, chora, como afirma o eu-lírico neste verso citado acima. O poema é todo de melancolia e sofrimento e o eu-lírico chega a dizer que o quadro de aflições “*O próprio Pedro Américo*¹⁶⁶ *não pinta*” (verso 10). Em outros versos, é mais trágico ainda: “*Que eu penso que a Alegria é uma doença/ E a Tristeza é minha única saúde!*” (versos 19, 20). Arthur Schopenhauer¹⁶⁷ explica que todo sofrimento resulta de uma desproporção entre aquilo que desejamos e o que podemos obter. Nissim Cohen¹⁶⁸ garante que o Buda só ensinou duas coisas: sofrimento e a sua cessação, que passa necessariamente pelo entendimento e a prática das quatro nobres verdades. Para o Budismo, a libertação para o sofrimento diário que a vida nos impõe só pode ser obtida no interior de cada pessoa, e não via deuses ou força exterior. Na lógica budista, a insatisfação ou sofrimento é um fenômeno mais geral e mais duradouro do que a sua contrapartida, a felicidade, de mais escassos momentos e menos duradoura. Uma das razões desse sofrimento é o apego aos prazeres sensuais, como já abordamos aqui. Em “Queixas Noturnas”, Augusto parece dialogar com esses

163 COHEN, Nissim - ob. cit. p.91.

164 Ver *Queixas Noturnas*, em BUENO, Alexei – ob. cit. p. 291.

165 ALEIXO, E. B. - ob. cit. p.113.

166 Pedro Américo, paraibano natural de Areia e falecido em 1905, foi romancista, poeta, cientista, ensaísta, filósofo, entre outras atividades. Mas se destacou como pintor.

167 SCHOPENHAUER, Arthur – *O mundo como vontade e representação* - ob, cit., p. 97.

168 COHEN, Nissim (org). *Ensinaamentos do Buda: uma antologia do cânone Páli*. São Paulo, SP: Devir Livraria, 2008.

ensinamentos budistas ao desabafar nos versos 17-20 da sexta estrofe:

[...]
 “As minhas roupas, quero até rompê-las!
 Quero, arrancado das prisões carnis,
 Viver na luz dos astros imortais,
 Abraçado com todas as estrelas!”
 [...]

Em outros versos volta a negar o amor dos prazeres sensuais, da paixão, quando diz “*Não sou capaz de amar mulher alguma/ Nem há mulher talvez capaz de amar-me*” (versos 52, 53). Mais adiante é enfático: “*O coração do Poeta é um hospital/ Onde morreram todos os doentes*” (versos 55, 56). Buda afirmava não conhecer qualquer coisa que mudasse tão rapidamente quanto o coração. Para ele, um coração não desenvolvido é intratável, conducente à grande perda e ao sofrimento. Vejam quão interessante essa visão que Augusto expõe do coração no poema: “*Que dentro de minh'alma americana/ Não mais palpita o coração – esta arca,/ Este relógio trágico que marca/ Todos os atos da tragédia humana! -*” (versos 65-68). O final do poema é apoteótico e segue a mesma linha, de dependência do eu-lírico da dor, do sofrimento, da tristeza:

[...]
 “Melancolia! Estende-me a tua asa!
 És a árvore em que devo reclinar-me...
 Se algum dia o Prazer vier procurar-me
 Dize a este monstro que eu fugi de casa!”

3.2. Monólogo de uma Sombra: carta de apresentação budista?

Poema que abre o livro *EU*, “Monólogo de uma sombra” tem 31 estrofes, com seis versos cada, totalizando 186 versos, sendo um dos poemas mais longos do livro. Pensamos como Antônio Houaiss¹⁶⁹ de que “Monólogo de uma sombra” parece ser não apenas a chave da poesia de Augusto dos Anjos, mas sim da personalidade do poeta. Conta a tradição que este poema teria sido esboçado quando o poeta tinha 19 anos.

Diversos críticos e estudiosos da poética augustiana falaram sobre a força e a importância de

169 BUENO, Alexei. - ob. cit. p.172.

“Monólogo de uma sombra” dentro do *EU*. Hermes Fontes¹⁷⁰ diz que o poema é um trabalho de fôlego novo e de feitio moderno. “Um só verso pode revelar um poeta, disse-o alguém. E é verdade”, declara. Sim, o poema é realmente revelador da filosofia poética augustiana. Órris Soares afirma que tudo no poema ressabiava amargor:

Imagine-se o tormento cruciante de um fantasma apoderado de horror pelos outros fantasmas. Tal por tal, é a poesia de abertura. Trinta e uma estrofes trovejando vinganças e provando, *pelas grandes razões do sentimento/ que a mais alta expressão da dor estética / consiste na alegria*. (SOARES, 1994, p.65)

Para Órris Soares, os demais versos do poema são de suplício, despertando piedade ou inflamando repulsas, sendo a primeira a do filósofo moderno, “Esse mineiro doido das origens”, que busca compreender “A vida fenomênica das formas”. No seu entender, toda a poesia do “Monólogo de uma sombra” é um quadro mesológico, onde cada ser se movimenta dentro do seu ambiente, do seu meio.

José Escobar Faria¹⁷¹ esclarece que muito de Augusto, como uma espécie de visionário da ciência, superou aos próprios enunciados monistas, para adiantar conceitos atualíssimos resultantes da intuição e lucidez do poeta. Para exemplificar, cita alguns versos de “Monólogo de uma sombra”: “...lei que aperta/ Todos os agregados perecíveis,/ Nas eterizações indefiníveis/ Da energia intra-atômica liberta!” (versos 57-60, estrofe 10). O professor Arturo Gouveia¹⁷² define o poema em questão como um grande diálogo sobre o próprio homem com o homem, com a existência do ser humano em geral. Ao citar a estrofe inicial de “Monólogo de uma sombra”, Arturo diz que ali está identificado o destino cósmico do poeta para chegar até a situação atual, numa visão não apenas histórica, mas da condição mais material possível do homem desde suas origens primordiais à condição atual, fato que, segundo ele, seria muito recorrente em Augusto dos Anjos.

Chico Viana¹⁷³ analisa que nesta primeira composição do livro se registra a equação do sexual ao animal. Para ele, isso se patenteia no reconhecimento de que nas células do “sátiro¹⁷⁴ peralta” (termo utilizado no verso 91, da estrofe 16) existem “...estratificações requintadíssimas/ De uma animalidade sem castigo” (versos 95-96), ficando claro a ênfase no caráter primordial, inscrito na sexualidade, que se imprime biologicamente nas unidades mínimas e estruturais que são as células. Chico Viana cita quatro estrofes seguidas, a partir da de número 16, onde animais

170 BUENO, Aleixei – ob. cit. p.50.

171 BUENO, Alexei – ob. cit. p.144.

172 Entrevista a ARAGÃO, Maria do Socorro Silva de; SANTOS, Neide Medeiros; ANDRADE, Ana Isabel de Souza Leão - ob. cit. p. 89.

173 VIANA, Chico - ob. cit. pp.82-87.

174 Conforme o “Vocabulário poético do Eu: glossário”, de Maria Helena da Cruz Silva e Anice Brito Lira de Oliveira, Sátiro é um semideus selvático, com pés e pernas de bode e tendências lascivas. Também pode ser definido como indivíduo libidinoso, devasso e cínico.

como bode, lobo e cobra ou serpente, seriam utilizados para reforçar a dimensão instintiva da sexualidade no poema. Afirmar, ainda, que a “Sombra”, citada no início do poema, tem a podridão como evangelho e reconhece na matéria destruída o traço da novidade, da boa nova que prevê um recomeço¹⁷⁵.

Estudioso da obra de Augusto dos Anjos, o professor e escritor Milton Marques Júnior cita trechos iniciais do poema aqui estudado para questionar se não estaria ali uma visão do poeta da evolução biológica e da evolução espiritual, “com a sombra que vem de eras tão longínquas quanto o início da vida e guarda a memória de todas as vidas que teve?”¹⁷⁶ Milton Marques acredita que a “Sombra” é espiritualidade, pois consegue ver além do filósofo moderno e ainda saber que ele viverá para além da materialidade que racionalmente conseguiu ver. Em artigo, faz considerações pertinentes sobre a mônada e até sobre o espiritismo em alguns poemas de Augusto dos Anjos, entre eles “Monólogo de uma sombra”. O ponto crucial do artigo é, no entanto, destacar a força da espiritualidade na poesia augustiana, em detrimento do propalado cientificismo. Senão, vejamos:

Sem a busca de se entender a espiritualidade que permeia o livro, torna-se impossível conhecê-lo. Ficar na explicação do cientificismo e da materialidade é, a nosso ver, malhar em ferro frio. A apresentação da degradação e do cientificismo é o falso brilhante que cativa as mentes, que seduz os leitores pelo inusitado do léxico e do ritmo. Mas não é a essência de sua poesia. (JUNIOR, 2017, p.27)

A propósito dessa busca da espiritualidade na poesia de Augusto dos Anjos, Elvis Brassaroto Aleixo cita Jamil Haddad, que em prefácio introdutório à tradução que este fez de *As flores do mal*, de Charles Baudelaire, publicada em 1964 pela Difel, teria dito que a crença na ciência não pode ser absoluta. “Por isso mesmo é que a arte de Augusto dos Anjos procura ser também uma filosofia, mas que concilie ciência e fé. Só que esta última sendo a cristã em Alphonsus de Guimaraens¹⁷⁷, nele é asiática, vem do Rig-Veda¹⁷⁸ que (apesar do adjetivo ‘obsoleto’ que apõe ao livro, forçada em certa hora pela rima) lhe é origem respeitável, vem do Bramanismo e do Budismo, da teosofia, do ocultismo, do esoterismo, de todo esse mistério oriental que acaba participando fundamentalmente de seu mistério poético”, afirmou Haddad naquela ocasião¹⁷⁹.

Já Sandra Erickson¹⁸⁰ aponta, em “Monólogo de uma sombra”, os seguintes termos ou versos alinhados com o pensamento budista: “*seres ilusórios*”, “*metafisicismo de Abidarma*”, “a

175 VIANA, Chico – ob. cit. p.128.

176 JUNIOR, Milton Marques. *Augusto para a Eternidade*. Revista Correio das Artes. João Pessoa: abril de 2017.

177 Alphonsus de Guimaraens, pseudônimo de Afonso Henrique da Costa Guimarães, escritor brasileiro que nasceu em Ouro Preto, em 24 de julho de 1870, e morreu em Mariana, em 15 de julho de 1921, cidades mineiras.

178 O Rig-Veda são escrituras sagradas de várias regiões da Índia, principalmente do vedismo, brahmanismo e hinduísmo. Rig-Veda é uma das principais seções destas escrituras, com cerca de 1 mil hinos e de um comentário ritual e lendário escrito em sânscrito.

179 Apud Elvis Brassaroto Aleixo, ob. cit., p. 79.

180 ERICKSON, Sandra S. F. *Augusto dos Anjos: Budismo moderno*.

solidariedade subjetiva/ De todas as espécies sofredoras”, “*o animal inferior que urra nos bosques/ É com certeza meu irmão mais velho!*”, “*Quis compreender, [...] / A vida fenomênica das formas*”, “*agregados perecíveis*”, “*samsara*”. Para ela, são referentes que representam uma apropriação sofisticada e consciente do Budismo, o que não quer dizer, alerta, que Augusto dos Anjos foi ou postule o Budismo doutrinalmente, mas que se utiliza de seus conceitos e terminologia para explorar possibilidades estéticas, filosóficas e ressignificar os desenvolvimentos científicos de seu tempo e contextualizar as discussões filosóficas do niilismo Nietzscheano e Schopenhaueriano. “Esse interesse do poeta constrói redes, ligações, rizomas entre o pensamento e a poética ocidental e oriental”, acrescenta Sandra Erickson.

“Monólogo de uma sombra”¹⁸¹ abre com uma espécie de profissão de fé do eu-lírico do poeta:

“Sou uma Sombra! Venho de outras eras,”

[...]

Sem nenhum demérito às outras leituras possíveis desse verso, algumas já citadas neste trabalho, não seria forçoso ver nele, também, uma profissão de fé budista, principalmente se levarmos em conta outros termos, temas e filosofias do Budismo empregados no poema como um todo. O verso pode muito bem ser utilizado como a expressão de um alinhamento do eu-lírico do poeta com um dos temas mais caros ao Budismo: o Renascimento. Nissim Cohen¹⁸² alerta que de acordo com a psicologia budista, a mente é um contínuo dinâmico que se estende por um número incontável de nascimentos. Esta mente, segundo ele, consiste tanto de uma mente consciente quanto de uma inconsciente; e esta mente inconsciente contém o resíduo de memórias emocionalmente carregadas que se estendem para além de um tempo da vida. O Budismo, ao contrário de outras religiões, não aceita a existência de uma alma e defende que o renascimento ocorre sem qualquer transmigração. Com a morte, a combinação temporária dos cinco agregados é quebrada, mas a corrente de consciência segue adiante para uma nova existência, herdando impressões passadas, disposições mentais e acumulações cármicas do seu antecessor. Conforme o Budismo, dependendo do carma, o renascimento pode acontecer como ser humano, no reino animal, purgatório ou num mundo celestial. Para eliminar o ciclo de renascimentos (*samsara*), a pessoa precisa se estabelecer em estado de Nirvana.

O poema continua, em sua primeira estrofe, tentando explicar de onde veio essa “Sombra”:

181 Ver *Monólogo de uma sombra*, em BUENO, Alexei – ob. cit. p. 195.

182 COHEN, Nissim.- ob. cit. p.98.

[...]

“Do cosmopolitismo das moneras...

Polipo de recônditas reentrâncias,

Larva do caos telúrico, procedo

Da escuridão do cósmico segredo,

Da substância de todas as substâncias!”

[...]

Podemos ver nesta estrofe que o eu-lírico do poeta se afirma múltiplo. Cosmopolita, é um cidadão do mundo pautado pela filosofia de Ernest Haeckel do monismo, de unidade e negação, da dualidade do espírito e da matéria. Essa “Sombra” é, ao mesmo tempo, uma excrescência carnosa de desconhecidos movimentos. Como larva do caos telúrico, vem da escuridão, dos segredos e da substância de todas as substâncias. Doutora em Teoria Literária pela Universidade Federal do Rio de Janeiro, a professora Lúcia Helena¹⁸³, sugere que a referência ao estado larvar no poema tanto pode ser ao da lava vulcânica como também dos animais purulentos, que rastejam, o que remete à decomposição do corpo.

Continuando a leitura do poema, vamos para segunda e terceira estrofes:

[...]

“A simbiose das coisas me equilibra,

Em minha ignota mônada, ampla, vibra

A alma dos movimentos rotatórios...

E é de mim que decorrem, simultâneas,

A saúde das forças subterrâneas

E a morbidez dos seres ilusórios!

“Pairando acima dos mundanos tetos,

Não conheço o acidente da *Senectus*

- Esta universitária sanguessuga

Que produz, sem dispêndio algum de vírus,

O amarelecimento do papyrus

E a miséria anatômica da ruga!”

[...]

183 Entrevista a ARAGÃO, Maria do Socorro Silva de; SANTOS, Neide Medeiros; ANDRADE, Ana Isabel de Souza Leão - ob. cit. p. 289.

Nestes trechos, a “Sombra” começa afirmando que seu equilíbrio vem da associação entre duas espécies. Será que estaria falando da união entre o lado espiritual e material? Pode ser, já que no verso seguinte fala de sua “ignota” mônada, onde vibra a alma dos movimentos rotatórios, como se vivesse em círculo. É assim que aparece a saúde das forças subterrâneas, sem esquecer da morbidez dos seres ilusórios. No Budismo, os Deva são classificados também de seres ilusórios e vivem em mundos mais felizes na esfera celestial, de corpos físicos sutis, sendo invisíveis aos homens comuns. Não são considerados “deuses” no sentido absoluto, já que não são eternos e também estão sujeitos ao renascimento, velhice e morte¹⁸⁴. E é como um deva que o eu-lírico do poeta paira acima dos mundanos tetos, ignora a velhice e a maturidade (“essa universitária sanguessuga”) que não precisa de vírus para produzir nossas misérias.

A quarta estrofe do poema traz a referência a um termo que só faz acentuar nosso entendimento de que ao falar que vem de outras eras, a “Sombra” estaria se referindo ao renascimento budista: o *Abidarma*. Senão, vejamos:

[...]
 “Na existência social possuo uma arma
 - O metafisicismo de Abidarma -
 E trago, sem bramânicas tesouras,
 Como um dorso de azêmola passiva,
 A solidariedade subjetiva
 De todas as espécies sofredoras”.
 [...]

Vejam que o eu-lírico é bem claro, ao afirmar que sua arma, na vida social, na vida real, é o metafisicismo de *Abidarma*. O *Abidarma* é o terceiro cânone das escrituras budistas (tripitaka, a tríplice cesta), na qual se relacionam as obras que tratam da filosofia dogmática ou da metafísica, conforme o *Vocabulário Poético do Eu: Glossário*.¹⁸⁵ O primeiro livro do *Abidarma Pitaka* classifica como raízes insalutares a avidez, o ódio e a delusão e destaca que a lei do renascimento é mais compreensível somente com a ajuda da corrente-vital subconsciente¹⁸⁶.

O *abhidharma* constitui o *Tripitaka* (“três cestos”), escritura sagrada máxima do budismo. O

184 COHEN, Nissim (trad.). *Dhammapada: a senda da virtude* - ob.cit. p.247.

185 ob.cit. p.33.

186 O termo, segundo Nissim Cohen, é idêntico com o que os modernos psicólogos como Jung chamam de espírito ou de inconsciente, com isto não querendo dizer, naturalmente, que é similar à entidade-alma do ensinamento cristão, mas um sempre-mutante processo subconsciente. Essa corrente-vital subconsciente é necessária a toda vida. (Ver: Ensinamentos do Buda, ob.cit. p.100).

primeiro cesto, o *Sutta Pitaka*, contém as prédicas de Buda; o segundo, o *Vinaya Pitaka*, apresenta o regramento para a vida monástica; e o terceiro, o *Abhidharma Pitaka*, baseia-se no primeiro cesto, mas distingue-se dele por sua abordagem escolástica. Neste “terceiro cesto” se analisam as doutrinas e os termos budistas, enfatizando a consciência e investigando com profundidade as relações causais que envolvem todas as coisas¹⁸⁷.

Não é fácil dizer como Augusto dos Anjos chegou ao *Abidarma* na época de lançamento do *EU*, onde livros budistas no Brasil eram uma raridade. Como lembra Elvis Brassaroto Aleixo, o Budismo institucionalizado era muito tímido em terras brasileiras à época da produção poética de Augusto dos Anjos. “Sobre esse assunto, nos auxilia Frank Usarki, professor especialista em Ciências da Religião da PUC-SP. Usarki explica que os primeiros confessores da fé budista chegaram ao Brasil em meados de 1810 e eram chineses com contratos temporários de trabalho, sem pretensões missionárias. Não obstante o exclusivo objetivo laboral desses imigrantes, essa informação abre algum espaço para cogitarmos o desenvolvimento do Budismo em nossas terras a ponto de o mesmo se refletir de alguma maneira em Augusto dos Anjos, pois haveria uma centena de anos antes da publicação do *EU* (1912) para que esse Budismo se desenvolvesse. Contudo, isso de fato não ocorreu. Foi somente nos anos 50 do século posterior, mais de três décadas após a morte do poeta, que foram dados os passos decisivos para institucionalização do Budismo em nosso país, e ainda assim tal difusão não ocorreu devido ao empenho dos imigrantes chineses, mas devido ao zelo dos japoneses, que haviam chegado ao Brasil no início do século 20, num contexto em que as comunidades religiosas ainda não estavam abertas às adesões de brasileiros”¹⁸⁸.

Na estrofe em questão do poema, além da referência ao *Abidarma* como sua arma para se defender na existência social, a “Sombra” enfatiza, ainda, trazer, “sem bramânicas tesouras”, como uma espécie de besta de carga (azêmola) sem reação, a solidariedade subjetiva de todas as espécies sofredoras. “Bramânicas” vem, obviamente, de Brahmã. No Budismo, não existe um só Brahmã ou Grande Brahmã, mas muitos e eles não são imortais. Nissim Cohen explica que embora não sejam onipotentes e eternos, os Brahmãs são seres poderosos e benevolentes e, na sua maioria, seguidores do Buda¹⁸⁹. No *Dhammapada: a senda da virtude*, o brâmane é definido como aquele para quem não existe a outra margem, nem esta margem, ou (ambas) as margens deste e daquele lado; também é aquele que é meditativo, imaculado, assentado; que dos cancrios está livre e tem seu dever cumprido.¹⁹⁰ Mas ao falar de “bramânicas tesouras” pode estar se referindo, também, às tesouras ou “podas” dos sacerdotes bramânicos da Índia antiga, que justamente se recusam a aceitar os ensinamentos budistas, entre os quais se configuram a compaixão e a solidariedade. Por fim, ainda

187 ALEIXO, Elvis Brassaroto - ob. cit. p. 125.

188 ALEIXO, E. B. - ob. cit. p. 103.

189 COHEN, Nissim. ob. cit. p.114.

190 COHEN, Nissim (trad.). *Dhammapada: a senda da virtude*. ob.cit. p.207

sobre essa estrofe, ao dizer que traz a solidariedade subjetiva de todas as espécies sofredoras, o eu-lírico pode estar se referindo ao *samsara*, ciclo de renascimentos no Budismo e que ele cita de forma explícita em outro verso deste poema que analisaremos mais adiante.

Sigamos com mais três estrofes do poema (5, 6, 7):

[...]

“Com um pouco de saliva cotidiana
Mostro meu nojo à Natureza Humana,
A podridão me serve de Evangelho...
Amo o esterco, os resíduos ruins dos quiosques
E o animal inferior que urra nos bosques
É com certeza meu irmão mais velho!

“Tal qual quem para o próprio túmulo olha,
Amarguradamente se me antolha,
À luz do americano plenilúnio.
Na alma crepuscular de minha raça
Como uma vocação para a Desgraça
E um tropismo ancestral para o Infortúnio.

“Aí vem o sujo, a coçar chagas plebeias,
Trazendo no deserto das ideias
O desespero endêmico do inferno,
Com a cara hirta, tatuada de fuligens
Esse mineiro doido das origens,
Que se chama o Filósofo Moderno!”.

[...]

Vemos nestas estrofes mais referências, de forma subjetiva, às filosofias budistas. A quinta estrofe do poema mostra o desprezo com a natureza humana e a exaltação da podridão como seu Evangelho, como já bem lembrou Chico Viana. Além disso, destaca o amor ao esterco, aos resíduos ruins. Ao final da estrofe dois versos emblemáticos: “*E o animal inferior que urra nos bosques/ É com certeza meu irmão mais velho*”. Emblemático para o estudo que ora fazemos porque no Budismo o renascimento pode ocorrer através do reino animal, como já mencionamos neste trabalho. O reino animal é descrito como um lugar onde prevalece o devorar mútuo, a matança do

fraco. “O renascimento nessa esfera é resultado de ações imorais e visões errôneas. Comparado ao purgatório, o sofrimento aqui é menos severo” (COHEN, 2008, p.112). Sidarta Gautama, o Buda, teria enfatizado que existem animais que se alimentam de ervas, animais que se alimentam de estrume, que nascem, envelhecem e morrem na escuridão, que nascem, envelhecem e morrem na imundície ou putrefação. Assim, uma pessoa que gozou de sabores na vida terrestre e aqui cometeu más ações, com a dissolução do corpo, após a morte, pode surgir na companhia de um desses tipos de animais¹⁹¹. Se a pessoa pode renascer como animal, não seria tolo afirmar que “*o animal inferior que urra nos bosques*” pode ser, sim, meu irmão mais velho. Ou, ainda, a consciência de ter dado um passo adiante na evolução da vida.

Na estrofe seguinte, a de número seis, destacamos os dois últimos versos: “*Como uma vocação para a Desgraça/ E um tropismo ancestral para o infortúnio*”. A “vocação” para a desgraça, para o sofrimento, é o maior medo do ser humano. No Budismo, no entanto, essa “vocação” é vista como natural. O Budismo defende que nascemos para sofrer e isso ocorre, sobretudo, pelo apego aos cinco agregados.¹⁹² No poema, Augusto dos Anjos trata essa “vocação” também como natural dentro do seu eu-lírico. Na estrofe seguinte, o questionamento é ao filósofo moderno, o mineiro doido das origens que, como diz Milton Marques Júnior, não consegue ver além da materialidade.

Vamos, agora, às estrofes 8, 9 e 10.

[...]

“Quis compreender, quebrando estéreis normas,

A vida fenomênica das Formas,

Que, iguais a fogos passageiros, luzem...

E apenas encontrou na ideia gasta

O horror dessa mecânica nefasta,

A que todas as cousas se reduzem!

“E hão de achá-lo, amanhã, bestas agrestes,

Sobre a esteira sarcófaga das pestes

A mostrar, já nos últimos momentos,

191 COHEN, Nissim.- ob. cit. p.207.

192 Diz o Buda: “Ao ouvir um som com o ouvido... ao cheirar um odor com o nariz... ao degustar um sabor com a língua... ao tocar um tangível com o corpo... ao perceber um objeto mental pela mente, ele prende-se a isto se for prazeroso, e fica desgostando do mesmo se for desprazível... Agora, o deleite em sentimento é apego. Como apego como condição, nascimento; com nascimento como condição, envelhecimento e morte, tristeza, lamentação, dor, aflição e desespero vêm a ser. Tal é a origem dessa inteira massa de sofrimento/insatisfação”. Ver COHEN, Nissim. ob. cit. p.253.

Como quem se submete a uma charqueada,
Ao clarão tropical da luz danada,
O espólio dos seus dedos peçonhentos.

“Tal a finalidade dos estames!
Mas ele viverá, rotos os liames
Dessa estranguladora lei que aperta
Todos os agregados perecíveis,
Nas eterizações indefiníveis
Da energia intra-atômica liberta!”
[...]

A estrofe oito começa com a afirmação de que a Sombra quis compreender a vida fenomênica das formas, que iguais a fogos passageiros luzem. Sem estar afirmando que a expressão “*vida fenomênica das formas*” esteja expressamente vinculada ao Budismo neste trecho do poema, acreditamos ser necessário esclarecer que para Buda “forma” é a soma dos quatro grandes elementos e seus derivados. Os quatro elementos para o Budismo são terra, água, calor e vento ou ar. Esses quatro elementos devem ser entendidos como qualidades primárias. Da terra, deriva a característica da “dureza”, do sólido; por coesão ou fluidez, o elemento água; por fogo, o elemento calor; e por distensão ou expansão o elemento vento¹⁹³.

Na sequência, os versos falam do horror da mecânica nefasta a que as coisas se reduzem, das bestas agrestes que mostram o espólio de seus dedos peçonhentos. Depois, conclui que essa é a finalidade da existência (estames), que vive dessa estranguladora lei que aperta todos os agregados perecíveis. Aqui novamente Augusto dos Anjos se volta para um termo muito utilizado na filosofia budista. Falo dos “agregados” (*kandha*), traduzido também por grupo ou categoria. Como já mencionamos neste trabalho, os cinco agregados são aspectos nos quais o Buda definiu todos os fenômenos mentais e físicos da existência e que aparecem ao homem ignorante como seu ego, eu ou personalidade: agregado da corporalidade ou físico (*rūpa*), da sensação ou sentimento (*vedanā*), da percepção (*sañña*), da formação mental (*sankhāra*) e da consciência (*viññāṇa*). Eles são chamados de “agregados do apego” porque, embora sejam impermanentes e sujeitos à mudanças, os seres desenvolvem desejo ou sede/anelo por eles¹⁹⁴.

Continuemos a leitura do poema, com as estrofes 11, 12, 13 e 14:

193 COHEN, Nissim. ob. cit. p.247.

194 Nissim Cohen ressalta que estes cinco agregados são simples classificações abstratas usadas pelo Buda na análise da existência humana, úteis como categorias analíticas, mas por si mesmas apenas conceitos, da mesma maneira que “indivíduo” é um mero conceito. Ver COHEN, Nissim. ob. cit. p.507

[...]

“Será calor, causa ubíqua de gozo,
Raio X, magnetismo misterioso,
Quimiotaxia, ondulação aérea,
Fonte de repulsões e de prazeres,
Sonoridade potencial dos seres,
Estrangulada dentro da matéria!

“E o que ele foi: clavículas, abdômen,
O coração, a boca, em síntese, o Homem,
- Engrenagem de vísceras vulgares -
Os dedos carregados de peçonha,
Tudo coube na lógica medonha
Dos apodrecimentos musculares!

“A desarrumação dos intestinos
Assombra! Vede-a! Os vermes assassinos
Dentro daquela massa que o húmus come,
Numa glotoneria hedionda, brincam
Como as cadelas que as dentuças trincam
No espasmo fisiológico da fome.

“É uma trágica festa emocionante!
A bacteriologia inventariante
Toma conta do corpo que apodrece...
E até os membros da família engulham,
Vendo as larvas malignas que se embrulham
No cadáver malsão, fazendo um s”.

[...]

Interessante perceber nestas estrofes referências, inconscientemente ou não, a alguns elementos da forma, como abordamos na análise das estrofes anteriores. Assim, se o calor é fogo para Buda, para Augusto é causa única do gozo. A distensão ou expansão resultante do elemento “Vento” no Budismo, na poesia augustiana é magnetismo que atrai e repulsa através da

quimiotaxia: fonte de repulsões e prazeres. Tudo isso para concluir que o Homem é uma engrenagem de vísceras vulgares e para falar dos vermes assassinos que habitam o ser humano. Como já foi dito, um dos quatro sinais do Budismo é a decomposição do corpo, fato mencionado no poema quando o eu-lírico fala da “*bacteriologia inventariante*” que “*toma conta do corpo que apodrece*”. No *Dhammapada: a senda da virtude*¹⁹⁵ que traduziu, Nissim Cohen acrescenta a história de Sirimã, cortesã muito bonita que despertou a cobiça de um bikshu¹⁹⁶. Quando Sirimã morreu, Buda enviou ao Rei uma mensagem. Nela dizia que o corpo de Sirimã não deveria ser cremado, mas estendido num terreno. Assim foi feito e após quatro dias, o corpo começou a inchar e das nove aberturas do corpo dela começou a sair larvas. O mestre, então, ofereceu o corpo da cortesã por qualquer preço, até de graça, para qualquer homem. Como ninguém quis, falou que a beleza da cortesã pereceu e ficou um corpo adoecido e corrompido. Depois pronunciou a seguinte estrofe:

“Observe esta imagem adornada, um corpo cheio de feridas, composto,
Enfermo e tomado de muitos pensamentos, no qual não há estabilidade nem
firmeza”¹⁹⁷.

Vejamos, agora, mais quatro estrofes do poema (15, 16, 17, 18):

[...]
“E foi então para isto que este doudo
Estragou o vibrátil plasma todo,
À guisa de um faquir, pelos cenóbios?!...
Num suicídio graduado, consumir-se,
E após tantas vigílias, reduzir-se
À herança miserável de micróbios!

“Estoutro agora é o sátiro peralta
Que o sensualismo sodomita exalta,
Nutrindo sua infâmia a leite e a trigo...
Como que, em suas células vilíssimas,
Há estratificações requintadíssimas

195 COHEN, Nissim (trad.). *Dhammapada: a senda da virtude*. ob.cit. p.289.

196 Bikshu é um membro da comunidade (sangha) budista. É alguém que deve se devotar à tarefa de seguir o Caminho pela renúncia às distrações dos afazeres mundanos.

197 Há, também, uma prática famosa de meditação Theravada que consiste justamente na meditação no corpo em decomposição. Sobre isso cf. periodicos.ufpb.br/index.php/religare/article/download/32016/16558

De uma animalidade sem castigo.

“Branças bacantes bêbedas o beijam.
 Suas artérias hírcicas latejam,
 Sentindo o odor das carnações abstêmias,
 E à noite, vai gozar, ébrio de vício,
 No sombrio bazar do meretrício,
 O cuspo afrodisíaco das fêmeas.

“No horror de sua anômala nevrose,
 Toda a sensualidade da simbiose,
 Uivando, à noite, em lúbricos arroubos,
 Como no babilônico *sansara*,
 Lembra a fome incoercível que escancara
 A mucosa carnívora dos lobos”.

[...]

Esta sequência é bastante erótica, onde, como diz Chico Viana, há uma equação do sexual ao animal. Ela tenta explicar como o filósofo moderno estragou tudo ao se reduzir à “*herança miserável de micróbios*”. Depois chega ao “*sátiro peralta*”, tão bem abordado por Chico Viana, do sensualismo sodomista e de uma animalidade sem castigo. Como já vimos, em outra parte deste trabalho, o sexo como sinônimo de desejo, para Augusto dos Anjos estava associado ao pecado, ao mundo sórdido. Mais adiante, após um belo verso aliterativo¹⁹⁸ – “*Branças bacantes bêbedas o beijam*” – o poema volta a condenar o sexo pelo sexo em si, ao falar do “*odor das carnações abstêmias*” e do gozo “*No sombrio bazar do meretrício,/ O cuspo afrodisíaco das fêmeas*”. Conforme a doutrina do Buda, devido aos prazeres sensuais as pessoas trilham o caminho do mal em ações, palavras e pensamentos; e assim, quando da dissolução do corpo após a morte, elas caem num estado de perdição, num mau destino, num estado de padecimento, no purgatório. O Budismo afirma que são cinco as cordas do prazer sensual¹⁹⁹: formas cognoscíveis pelo olho (agradáveis, promotoras de lascívia), sons cognoscíveis pelo ouvido, odores cognoscíveis pelo nariz, sabores cognoscíveis pela língua, tatos cognoscíveis pelo corpo. De certa forma, os versos acima analisados neste parágrafo contemplam essas cinco cordas.

198 Aliteração: O fato de palavras ou sílabas seguidas ou próximas começarem com o mesmo fonema consonantal ou vocálico. De forma deliberada, teve uso intensivo no Simbolismo, conforme COUTINHO, Afrânio. SOUSA, J. Galante de. *Enciclopédia de Literatura Brasileira*, ob. cit. p. 187.

199 COHEN, Nissim.- ob. cit. p.262.

Na última estrofe dessa sequência do poema, o eu-lírico exalta a sensualidade dos corpos unidos, uivando em lúbricos arroubos, lembrando a fome que escancara a “*mucosa carnívora dos lobos*”. A imagem é forte e o poema afirma que tudo isso acontece como se fosse num babilônico *samsara*. O termo “samsara” (no poema original grafado “sansara”) remete ao ciclo ou roda de renascimento do Budismo. O termo refere-se à noção de se andar através de uma vida após a outra, num processo infundável e inexorável²⁰⁰.

Elvis Brassaroto Aleixo destaca que o desejo aprisiona os homens ao mundo do *samsara*. “As três sedes de que fala Buda, são três desejos, respectivamente assim explicados: o desejo dos prazeres dos sentidos, que se relaciona aos prazeres sensoriais todas as vezes que o homem entra em contato com objetos agradáveis; o desejo da existência, que se relaciona à vontade de gozar uma existência infinita; e o desejo da não-existência, que se opõe ao anterior e se relaciona com a vontade de 'extinção', ou seja, o desejo de escapar do *samsara*” (ALEIXO, 2008. pp. 116-117).

Sandra Erickson ressalta que no Budismo todas as formas vivas são seres migrantes no ciclo do *samsara* (renascimentos) onde sofrem até purificarem suas marcas ou obstruções e delusões que são causadas pelo estado mor de ignorância. Ou seja, até alcançar o estado de despertar ou iluminação búdica. Segundo ela, todos os seres migrantes estão ligados numa corrente de solidariedade subjetiva que os levam a desenvolver as virtudes básicas de compaixão e bondade para com todas as formas vivas. Todos os seres vivos são sencientes e estão interligados. “Hoje cão, amanhã Buda, hoje Buda, amanhã verme, dependendo dos projetos e do caminho do nível de despertar de cada ser. A hierarquia budista é diferente e dinâmica, pois seres adiantados voltam para se reintegrarem à cadeia da vida e ajudar outros seres e seres menores evoluem continuamente para mais estados cada vez mais complexos, do ponto de vistas das percepções”, explica²⁰¹.

O Dharma budista é categórico: por não entender e não aprender a nobre verdade acerca do sofrimento, da origem do sofrimento, da cessação do sofrimento e do caminho que leva à cessação do sofrimento (as quatro nobres verdades), é que a pessoa está condenada a perambular por um longo tempo através do ciclo de renascimentos, do *samsara*. Maria Helena da Cruz Silva e Anice Brito Lira de Oliveira, em obra citada aqui, definem *samsara* também como mercado das cidades babilônicas, sobretudo de Ur²⁰², onde se encontravam mulheres que levavam vida comparável à das gueixas japonesas. Citando Baudelaire, as autoras afirmam que o termo *samsara* dá ideia da

200 Conforme Nissim Cohen, o *samsara* refere-se não só aos seres humanos, mas também aos animais. Somente no estágio da existência humana poderá o *samsara* ser transcendido e a libertação alcançada. Ver *Dhammapada: a senda da virtude*. ob.cit. p.253.

201 ERICKSON, Sandra S. F. - *Augusto dos Anjos: Budismo moderno*, ob. cit. p. 3.

202 Conforme Nissim Cohen, o *samsara* refere-se não só aos seres humanos, mas também aos animais. Somente no estágio da existência humana poderá o *samsara* ser transcendido e a libertação alcançada. Ver *Dhammapada: a senda da virtude*. ob.cit. p.253.

eternidade, da transmigração, do círculo dos renascimentos, de vida em vida, porém de podridão em podridão²⁰³.

Sigamos com mais quatro estrofes do poema (19, 20, 21, 22):

[...]

“Sôfrego, o monstro as vítimas aguarda.

Negra paixão congênita, bastarda,

Do seu zooplasma ofídico resulta...

E explode, igual à luz que o ar acomete,

Com a veemência mavórtica do aríete

E os arremessos de uma catapulta.

“Mas muitas vezes, quando a noite avança,

Hirto, observa através a tênue trança

Dos filamentos fluídicos de um halo

A destra descamada de um duende,

Que tateando nas tenebras, se estende

Dentro da noite má, para agarrá-lo!

“Cresce-lhe a intracefálica tortura,

E de su'alma na cavema escura,

Fazendo ultra-epiléticos esforços,

Acorda, com os candieiros apagados,

Numa coreografia de danados,

A família alarmada dos remorsos.

“É o despertar de um povo subterrâneo!

E a fauna cavernícola do crânio

- Macbeths da patológica vigília,

Mostrando, em rembrandtescas telas várias,

As incestuosidades sangüinárias

Que ele tem praticado na família”.

[...]

203 Ver “Vocabulário Poético do Eu: Glossário”, ob. cit. p. 39.

Nessas estrofes, o poema segue falando do “monstro” que as vítimas aguarda. Refere-se a serpentes, a armas de guerra (como catapultas), a guerreiros de Marte, duendes que se escondem na noite (no Budismo, os deva podem aparecer também como gnomos, duendes e fadas, entre outros seres). Sobre serpentes, é interessante observar que em um de seus sutras, Buda diz que existem quatro serpentes: a levemente venenosa, mas não mortal, a mortalmente venenosa mas não levemente venenosa, ambas levemente venenosa e mortalmente venenosa e nem levemente venenosa e nem mortalmente venenosa. Depois, compara com tipos de pessoas similares a esses tipos de serpente²⁰⁴. Em seguida, o poema cita “Macbeth”²⁰⁵, tragédia de Shakespeare, e telas rembrandtescas²⁰⁶, para falar de incestuosidades sanguíneas na família. Como já dissemos, alguns biógrafos procuraram insinuar a possibilidade de uma relação incestuosa entre Augusto dos Anjos e sua irmã, mas esse caso não é objeto do nosso estudo aqui.

Continuemos com o poema até o final da fala da “Sombra” (estrofes 23, 24, 25, 26, 27, 28):

[...]

“As alucinações tácteis pululam.

Sente que megatérios o estrangulam...

A asa negra das moscas o horroriza;

E autopsiando a amaríssima existência

Encontra um cancro assíduo na consciência

E três manchas de sangue na camisa!

“Mingua-se o combustível da lanterna

E a consciência do sátiro se inferna,

Reconhecendo, bêbedo de sono,

Na própria ânsia dionísica do gozo,

Essa necessidade de horroroso,

Que é talvez propriedade do carbono!

“Ah! Dentro de toda a alma existe a prova

De que a dor como um darto se renova,

Quando o prazer barbaramente a ataca...

204 COHEN, Nissim.- ob. cit. p.193.

205 Macbeth é considerada a mais noturna e mais grega das tragédias de Shakespeare. Apesar de tirano, Macbeth é inibido por uma forte imaginação, manifestada em visões e na riqueza poética de seus discursos. Ver “Vocabulário Poético do Eu: Glossário”, ob. cit. p. 37.

206 Rembrandtescas diz respeito ao pintor holandês Rembrandt Harmenzon Van Rijn (1606-1669), considerado um gênio e mestre do claro-escuro na pintura. Ver “Vocabulário Poético do Eu: Glossário”, ob. cit. p. 39.

Assim também, observa a ciência crua,
 Dentro da elipse ignívoma da lua
 A realidade de urna esfera opaca.

“Somente a Arte, esculpindo a humana mágoa,
 Abranda as rochas rígidas, torna água
 Todo o fogo telúrico profundo
 E reduz, sem que, entanto, a desintegre,
 À condição de uma planície alegre,
 A aspereza orográfica do mundo!

“Provo desta maneira ao mundo odiento
 Pelas grandes razões do sentimento,
 Sem os métodos da abstrusa ciência fria
 E os trovões gritadores da dialética,
 Que a mais alta expressão da dor estética
 Consiste essencialmente na alegria.

“Continua o martírio das criaturas:
 - O homicídio nas vielas mais escuras,
 - O ferido que a hostil gleba atra escarva,
 - O último solilóquio dos suicidas -
 E eu sinto a dor de todas essas vidas
 Em minha vida anônima de larva!”
 [...]

As seis estrofes acima representam a fala final da “Sombra”. Os versos continuam elencando alguns horrores, seja da asa negra das moscas, seja das manchas de sangue na camisa. No verso da estrofe 23, que fala de “*um cancro assíduo na consciência*”, nova referência ao Budismo. Cancros (*āsava*) são definidos, no Budismo, como influxos, manchas, corrupções. Os cancros são vistos, no pensamento budista, como intoxicantes da mente humana, que impedem o progresso espiritual e são causadores de repetidos renascimentos. Nos escritos mais antigos, eram três cancros: sensualidade, vir-a-ser ou devir e ignorância. Mais tarde foi acrescentado ponto de vista falso²⁰⁷. No

207 Conta Nissim Cohen que a extinção dos cancros era tida como constituindo o estado de Arahāt. COHEN, Nissim. ob. cit. p.508.

Dhammapada: a senda da virtude, há várias referências aos cancos, como na estrofe 126²⁰⁸:

[...]

“Alguns nascem no útero; os malfeitores, no estado de infortúnio,
Os justos vão ao estado de beatitude; os libertos de cancos (morais) passam ao
Nirvana”.

[...]

Na sua Iluminação, Buda teria dito: “Com a mente assim composta, de todo purificada, inteiramente clarificada, sem mácula nem eiva, crescida maleável e destra, firme e invulnerável, eu dirigi minha mente ao conhecimento da destruição dos cancos (morais, mentais)”²⁰⁹. Em seguida, atribui aos cancos a origem do sofrimento e que ao entender essa realidade emancipou sua mente dos prazeres sensuais, do vir-a-ser, da ignorância e que a partir daí não acontecerão mais renascimentos. No poema, Augusto dos Anjos narra que o cancro vive assíduo na consciência. Talvez isso explique o que ele chama, em outro verso, de “*necessidade do horroroso*”.

Na estrofe 24, três versos falam do sofrimento contínuo, que podem ser vistos como consequência dos cancos na consciência gerados pelos prazeres sensuais: “*Ah, Dentro de toda a alma existe a prova/ De que a dor como um dardo se renova,/ Quando o prazer barbaramente a ataca...*”. Em seguida, vêm os versos que para muitos estudiosos representam uma espécie de Nirvana particular de Augusto dos Anjos (também compartilhamos desse entendimento): “*Somente a Arte, esculpindo a humana mágoa,/ Abranda as rochas rígidas, torna água/ Todo o fogo telúrico profundo*”. Neste trecho vemos como que o eu-lírico se sublimando de todo caos da vida mundana através da arte. Não é o que entende Chico Viana. Para ele, a arte não vence a morte, já que se constitui num domínio contingente exterior²¹⁰. Não pensamos assim, mas na conclusão deste trabalho falaremos mais sobre isso. Agora, importa constatar, nestes trechos do poema transcritos acima, a “Sombra” afirmando provar, “*sem os métodos da abstrusa ciência fria*”, “*que a mais alta expressão da dor estética/ consiste essencialmente na alegria*”. Isso tudo antes de falar do martírio das criaturas, martírio este que vai do homicídio em qualquer viela ao “*o último solilóquio dos suicidas*”. À guisa de esclarecimento, vale ressaltar que o Budismo condena tanto o homicídio, quanto o suicídio. No caso do suicídio, a pessoa que tenta se matar não acredita em sobrevivência, nem no renascimento, e pensa que com a morte esteja dando fim aos seus problemas. Por isso, o Buda condenava o suicídio nas pessoas que não atingiram o Nirvana²¹¹.

208 *Dhammapada: a senda da virtude*. ob.cit. p.79.

209 COHEN, Nissim. ob. cit. p.39.

210 VIANA, Chico – ob. cit. p.150.

211 O Buda diz que alguém que não atingiu o Nirvana, ao cometer o suicídio, estaria se iludindo pensando que estaria

Vejamos agora as três estrofes finais do poema (29, 30, 31):

[...]

“Disse isto a Sombra. E, ouvindo estes vocábulos,
Da luz da lua aos pálidos venábulos,
Na ânsia de um nervosíssimo entusiasmo,
Julgava ouvir monótonas corujas,
Executando, entre caveiras sujas,
A orquestra arrepiadora do sarcasmo!

“Era a elegia panteísta do Universo,
Na podridão do sangue humano imerso,
Prostituído talvez, em suas bases...
Era a canção da Natureza exausta,
Chorando e rindo na ironia infausta
Da incoerência infernal daquelas frases.

“E o turbilhão de tais fonemas acres
Trovejando grandiloquos massacres,
Há-de ferir-me as auditivas portas,
Até que minha efêmera cabeça
Reverta à quietação da treva espessa
E à palidez das fotosferas mortas!”

No final do poema, a “Sombra” sai de cena, mas deixa o eco da “orquestra arrepiadora do sarcasmo”, deixa a elegia panteísta do Universo e a podridão do sangue humano imerso e prostituído em suas bases. Sobretudo, fica também o eco das referências budistas neste magnífico poema. Termos e temas caros ao Budismo como *samsara*, renascimento, cancros, agregados, *abidarma*, sofrimento e decomposição do corpo são utilizados no poema “Monólogo de uma sombra” não apenas como recursos literários, mas também como filosofia poética para valorizar o diálogo sobre a vida, sobre o homem.

pondo fim aos seus problemas, já que ele ainda está sujeito ao renascimento. Quanto ao Iluminado, ao Arahāt, este não está sujeito ao renascimento. O Arahāt, no entendimento do Budismo, não põe fim a sua vida por aversão ou porque tem algum problema, mas apenas por um simples desejo de livrar-se de uma dor pungente e de uma doença incurável. Ver COHEN, Nissim. ob. cit. p.149.

3.3. Poemas além, mas não tão aquém do Budismo

Neste item, vamos falar, de forma breve, dos demais poemas do livro, poemas que, de acordo com nossa pesquisa, não guardam afinidades tão profundas assim com a doutrina budista. São poemas que estão além do Budismo sim, porque não pagam tributo tão explícito à filosofia criada por Sidarta Guatama. Ao mesmo tempo, são poemas, em sua grande maioria, que não estão assim tão aquém do Budismo, já que as linhas gerais do pensamento budista – como sofrimento, dor, renascimento, negação aos prazeres sensuais e a inevitabilidade da morte, entre outros – estão presentes neles, de uma forma ou de outra. Se tais poemas não foram incluídos no item 3.1 deste trabalho, é porque neles a influência do Budismo é menor, ou, ainda, porque outros poemas mais fortes e mais representativos atendem melhor às comparações que fizemos entre a poética do *EU* e à filosofia budista.

Mas pegamos ao acaso o tema da morte, por exemplo, tão forte dentro do pensamento budista. Vários outros poemas dialogam, de certa forma, com a filosofia do Budismo de que devemos aceitar a morte como algo inevitável. Em “Solitário”²¹², Augusto dos Anjos fala do “*Velho caixão a carregar destroços*” (verso 11), em “Último Credo”²¹³ canta amor ao coveiro, ladrão comum “*Que arrasta a gente para o cemitério!*” (verso 4) e em “Caixão Fantástico”²¹⁴ observa o passeio do caixão sombrio pelas ruas. Essa “apologia” à morte continua, quando o poeta, em “Solilóquio de um visionário”²¹⁵, mistura morte à decomposição do corpo: “*Comi meus olhos crus no cemitério*” (verso 3). Em “Asa de Corvo”²¹⁶ lembra “*Que a Morte – a costureira funerária -/ Cose para o homem a última camisa*” (versos 13, 14) e em “Vozes de um Túmulo”²¹⁷ o eu-lírico já está morto, com a consciência de que nada é. Nos três “Sonetos”²¹⁸ dedicados ao pai, a morte ronda de uma forma ou de outra: o primeiro, ao pai doente, é lírico, tocante, de lamento à mão de Deus que teria magoado o pai; o segundo, ao pai morto, conta de forma pungente como seu pai morreu “*Sem um gemido, assim como um cordeiro!*” (verso 4); por fim, o terceiro soneto, sem dedicatória, fala da decomposição do corpo, num tom expressionista: “*Podre meu Pai! E a mão que enchi de beijos/ Roída roda de bichos (...)*” (versos 9, 10). Se no primeiro e segundo soneto o rito é cristão, de reverência e temor a Deus, no terceiro a consciência da decomposição do corpo e de que nada somos surge com força. Por fim, citemos mais dois poemas onde o tema é predominante, como em “Alucinação à Beira-Mar”²¹⁹, onde questiona a matemática da morte, “*Com seus números negros*

212 Ver *Solitário*, em BUENO, Alexei – ob. cit. p. 226.

213 Ver *Último Credo*, em BUENO, Alexei – ob. cit. p. 230.

214 Ver *Caixão Fantástico*, em BUENO, Alexei – ob. cit. p. 231.

215 Ver *Solilóquio de um Visionário*, em BUENO, Alexei – ob. cit. p. 232.

216 Ver *Asa de Corvo*, em BUENO, Alexei – ob. cit. p. 250.

217 Ver *Vozes de um Túmulo*, em BUENO, Alexei – ob. cit. p. 259.

218 Ver *Sonetos*, em BUENO, Alexei – ob. cit. p. 269.

219 Ver *Alucinação à Beira-Mar*, em BUENO, Alexei – ob. cit. p. 278.

(...)” (versos 7, 8). Já em “A Ilha de Cipango”²²⁰ a morte vem aliada a busca de um exílio, de uma fuga para um lugar melhor. Em uma estrofe diz: “*Tenho alucinações de toda a sorte.../ Impressionado sem cessar com a Morte*” (versos 13, 14). Em seu exílio e utopia, fala de um “*país de eternas pazes/ Onde em cada deserto há mil oásis/ E em cada rocha um cristalino veio*” (versos 46, 47, 48). A título de curiosidade, vale salientar que Cipango seria o nome que davam ao Japão os escritores da Idade Média, conforme informação de Maria Helena da Cruz Silva e Anice Brito Lira de Oliveira²²¹. No poema, o eu-lírico afirma no verso 33: “*Na ilha encantada de Cipango tombo*”.

Um dos quatro sinais que, segundo a lenda, fizeram Sidarta Guatama abandonar a vida de príncipe no palácio para se tornar um asceta, a decomposição do corpo está presente em vários poemas do *EU*, alguns já citados no parágrafo anterior e em outras partes e capítulos deste trabalho. “O Lázaro da Pátria”²²² é um destes, com referência, já a partir do título, quando fala em “lázaro”, ao que está atacado de lepra, coberto de chagas. Chico Viana²²³ vê neste poema uma aliança do hereditário com o putrefato, principalmente quando o eu-lírico afirma no primeiro verso: “*Filho podre de antigos Goitacases*”. Já o poema “O Deus-Verme”²²⁴ é, como o próprio título sugere, uma ode ao verme, que “*Almoça a podridão das drupas*²²⁵ *agras*” (verso 9) e “*dos defuntos novos incha a mão...*” (verso 11).

O sofrimento (*dukkha*) é um dos temas centrais do Budismo. Para o Buda, o sofrimento é uma realidade pessoal somente quando refletida no espelho da consciência e a libertação surge a partir do conhecimento dessa realidade. A poesia de Augusto dos Anjos é toda marcada pela dor, pelo sofrimento. Já citamos aqui alguns poemas que abordam esse tema, citaremos outros agora que, mesmo sem alusão ao Budismo, não deixam de falar da dor, da tristeza e do sofrimento na consciência do eu-lírico. Em “O Corrupião”²²⁶, se compara ao pássaro que dá título ao poema, dizendo que “*Foi este mundo que me fez tão triste,/ Foi a gaiola que te pôs assim*” (versos 13, 14). Com 76 versos e 19 versos, “Noite de um Visionário”²²⁷ tem várias passagens onde o tema sofrimento se impõe, como nesta estrofe: “*Dedos denunciadores escreviam/ Na lúgubre extensão da rua preta/ Todo o destino negro do planeta,/ Onde minhas moléculas sofriam*” (versos 69-72). “Mater”²²⁸ lembra à mãe que um novo “*Ser, entre as dores, te emergiu do ventre!*” (verso 4); no belíssimo “Eterna Mágoa”²²⁹ destaca que “*O homem por sobre quem caiu a praga/ Da tristeza do*

220 Ver *A Ilha de Cipango*, em BUENO, Alexei – ob. cit. p. 282.

221 Ver “*Vocabulário Poético do Eu: Glossário*”, ob. cit. p. 93.

222 Ver *O Lázaro da Pátria*, em BUENO, Alexei – ob. cit. p. 205.

223 VIANA, Chico – ob. cit. p.131.

224 Ver *O Deus-Verme*, em BUENO, Alexei – ob. cit. p. 209.

225 Drupa é fruto carnudo que contém caroço duro, como cereja, ameixa e abacate, segundo o “*Vocabulário Poético do Eu: Glossário*”, ob. cit. p. 49.

226 Ver *O Corrupião*, em BUENO, Alexei – ob. cit. p. 274.

227 Ver *Noite de um Visionário*, em BUENO, Alexei – ob. cit. p. 275.

228 Ver *Mater*, em BUENO, Alexei – ob. cit. p. 285.

229 Ver *Eterna Mágoa*, em BUENO, Alexei – ob. cit. p. 290

Mundo, o homem que é triste/ Para todos os séculos existe/ E nunca mais o seu pesar se apaga!" (versos 1-4); em "Insônia"²³⁰ pergunta: "*-Por que é que este gemido me acompanha?!*" (verso 9); em "Barcarola"²³¹, poema no ritmo das canções românticas dos gondoleiros de Veneza, chega a se comparar com Cristo no sofrimento: "*O poeta é como Jesus!/ 'Abraça-te à tua Cruz/ 'E morre, poeta da Morte!*" (versos 58-60); "Tristezas de um Quarto Minguante"²³² define sua ruína pior que a de Tebas²³³ e em "O Mar, a Escada e o Homem"²³⁴ expõe a queda "*No pandemônio aterrador do Caos!*" (verso 14).

Afora sofrimento, morte e decomposição do corpo, diversos outros temas são abordados na poesia de Augusto dos Anjos ao longo do *EU*. Em "A Ideia"²³⁵, o materialismo; em "Debaixo do Tamarindo"²³⁶, animismo; "Sonho de um Monista"²³⁷, cientificismo; "Idealismo"²³⁸, negação do amor ("*O amor na Humanidade é uma mentira*" - verso 2); "A um Carneiro Morto"²³⁹, compaixão; "Vozes da Morte"²⁴⁰, animismo com o tamarindo; "Insânia de um simples"²⁴¹, também animismo ("*Ter o destino de uma larva fria*" - verso 6); "Uma Noite no Cairo"²⁴², referências ao Oriente; "O Martírio do Artista"²⁴³, sobre a inspiração artística; "Duas Estrofes"²⁴⁴, homenagem a João de Deus; "Decadência"²⁴⁵, sobre a decadência humana; "Ricordanza Della Mia Gioventù"²⁴⁶, homenagem a ama de leite; "A Um Mascarado"²⁴⁷, falsidade; "Gemidos de Arte"²⁴⁸, com "*Uma vontade absurda de ser Cristo*" (verso 47); "Depois da Orgia"²⁴⁹, negação ao prazer sexual; "A Árvore da Serra"²⁵⁰, animismo; "Vencido"²⁵¹, sobre a derrota; "Vandalismo"²⁵², amor idealizado; "Versos Íntimos"²⁵³, ingratidão ("*A mão que afaga é a mesma que apedreja*" - verso 11); "Vencedor"²⁵⁴, com o emblemático "*ninguém doma o coração de poeta!*" (verso 14); "Mistérios de um Fósforo"²⁵⁵ sobre

230 Ver *Insônia*, em BUENO, Alexei – ob. cit. p. 294.

231 Ver *Barcarola*, em BUENO, Alexei – ob. cit. p. 297.

232 Ver *Tristezas de um Quarto Minguante*, em BUENO, Alexei – ob. cit. p. 300.

233 Tebas: Cidade-Estado da antiga Grécia, situada na Beócia.

234 Ver *O Mar, a Escada e o Homem*, em BUENO, Alexei – ob. cit. p. 255.

235 Ver *A Ideia*, em BUENO, Alexei – ob. cit. p. 204.

236 Ver *Debaixo do Tamarindo*, em BUENO, Alexei – ob. cit. p. 210.

237 Ver *Sonho de um Monista*, em BUENO, Alexei – ob. cit. p. 225.

238 Ver *Idealismo*, em BUENO, Alexei – ob. cit. p. 229.

239 Ver *A Um Carneiro Morto*, em BUENO, Alexei – ob. cit. p. 233.

240 Ver *Vozes da Morte*, em BUENO, Alexei – ob. cit. p. 234.

241 Ver *Insânia de um Simples*, em BUENO, Alexei – ob. cit. p. 235.

242 Ver *Uma Noite no Cairo*, em BUENO, Alexei – ob. cit. p. 251.

243 Ver *O Martírio do Artista*, em BUENO, Alexei – ob. cit. p. 253.

244 Ver *Duas Estrofes*, em BUENO, Alexei – ob. cit. p. 254.

245 Ver *Decadência*, em BUENO, Alexei – ob. cit. p. 256.

246 Ver *Ricordanza Della Mia Gioventù*, em BUENO, Alexei – ob. cit. p. 257.

247 Ver *A Um Mascarado*, em BUENO, Alexei – ob. cit. p. 258.

248 Ver *Gemidos de Arte*, em BUENO, Alexei – ob. cit. p. 261.

249 Ver *Depois da Orgia*, em BUENO, Alexei – ob. cit. p. 271.

250 Ver *A Árvore da Serra*, em BUENO, Alexei – ob. cit. p. 272.

251 Ver *Vencido*, em BUENO, Alexei – ob. cit. p. 273.

252 Ver *Vandalismo*, em BUENO, Alexei – ob. cit. p. 279.

253 Ver *Versos Íntimos*, em BUENO, Alexei – ob. cit. p. 280.

254 Ver *Vencedor*, em BUENO, Alexei – ob. cit. p. 281.

255 Ver *Mistérios de um Fósforo*, em BUENO, Alexei – ob. cit. p. 304.

filosofia, ciência; e “Contrastes”²⁵⁶, sobre dualidades (“*O Amor e a Paz, o Ódio e a Carnificina*” - verso 2). Assim, acreditamos termos concluído o mapeamento de todos os poemas incluídos no livro *EU* de Augusto dos Anjos, analisando com profundidade os que, na nossa avaliação, têm mais afinidades com a filosofia budista, ao mesmo tempo que mencionamos os demais citando de forma breve os temas abordados. Encontramos identificação muito forte com o Budismo em 15 poemas, enquanto temas como sofrimento e morte, entre outros comuns na doutrina budista, são encontrados, mesmo que de forma mais implícita, nos demais poemas do livro. Nas considerações finais deste trabalho tentaremos compreender o porquê disso.

256 Ver *Contrastes*, em BUENO, Alexei – ob. cit. p. 260.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

O Nirvana do EU é, sobretudo, a poesia de Augusto dos Anjos. Ao longo dos poemas inseridos no livro *EU*, percebemos em diversas partes, estrofes e versos como o poeta procurou sublimar as dores da vida, do sofrimento, através da sua poesia, como se buscasse um renascimento através da literatura, da arte. Mesmo quando fala da morte há esse tom de renascimento, de recomeço, de busca do Nirvana em sua poética, pois, como diz Zenir Campos Reis, a morte também não é um final, mas um fim que pode preparar um reinício.²⁵⁷

Vários versos de poemas do livro confirmam esse nosso argumento, senão vejamos alguns exemplos: “*Voltando à pátria da homogeneidade/ Abraçada com a própria Eternidade/ A minha sombra há de ficar aqui!*” (Debaixo do Tamarindo), “*Mas o agregado abstrato das saudades/ Fique batendo nas perpétuas grades/ Do último verso que eu fizer no mundo!*” (Budismo Moderno), “*Creio, perante a evolução imensa,/ Que o homem universal de amanhã vença/ O homem particular que eu ontem fui!*” (Último Credo), “*Depois da morte, inda teremos filhos*” (Vozes da Morte), “*Minha lira, maior que a Bíblia e a Fedra,/ Reviverá, dando emoção à pedra/ Na acústica de todos os planetas!*” (Os Doentes), “*Somente a Arte, esculpindo a humana mágoa,/ Abranda as rochas rígidas, torna água/ Todo o fogo telúrico profundo*” (Monólogo de uma Sombra).

Como já falamos em outros momentos deste trabalho, o Nirvana é a mais elevada e a última meta dos budistas, que acontece com a extinção do fogo de, ou resfriamento da febre da avidez, ódio e delusão. Estudiosos como Nissim Conhen afirmam que é o tema mais desafiador do Budismo e o próprio Buda teria dito que o Nirvana escapa a qualquer descrição, sendo inefável²⁵⁸. Para Buda, um seguidor não deveria se agarrar às ideias e práticas budistas, mas usá-las para o propósito intencionado, e abandoná-las quando elas tiverem cumprido seus objetivos. Contam os estudiosos do Budismo que antes da Iluminação, ainda em retiro, Buda fez as seguintes reflexões e questionamentos, que mais parecem saídos de um poema de Augusto dos Anjos:

Este mundo, aí! Está num estado penoso: alguém nasce e envelhece e morre, e passa de um estado de existência e renasce em outro! E ninguém sabe um meio de escape deste sofrimento, deste envelhecimento e morte. Ó, quando um meio de escape deste sofrimento, deste envelhecimento, desta morte tornar-se-á conhecido? (COHEN, 2008, p. 169)

257 Entrevista a ARAGÃO, Maria do Socorro Silva de; SANTOS, Neide Medeiros; ANDRADE, Ana Isabel de Souza Leão - ob. cit. p. 443.

258 Buda descreve a Iluminação desta forma: “Assim eu, discípulos, estando sujeito ao nascimento, envelhecimento, doença, morte, tristeza e impurezas; tendo conhecido o perigo a eles inerente (...) ganhei o pão nascido, ganhei o que está isento de envelhecimento e doença, ganhei a não-morte, ganhei o que está isento de tristeza e impurezas, ganhei a suprema cessação dos liames – isto é, o Nirvana”. Ver COHEN, Nissim, - ob. cit. pp. 38-39.

Elvis Brassaroto Aleixo diz que no *EU*, de Augusto dos Anjos, a alma liberta do corpo é autossuficiente, dele não dependendo para existir. Haveria, assim, um anseio em viver liberto do cárcere representado pela matéria (corpo) para o usufruto de uma vida eterna, imortal, monística, panteísta, nirvânica²⁵⁹. Chico Viana²⁶⁰ registra que a obra de Augusto dos Anjos é marcada por um desejo de destruição e de morte, isso tanto no plano individual (eu-lírico), quanto no coletivo (espécie humana e todos os seres vivos). Seria uma “pulsão da morte”, de desejo de retorno ao inorgânico. Esse desejo de retorno ao inorgânico seria uma espécie de aspiração nirvânica, no seu entendimento. Lúcia Helena²⁶¹ fala da grande narrativa da criação do mundo, da criação da sociedade brasileira, presente em Augusto, tomando a Arte como forma de purificação da mágoa e da angústia dos homens.

Chegamos ao fim deste trabalho com a convicção de que abrimos novas janelas para quem quer compreender a influência oriental e da filosofia budista na obra de Augusto dos Anjos, mas especificamente no livro *EU*, seu único lançado em vida. Trouxemos pesquisas e análises que mostram como Augusto dos Anjos transpôs para a poesia suas reflexões sobre a dor, sobre o sofrimento e sobre diversas filosofias, religiões e tendências científicas da sua época. Entre estas, o Budismo, religião ou filosofia criada por Sidarta Guatama que tem como principal objetivo despertar da ignorância e alcançar a Iluminação, o Nirvana, através das quatro nobres verdades, que envolvem a natureza, origem, cessação e caminho para a cessação do sofrimento. Um caminho que leva a pessoa que o alcança a não encontrar mais quatro coisas: nascimento, velhice, doença e morte. Quatro coisas que estão bem presentes na mensagem poética de Augusto dos Anjos na grande maioria dos poemas do *EU*. Um poeta que morreu jovem e publicou um único livro apenas em vida. Mas pode-se dizer, simbolicamente, que a qualidade e originalidade de sua poesia foi o seu Nirvana particular, onde o poeta Augusto dos Anjos alcançou a Iluminação poética e literária através daquele pacto com leitor, de que falava Sartre, leitor este que tão bem acolhe a poesia do autor de *EU* até os dias atuais.

259 ALEIXO, E.B. - ob. cit. p. 98.

260 VIANA, Chico – ob. cit. p. 125.

261 Entrevista a ARAGÃO, Maria do Socorro Silva de; SANTOS, Neide Medeiros; ANDRADE, Ana Isabel de Souza Leão - ob. cit. p. 279.

BIBLIOGRAFIA

- AGNOLIN, Adone. História das religiões: perspectiva histórico-comparativa. São Paulo: Paulinas, 2013.
- ALBUQUERQUE, Medeiros e. *O livro mais estupendo: o EU*. In: BUENO, Alexei. *Augusto dos Anjos: obra completa*. Rio de Janeiro: Nova Aguillar, 1994.
- ALEIXO, Elvis Brassaroto. *A expressão do sagrado budista na poesia de Augusto dos Anjos*. Campinas, SP, 2008. 196 p. Dissertação (Mestrado em Teoria e História Literária) – Programa de Pós-Graduação em Teoria e História Literária, Universidade Estadual de Campinas, 2008.
- ALMEIDA, Guilherme de. *Flores das “flores do mal” de Baudelaire*. Rio de Janeiro: Ediouro, 1996.
- ARAGÃO, Maria do Socorro Silva de; SANTOS, Neide Medeiros; ANDRADE, Ana Isabel de Souza Leão. *Memorial Augusto dos Anjos: um roteiro cultural e poético*. João Pessoa: Idéia, 2008
-
- _____. *Conversando sobre Augusto dos Anjos: uma história oral*, João Pessoa, Editora Ideia, 2009.
- ARISTÓSTELES. *Poética*. Tradução: Eudoro Souza. São Paulo: Ars Poética, 1992, 2 Edição.
- BANDEIRA, Manuel. *Augusto dos Anjos*. In: BUENO, Alexei. *Augusto dos Anjos: obra completa*. Rio de Janeiro: Nova Aguillar, 1994.
- BARROS, Eudes. *Aproximações e antinomias entre Baudelaire e Augusto dos Anjos*. In: BUENO, Alexei. *Augusto dos Anjos: obra completa*. Rio de Janeiro: Nova Aguillar, 1994.
- BOSSERT, Adolphe – *Introdução a Schopenhauer*. Tradução: Regina Schöpke, Mauro Baladi – Rio de Janeiro: Contraponto, 2011.
- BRANCO, Wilson Castelo. *A Poesia de Augusto dos Anjos*. In: BUENO, Alexei. *Augusto dos Anjos: obra completa*. Rio de Janeiro: Nova Aguillar, 1994.
- BUENO, Alexei. *Augusto dos Anjos: obra completa*. Rio de Janeiro: Nova Aguillar, 1994.
- COHEN, Nissin (org). *Ensinamentos do Buda: uma antologia do cânone Páli*. São Paulo, SP: Devir Livraria, 2008.
- _____. (trad.). *Dhammapada: a senda da virtude*. Tradução do Páli. 3ª ed. rev. e atual. - São Paulo: Palas Athena, 2004.
- COMPAGNON, Antoine. *O demônio da teoria: literatura e senso comum*. Tradução: Cleonice Paes Barreto Mourão, Consuelo Fortes Santiago. 2. ed. - Belo Horizonte: Editora UFMG, 2010.
- COUTINHO, Afrânio. SOUSA, J. Galante de. *Enciclopédia de Literatura Brasileira*. Volumes I e II. São Paulo: Global Editora, 2001.

- CUNHA, Fausto. *Augusto dos Anjos salvo pelo povo*. In: BUENO, Alexei. *Augusto dos Anjos: obra completa*. Rio de Janeiro: Nova Aguillar, 1994.
- ELIADE, Mircea. *História das crenças e das ideias religiosas II: de Guatama Buda ao triunfo do Cristianismo*. Tradução: Roberto Cortes de Lacerda. Rio de Janeiro: Zahar, 2011.
- ERICKSON, Sandra S. F. - *Augusto dos Anjos: Budismo moderno*. In <http://www.cchla.ufrn.br/shXVIII/artigos/GT05/Sandra%20S.F.%20Erickson.pdf>
- _____. - *Mater Originalis: Buda Matri – Augusto dos Anjos e o Sûtra Prajñāpāramitā*. In Revista Cultura Oriental: <http://periodicos.ufpb.br/ojs/index.php/co/article/view/20194>
- FARIA, José Escobar. *A poesia científica de Augusto dos Anjos*. In: BUENO, Alexei. *Augusto dos Anjos: obra completa*. Rio de Janeiro: Nova Aguillar, 1994.
- FARIAS BRITO, Raimundo. *O Mundo Interior*. Brasília, Senado Federal, 2006.
- FERNANDES, Flávio Sátiro. *Augusto dos Anjos e a Escola do Recife*. pp. 17-20. In: Revista Genius. João Pessoa: Lan Edições e Comércio de Periódicos Ltda., 2014.
- FREYRE, Gilberto. *Nota sobre Augusto dos Anjos*. In: BUENO, Alexei. *Augusto dos Anjos: obra completa*. Rio de Janeiro: Nova Aguillar, 1994.
- FONTES, Hermes. *Crônica Literária*. In: BUENO, Alexei. *Augusto dos Anjos: obra completa*. Rio de Janeiro: Nova Aguillar, 1994.
- GRIECO, Agripino. *Um livro imortal*. In: BUENO, Alexei. *Augusto dos Anjos: obra completa*. Rio de Janeiro: Nova Aguillar, 1994.
- GUEDES, Linaldo. *Augusto dos Anjos*. João Pessoa, PB: Editora A União, 2000.
- _____. *Receitas de como se tornar um bom escritor*. Portugal: Chiado Editora, 2015.
- HOUAISS, Antônio. *Cinquentenário da morte de Augusto dos Anjos*. In: BUENO, Alexei. *Augusto dos Anjos: obra completa*. Rio de Janeiro: Nova Aguillar, 1994.
- JUNIOR, Milton Marques. *Augusto para a Eternidade*. pp. 24-27. In: Revista Correio das Artes. João Pessoa: A União Superintendência de Imprensa e Editora, abril de 2017.
- _____. *Desde a Epigênese da Infância....*, pp. 16-19. In: Revista Correio das Artes. João Pessoa: A União Superintendência de Imprensa e Editora, junho de 2017.
- LINS, Álvaro. *Augusto dos Anjos, poeta moderno*. In: BUENO, Alexei. *Augusto dos Anjos: obra completa*. Rio de Janeiro: Nova Aguillar, 1994.
- MACHADO, Raul. *Augusto dos Anjos*. In: BUENO, Alexei. *Augusto dos Anjos: obra completa*. Rio de Janeiro: Nova Aguillar, 1994.
- MELO, Fernando. *Augusto dos Anjos, uma biografia*. João Pessoa: Idéia, 2001.
- MIRANDA, Ana. *A última quimera*. São Paulo: Companhia das Letras, 1995.
- MONTEIRO, Joaquim. *O budismo Yogacara: uma introdução*. João Pessoa: Editora UFPB, 2015.

- MONTEIRO, Fernando J. S. *10 lições sobre Schopenhauer*. Petrópolis, RJ: Vozes, 2011 (Coleção 10 lições)
- MURICI, Andrade. *Augusto dos Anjos e o Simbolismo*. In: BUENO, Alexei. *Augusto dos Anjos: obra completa*. Rio de Janeiro: Nova Aguillar, 1994.
- NÓBREGA, Humberto. *Augusto dos Anjos e sua época*. 2º edição. João Pessoa: Editora Universitária/UFPB, 2012.
- OITICICA, José. *Augusto dos Anjos*. In: BUENO, Alexei. *Augusto dos Anjos: obra completa*. Rio de Janeiro: Nova Aguillar, 1994.
- OTTO, Rudolf. *O sagrado: Os aspectos irracionais na noção do divino e sua relação com o racional*. Tradução: Walter Schlupp. Petrópolis: Vozes, 2007.
- RAVERI, Massimo. *Índia e Extremo Oriente: a via da libertação e da imortalidade*. São Paulo: Hedra, 2005.
- REGO, José Lins do. *Augusto dos Anjos e o Engenho Pau D'Arco*. In: BUENO, Alexei. *Augusto dos Anjos: obra completa*. Rio de Janeiro: Nova Aguillar, 1994.
- SARTRE, Jean-Paul. *Que é Literatura?* Tradução: Carlos Felipe Moisés – Petrópolis, RJ: Vozes, 2015.
- SCHOPENHAUER, Arthur. *O mundo como vontade e representação*. Tradução: M.F. Sá Correia. Rio de Janeiro: Contraponto, 2001.
- SILVA, Maria Helena da Cruz; OLIVEIRA, Anice Brito Lira de Oliveira. *Vocabulário Poético do EU: Glossário*. João Pessoa: Academia Paraibana de Letras, 1986.
- SOARES, Órris. *Elogio de Augusto dos Anjos*. In: BUENO, Alexei. *Augusto dos Anjos: obra completa*. Rio de Janeiro: Nova Aguillar, 1994.
- SOUSA, João da Cruz e. *Poesias completas: Bróqueis, Faróis, Últimos sonetos*. Rio de Janeiro: Ediouro, São Paulo, Publifolha, 1997.
- SPENCER, Elbio. *Augusto dos Anjos num estudo incolor*. In: BUENO, Alexei. *Augusto dos Anjos: obra completa*. Rio de Janeiro: Nova Aguillar, 1994.
- TORRES, Antônio. *O poeta da morte*. In: BUENO, Alexei. *Augusto dos Anjos: obra completa*. Rio de Janeiro: Nova Aguillar, 1994.
- VIANA, Chico. *Excesso e falta em Augusto dos Anjos*. In: Revista Genius. João Pessoa: Lan Edições e Comércio de Periódicos Ltda., 2014.
- _____. *O Evangelho da Podridão: culpa e melancolia em Augusto dos Anjos*. 2 ed. João Pessoa: FCJA, 2012.
- USARKI, Frank. *O Budismo no Brasil – um resumo sistemático*. São Paulo, Lorosae, 2002.